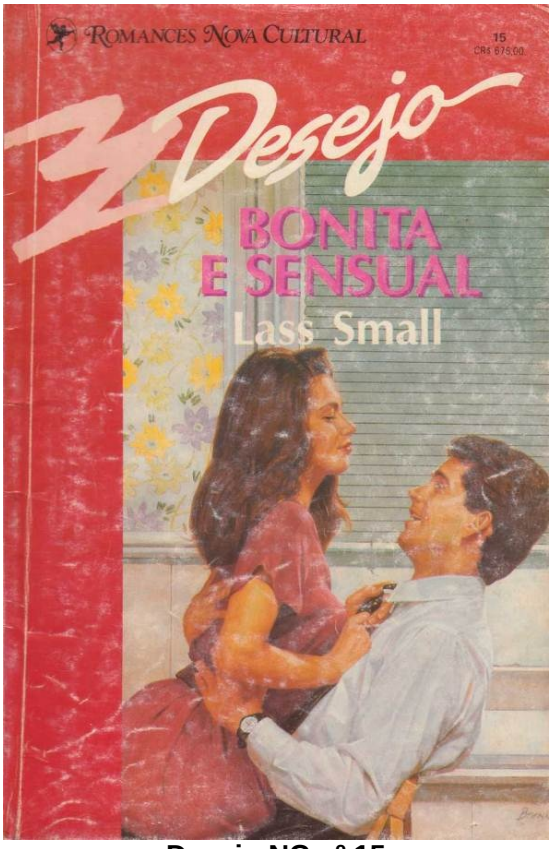
BONITA E SENSUAL

A disruptive influence

Lass Small



Desejo NC nº 15

UMA IDÉIA PICANTE E ESCANDALOSA!

Tudo começou com uma calcinha de seda francesa... Quem mais, senão Sally Yoder, a compradora da loja de departamentos, seria capaz de colocá-la num manequim de uma maneira tão atrevida e sensual? Ela queria atrair a multidão que visitaria a feira... Mas o que conseguiu atrair foi a imediata atenção de Mitchell Goalong, diretor de marketing da loja, que não iria admitir tal loucura!

Na opinião de Mitch, só havia uma atitude a tomar: demitir a funcionária. No entanto, a fascinante Sally tinha o poder de tornar Mitch — sempre equilibrado e seguro de si — um homem indeciso. Ela era o tipo de mulher que Mitchell Goalong não podia ignorar...

Digitalização e revisão: Nell

ProjetoRevisoras

Querida leitora,

Bem-vinda à apaixonante série DESEJO que está seduzindo todas as mulheres que adoram ler histórias de amor ardente, plenas de ternura e sensualidade. Sinta

esse amor moderno, deixe seu corpo e sua imaginação vibrarem com descrições das cenas tórridas incrivelmente reais dos íntimos encontros entre um homem e uma mulher atraídos por fulminante paixão. Neste mês você vai ter livros lindos e sensualíssimos!

No DESEJO 13 a história *Um Filho... Por Amor*, fará todas as leitoras se emocionarem com o drama de Joanna Nash, jovem paraplégica que não hesita em ter um filho do homem por quem está loucamente apaixonada.

No DESEJO 14, *Loucos Corações* mostra o intenso e original relacionamento entre uma professora e seu cunhado.

No DESEJO 15, na original história *Bonita e Sensual*, você vai se divertir com os incríveis encontros de um jovem casal...

DESEJO! Livros sensuais para encantar você!

Carolina Maria

Editora Chefe

Copyright © 1993 by Lass Small

Originalmente publicado em 1993 pela Silhouette Books, Divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.

Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: A DISRUPTIVE INFLUENCE

Tradução: Cristina Sangiuliano

Copyright para a língua portuguesa: 1993

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP 01410-901

São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo.

CAPÍTULO I

Em Fort Wayne, Estado de Indiana, no *Grand Wayne Center*, o novo vice-presidente de marketing observava a área da exposição que seria ocupada por sua companhia. E foi então que a viu.

Um bloco inteiro da área de exposição fora reservada à Jamisons. O estande no qual ela trabalhava fazia parte do bloco. Seria uma funcionária da Jamisons?

Ela estava tão... atarefada! Foi isso o que chamou a atenção de Mitchell Goalong. Enquanto Mitch apoiava o corpo atlético ao balcão do estande de Pike, estava ouvindo cada palavra do que o outro dizia, mas seus olhos não se desviavam dela.

Considerou que ela era comum em todos os sentidos: altura, peso, postura, rosto... Talvez pudesse perder alguns quilos. Se usasse sapatos de salto realmente altos, o topo de sua cabeça chegaria à altura das sobrancelhas de Mitch.

Seus cabelos, de um castanho também comum, caíam soltos sobre os ombros e seus cachos pareciam naturais. Ela fazia uma boa presença: belas pernas e um traseiro mais belo ainda. Perfeitamente correta. Uma garota, ou melhor, uma mulher americana típica.

Não fazia alarde com sua exposição. Afastava-se para avaliar o que acabara de fazer, então voltava a aproximar-se e alterar detalhes. E começava tudo de novo: afastava-se, avaliava, alterava. Parecia totalmente concentrada no trabalho.

Foi então que Mitch deu-se conta de que não estava tão interessado no que ela estava fazendo, quanto estava interessado nela. Afinal, era uma mulher, não era?

Ela não se dava conta do quanto era atraente. Seus movimentos não eram estudados para produzir efeitos determinados. Ao contrário de muitas mulheres que calculavam cada gesto, e de outras que agiam assim por instinto natural. Ela era autêntica.

Seus movimentos rápidos, o batom já gasto, os cabelos despenteados

comprovavam o fato dela estar muito mais preocupada com a exposição do que consigo mesma. Na verdade, sua aparência faria qualquer um pensar que estivera rolando no chão há horas.

Mitch fez um gesto de cabeça na direção dela, antes de perguntar a Pike:

— Quem é aquela moça?

— Não acredito que você ainda não a conheça!

— Por quê? — Sua impaciência fez com que se virasse para encarar o outro.

Pike, um sujeito baixinho, gorducho, mais ou menos da mesma idade de Mitch e cheio de bom humor, respondeu com ar sonhador:

— Ela é a mulher nua presente em todos os nossos sonhos lascivos e, às vezes, nos pesadelos também. É ela. — O tom de Pike indicava que tais palavras deveriam explicar tudo.

Mitch suspirou com impaciência.

— É funcionária da companhia e trabalha conosco há... quanto tempo?

— Seis meses? Gostaria de saber exatamente o dia em que começou? Ela nos deixa loucos. Costumamos chamá-la de A.A., pois se parece com uma abelhinha atarefada. Interfere em tudo e está sempre nos dizendo como resolver problemas. É tão sincera e direta, que todos nós a escutamos. Mas isso acontece por causa dos sonhos que temos com ela. Fingimos ouvi-la com ares de profissionais interessados quando, na verdade, estamos prestando atenção em cada movimento de seus lábios, de suas mãos, de seu corpo, na maneira como ela nos olha. E, no fim, sempre descobrimos que não ouvimos quase nada.

Mitch esperou. Pike acabaria chegando ao ponto principal. Enquanto isso, Mitch podia contentar-se em observar A. A., logo adiante, do outro lado do corredor, ajeitando a exposição em seu estande.

Tratava-se de amostras do departamento de roupas femininas das lojas Jamisons. A exposição chamada NÓS ESTAMOS AQUI seria aberta ao público no próximo final de semana. Junho era um mês excelente para aquele tipo de atividade, uma vez que a temperatura ainda era amena. E, quanto maior o

público, melhor, uma vez que o intuito era mostrar o que as lojas locais ofereciam à população.

Com alguma dificuldade, Mitch desviou os olhos da mulher ocupada e concentrou a atenção na exposição. Ela estava mesmo fazendo um bom trabalho. O espaço que lhe fora destinado era limitado. Mesmo assim, ela soubera como aproveitá-lo. Bastaria um olhar para que os visitantes vissem tudo que estava exposto ali. E, ainda assim, a imagem ficaria gravada na memória de cada um que passasse. O manequim reproduzindo uma mulher encontrava-se posicionado como se enfrentasse o vento do outono. Umas das mãos firmava o chapéu contra a cabeça. O conjunto de saia e casaquinho esvoaçavam, revelando apenas um detalhe das ligas que prendiam as meias. Um dos joelhos dobrava-se de leve e a posição do pé chamava atenção para o sapato.

Muito inteligente.

Mitch ouviu com paciência enquanto Pike continuava seu discurso sobre a reação masculina à jovem, que se chamava Sally Yoder e tinha vinte e sete anos.

Ela havia colocado um pequeno ventilador, escondido sob várias folhas de papel amassados que formavam o fundo da paisagem. Quando ligou o aparelho, centenas de folhas secas, recortadas em papel e presas por fios de náilon oscilaram, como se fossem carregadas ao vento. O efeito visual era perfeito, chamando a atenção da assistência para a saia esvoaçante. Excelente.

Sally estudou o resultado do seu trabalho, então desligou o ventilador, a fim e colocá-lo numa posição melhor. Em seguida, voltou a testá-lo.

— ...e o problema é que ela está sempre certa! E é justamente isso o que nos faz recuar e hesitar.

Os olhos verdes de Mitch estreitaram-se. Então, ela estava sempre certa? Além de deixar todos os homens com quem trabalhava de queixo caído, ela ainda conseguia intimidar todos eles? Os lábios carnudos e bem desenhados de Mitch curvaram-se num sorriso predatório.

A camisa de A.A. havia saído para fora do cos da saia. Ela usava sapatos baixos e confortáveis. Havia um lápis em seus cabelos, preso atrás da orelha. Ela

nunca erguia os olhos. Estava tão concentrada no trabalho que fazia, que parecia não perceber que havia outras pessoas à sua volta.

Mitch deu uma olhada nos outros estandes. Todos haviam sido arrumados de maneira adequada. Haviam feito um trabalho satisfatório, profissional, padronizado.

Voltou a examinar o estande de Sally. Enquanto os demais eram inanimados, o dela apresentava movimento, atraindo o olhar de quem quer que passasse. Estava colocando etiquetas em diferentes partes do manequim. Mitch concluiu que as etiquetas seriam lidas com facilidade pelo público. Ao mesmo tempo, elas não destoavam do conjunto, nem estragavam os efeitos produzidos pela cena criada.

Assim como ele se sentia curioso para ler o que estava escrito nas etiquetas, tinha certeza de que todos que as vissem sentiriam o mesmo.

Pike continuava seu monólogo:

— ...e ela ergueu o braço e deu-lhe uma bofetada no rosto. Mas ele não ficou furioso como seria de se esperar. E ela lhe disse: “Nunca mais se atreva a fazer isto de novo! Está me ouvindo?” Tratou-o como se ela fosse adulta e ele, apenas um moleque de colégio, com a cabeça cheia de testosterona e vazia de bom senso. Todo mundo caiu na risada e ele se limitou a sacudir a cabeça. No final, não aguentou e acabou rindo também. Sabia que havia agido como um idiota e sabia que...

— Quem fez isso? — Mitch perguntou, voltando a olhar para Pike.

— Não está prestando atenção no que estou dizendo? Foi Andy. Agora, ele passa o tempo todo olhando para ela com aquele ar derretido, como todos nós fazemos. E podemos nos dar a esse luxo, porque ela parece nunca notar nenhum de nós, a menos que façamos algo por ela. Então, ela sorri com aquele rostinho angelical e se mostra toda agradecida e satisfeita, até um pouco comovida. Fazemos qualquer coisa para agradá-la e vê-la feliz. Sabe quanto me custou, em horas de trabalho que troquei com meus colegas, este lugar, de onde poderei vê-la durante toda a exposição? Pois não acreditaria se eu lhe contasse.

Então, os olhos verdes e perspicazes de Mitch passearam por todos os estandes, de onde ela podia ser vista. Nenhum dos homens presentes estava fazendo coisa alguma. Todos limitavam-se a observar a figura atarefada de Sally Yoder. Até mesmo Jake não tirava os olhos dela, mesmo sendo velho o bastante para ser seu avô.

Mitch decidiu que, uma vez terminada a exposição, sugeriria aos Jamison que a despedissem. Não podiam permitir uma distração como aquela entre os funcionários. Olhou para ela mais uma vez. Bem... Tinha vários contatos da melhor qualidade, e poderia ajudá-la a encontrar outro emprego. Considerou alguns dos contatos à disposição e, de imediato, descartou metade. A pobrezinha também não merecia ser atirada à jaula dos leões, ou melhor, dos garanhões!

Mitchell tinha mais de um metro e oitenta de altura e já estava bem perto dos trinta anos, aquela linha divisória entre a juventude e a maturidade. Seus cabelos eram do mesmo castanho comum dos de Sally. Usava roupas dignas de um modelo profissional e ficava igualmente bem em abrigos de moletom. Sabia que contava com boa aparência. No entanto, fora criado por pais adotivos que o haviam ensinado que precisava de muito mais que aparência para obter sucesso na vida.

E, ao longo dos anos, descobrira que seus traços atraentes podiam ser bastante úteis em algumas circunstâncias, bem como um risco em outras. E acabara por concluir que, no que dizia respeito às mulheres, contavam sempre como ponto positivo, independente de sua idade ou posição social.

Embora seus olhos continuassem a acompanhar cada movimento da Abelhinha Atarefada, seus ouvidos estavam atentos ao interminável relato de Pike, encorajando-o a continuar com suas histórias sobre Sally Yoder.

Ela se afastou do estande, virou-se e foi embora. Mitch foi tomado de um pânico irracional e irritou-se com a própria reação. Era óbvio que, mais cedo ou mais tarde, ela voltaria. Naquele exato momento, ela deu meia volta e fez o que ele não esperava que acontecesse tão cedo. Ela voltou. Caminhou lentamente, olhando cada estande pelo qual passava, respondendo com boa dose de distração

aos cumprimentos que recebia pelo caminho, então, passou pelo próprio estande, olhando-o como qualquer visitante o faria.

Caminhou até o fim do corredor, parecendo interessada em cada departamento exposto. Então, deu meia volta de novo e voltou. Embora sorrisse e acenasse para os colegas, estava claro que sua atenção se concentrava única e exclusivamente no seu estande. Passou por ele uma segunda vez.

Entrou, ajeitou o ventilador e repetiu os passeios para lá para cá.

Ela era fascinante.

Parou, olhou e então, partiu.

Simplesmente... partiu.

O clima do dia mudou por completo, como se houvesse passado de ensolarado a nublado num piscar de olhos. As pessoas que haviam assistido aos arranjos com tanta atenção e prazer, agora espreguiçavam, bocejavam e conversavam sem entusiasmo.

Mitch franziu o cenho. Ela fora o foco da atenção de todos até aquele momento. Assim que partiu, eles pareciam não ter o que fazer ou com o que se ocupar. E, para seu desgosto, notou que também ele mudara de posição, metendo as mãos nos bolsos das calças e finalmente voltando a olhar para Pike que, a essa altura, olhava fixamente para o ponto onde Sally desaparecera.

Ela era uma distração exagerada. Pelo bem da eficiência de seus funcionários, os Jamison teriam de livrar-se dela o quanto antes.

Quando fizera um curso de atualização em marketing no ano anterior, ouvira uma palestra justamente sobre aquela questão. O assunto fora amplamente discutido. Um funcionário, homem ou mulher, muito atraente poderia provocar problemas seríssimos para uma companhia. No caso do homem, a dificuldade costumava ser bem menor. Os problemas criados eram, geralmente, fáceis de se resolver, nunca apresentando generalizações. Mas, no caso da mulher, a menos que se tratasse da presidente da companhia... ou da amante do presidente da companhia... ela deveria ser transferida para algum lugar remoto, onde não pudesse chamar a atenção dos demais. Ou, então, ser

despedida por alguma razão consistente que evitasse o risco da companhia ser processada por discriminação.

Sally Yoder tinha seus dias contados na Jamisons. Como qualquer outro ser humano, ela tinha de ter alguma falha que justificasse sua demissão.

Embora Mitch permanecesse por ali durante um longo tempo, mostrando-se interessado e muito ocupado, Sally não retornou.

Havia examinado cada um dos estandes da companhia, avaliando suas exposições. Constatara que o pessoal conhecia o trabalho e já participara de outras feiras, antes, pois suas mostras eram simples, diretas, objetivas.

Finalmente, esgotou todos os motivos possíveis para atrasar sua partida e viu-se sem opção, senão de retirar-se. E descobriu-se vítima de uma terrível relutância em desistir da espera.

A constatação fez com que parasse para pensar, pois parecia que havia se deixado fascinar pela Abelhinha Atarefada, assim como todos os outros. Então, fez um exame de consciência e sentiu-se em paz. Não havia qualquer envolvimento ou tentação em seus propósitos. Seu interesse era meramente profissional.

Participaria do almoço oferecido a todos os envolvidos na exposição, como seria de se esperar. Afinal, fazia parte do seu trabalho. Mesmo assim, ficara satisfeito por ter sido convidado pessoalmente pelo Sr. Jamison, que declarara fazer questão de sua presença.

Mitch fora o homem escolhido para tirar as lojas Jamisons da estagnação, aumentando suas vendas, bem como sua popularidade e margens de lucro.

A idéia de se fazer a feira fora sua. A princípio, a sugestão fora feita apenas ao Sr. Jamison. Mais tarde, decidiram que outras lojas locais participariam. Entretanto, a Jamisons seria a única loja de roupas e utilidades domésticas a fazer parte da exposição. Com total aprovação do dono da companhia, ele havia levado o projeto à Câmara do Comércio e eles, finalmente, haviam organizado o evento.

A reação das demais lojas fora excelente e a publicidade também fora

muito boa.

Haviam contratado um conjunto de *blues*, o *Heavy Weather*, de Austin, no Texas. Eles se apresentariam na noite de sábado. Aquele fora um dos pontos fortes da programação. Os ingressos poderiam ser adquiridos em todas as lojas de discos da cidade. Haviam se esgotado em menos de uma semana.

O conjunto, liderado por Bill Small, chegara do Texas na noite anterior e, durante aquele dia, havia visitado várias escolas e hospitais.

A cobertura dada pela imprensa fora excepcional.

A maioria dos funcionários da Jamisons que estivera trabalhando nos estandes, estava agora presente no almoço. Sally também estava lá. Mitch manteve-se circunspecto. Não foi direto falar com ela, como gostaria de ter feito. Em vez disso, tirou algumas fotografias do pessoal de gerência e diretoria. Todos riam e agiam da maneira que fazem as pessoas quando querem ser fotografadas, mas não se sentem à vontade para posar abertamente.

Os integrantes do alto escalão da Jamisons sempre vestiam ternos cinza durante o dia e azul-marinho, ou smoking preto, à noite. Não era nada fácil distinguir um Jamison de outro, exceto pelo patriarca, Edgar. Tratava-se de uma família essencialmente masculina. Havia apenas uma mulher entre os herdeiros e seu nome era Abigail.

Mitch usava um terno azul-marinho e foi entrevistado pelos repórteres presentes. Ficou um tanto surpreso. Do outro lado do salão, o Sr. Jamison ergueu um copo de chá gelado e assentiu com um sorriso, demonstrando aprovação e confiança. Ele se sairia bem.

Mitch frequentara um curso sobre entrevistas e aprendera como se comportar em entrevistas marcadas com antecedência e, principalmente, naquelas que aconteciam sem serem esperadas.

A repórter que o entrevistava perguntou:

— Por que achou que a exposição seria um sucesso?

Boa pergunta para começar.

— Contamos com excelentes lojas, cujos proprietários e equipes são daqui

mesmo, de Fort Wayne. Queríamos lembrar nossos cidadãos de que vivemos em uma boa cidade, da qual devemos nos orgulhar.

— O senhor nasceu aqui?

Ele sorriu.

— Não. Mudei-me para cá recentemente, mas já me sinto em casa.

Ela gostou do modo como ele falou, sorridente e devolveu-lhe o sorriso.

Mitch aproveitou a oportunidade para dar sua mensagem:

— A maior parte de nossos funcionários é da cidade. A clientela poderá encontrar amigos e parentes na Jamisons. Trata-se de um bom lugar, um ambiente altamente familiar.

— E vocês contrataram o *Heavy Weather*, de Austin, no Texas, para tocar na feira?

— Exatamente. Como consideramos nossa exposição uma celebração de originalidade e sucesso, nada como uma atração que possuísse as mesmas características.

— Das pessoas que se encontram aqui neste momento, quem é nativo da região?

— Todos conhecem a família Jamison.

O câmera focalizou-os e, mais uma vez, eles ergueram seus copos de chá gelado e sorriram do outro lado do salão.

— Quem mais?

Ele citou os nomes de um por um, apontando-os. Acabou chegando em alguém que também era nativa. A Abelhinha Atarefada.

— E a Srta. Yoder.

O câmera pareceu não encontrar a menor dificuldade em localizar a Srta. Yoder. Focalizou-a por um período de tempo muito maior do que o dispensado aos demais. Ela ergueu os olhos rapidamente e, então, voltou a baixá-los para o prato que segurava e continuou a comer. O câmera estava completamente fascinado. A seu lado, Mitch reconheceu a risada divertida de Pike. Todos os homens no recinto mostravam-se inteiramente solidários com o drama do rapaz.

E Mitch estava certo de que, naquele exato momento, cada um deles planejava um meio de ir para casa e programar o vídeo-cassete para gravar o noticiário da noite. Então, teriam Sally ao vivo e a cores em uma fita à qual poderiam assistir sempre que tivessem vontade, até arruiná-la. E assistiriam em câmera lenta, para poder apreciar-lhe os movimentos da boca enquanto comia. E ela ergueria os olhos e sorriria, e eles se convenceriam de que o sorriso fora dirigido a cada um deles e se sentiriam especiais. Todos sonhariam com ela.

Mitch respirou fundo, tentando se acalmar. Refletiu que estivera trabalhando demais ultimamente, com a coordenação e planejamento de cada estande da Jamisons para a feira. Devia estar esgotado e predisposto a ter alucinações. O melhor que teria a fazer seria ir até seu apartamento, tomar um banho, barbear-se e vestir roupas limpas. E programar o vídeo-cassete.

Sentiu-se um bocado diminuído ao constatar que não era nem um pouco diferente do restante da multidão.

Bem, com a fita gravada, seria mais fácil encontrar a tal falha que justificaria a demissão sumária da Srta. Yoder. Era nisso que deveria concentrar seus esforços.

Endireitou os ombros e sentiu-se recuperar a postura de executivo bem sucedido.

Então, a entrevistadora conseguiu chamar a atenção do câmera e perguntou a Mitch:

— O que acha de nossa cidade? — Sua voz era um convite e seus olhos, uma provocação.

Ele piscou repetidas vezes e sorriu de leve. A repórter estava usando a entrevista para lhe passar uma cantada? Respondeu com voz suave e tom jovial:

— Como já disse, sinto-me em casa. É como se houvesse vivido aqui toda a minha vida.

A repórter apertou-lhe a mão, agradecendo e, ao retirá-la, deixou um cartão com seu telefone.

Ela e o câmera afastaram-se, tomando o rumo da saída. Mitch observou o

rapaz e constatou que era um jovem bonito e atraente. Como seria de se esperar, antes de passar pela porta, ele se virou para olhar Sally mais uma vez.

Num movimento reflexo, Mitch girou a cabeça na direção dela. Sally estava de costas, servindo-se mais uma vez no bufê.

Pelo simples fato dela não haver dado a menor atenção ao câmera bonitão, algo dentro de Mitch quase se derreteu e ele se sentiu mais satisfeito do que nunca.

Encaminhou-se para ela como se estivesse se aproximando por acaso. E até planejou esbarrar nela, quando passasse. Como tivesse as mãos livres, poderia usá-las para ampará-la, quando ela perdesse o equilíbrio. E concluiu seu plano com extrema eficiência.

Ela ergueu os olhos e falou:

— Você é Mitch Goalong, não é? Ouvi falar de você.

— Só coisas boas, claro — ele replicou com um sorriso.

Sally atirou a cabeça para trás e soltou uma risada divertida.

Então, seus olhos azuis fixaram os olhos verdes de Mitch.

E tudo tornou-se mais lento. As pessoas moviam-se com maior lentidão, as palavras soavam mais longas. Era como um dos velhos episódios de *Jornada nas Estrelas*, quando o capitão Kirk e o dr. Spock tentavam resolver uma questão crucial e, de repente, seus metabolismos se aceleravam, enquanto o dos demais ocupantes da nave tornava-se mais lento. E como Spock costumava dizer, “Era fascinante!”.

Então, isolados numa ilha de sanidade, lentos e donos de todo o tempo do mundo, lá estavam eles. Ele e o problema chamado Sally Yoder. Mitch fitou-a e sentiu-se, sem sombra de dúvida, fascinado.

Ela passou a língua pelo lábio com naturalidade. No entanto, aos olhos de Mitch, o gesto foi lânguido e sensual. Dentro de poucos minutos, ele iria até seu novo apartamento, a poucas quadras dali, e ligaria o vídeo-cassete.

— Como está se adaptando à cidade? — ela perguntou, parecendo sinceramente interessada.

— Tem sido um processo relativamente indolor.

— Sua escolha de palavras foi ótima.

— Refere-se a “indolor”?

— Não, a “relativamente”. Tem parentes por aqui?

— Meu irmão de criação mora aqui e acabo de adotar Pike como primo.

— Pike é muito engraçado. Ele compõe canções. Tenha cuidado quando o *Heavy Weather* estiver por perto, pois ele é bem capaz de tentar vender-lhes algumas.

— Pike compõe canções estranhas.

— São do estilo country-western. E o *Heavy Weather* poderia gravar algumas delas em ritmo de *blues*. Já viu a lista *country-western* dos dez piores títulos?

Mitch soltou uma risada e deu-se conta de que o seu metabolismo, assim como o de Sally, havia voltado ao normal. Agora, os dois encontravam-se em sintonia com as outras pessoas presentes no evento.

Seu passeio pelo salão havia parado em Sally e ele agora descobria que uma porção de outros homens encontrava-se reunida em torno deles, interrompendo sua conversa com comentários e títulos que constavam da tal lista dos dez piores.

Sorridente, Sally aceitava a intromissão, respondendo a todos com simpatia. Mitch, porém, foi tomado por um forte sentimento de hostilidade contra os intrusos.

E foi justamente tal sentimento que o fez sentir a necessidade de considerar com cuidado sua reação a Sally. Assim, ele se despediu:

— Vejo você mais tarde.

— Sim — ela respondeu de maneira distraída, mal olhando na sua direção.

Saiu do *Grand Wayne Center* e caminhou lentamente pelas duas quadras, até chegar à *Mid-Town Crossing*. Velhos edifícios haviam sido reformados, reconstruídos e transformados em blocos de apartamentos. Alguns eram alugados, outros habitados pelos próprios proprietários. Todos eram muito

elegantes, constituindo a melhor região do centro da cidade.

Mitch destrancou a porta de entrada e subiu a escada para o seu andar. Havia apenas quatro apartamentos por andar. O seu ficava do outro lado do corredor, com vista para a *South Harrison Street*. O apartamento possuía sala de visitas, sala de jantar, cozinha, dois dormitórios e dois banheiros.

A primeira coisa que fez ao chegar em casa, foi programar o vídeo-cassete para a gravação do noticiário.

O apartamento era decorado com diversas peças encontradas nos sótãos de vários parentes residentes em Ohio. A maioria delas tinha alguma relação com histórias da família, algumas haviam sido consideradas lixo, até Mitch descobri-las, outras eram artigos de excelente qualidade. A enorme cama de casal era nova.

Abriu o guarda-roupa e apanhou a roupa que vestiria depois do banho. Ficou satisfeito ao pensar que o evento daquela noite seria formal e que ele possuía seu próprio smoking e não precisasse alugar um. De uma gaveta, retirou dois lenços de linho e uma cueca limpa. Colocou um preservativo no bolso interno do paletó.

Refletiu sobre o que acabara de fazer. Após alguns minutos, concluiu que seu tolo e ridículo inconsciente estava irremediavelmente cheio de esperanças. Retirou o preservativo e guardou o lenço.

Quanto havia conversado com Sally? Várias frases... O que não representava sequer o início das bases para que tivessem um caso. Estreitou os olhos pensativo. Provavelmente, ela não era do tipo que tinha casos. Sally era do tipo que exigiria compromisso para entrar num relacionamento. E ele não estava à disposição para nada parecido.

Durante o banho, decidiu que não se preocuparia mais com ela. Encontraria um meio de despedi-la, sem criar problemas para a companhia e poria um fim àquela história. Que fim? Que história? Como poria fim numa história que jamais tivera um início?

Mitch barbeou-se sem enxergar o próprio rosto no espelho. Mas seus

gestos eram tão distraídos e lentos, que nem sequer se cortou.

Vestiu-se com todo cuidado, repetindo para si mesmo que o excesso de zelo se devia ao fato da feira ser muito importante para a família Jamison. E, afinal, queria que todos eles se sentissem à vontade com ele em sua nova posição. Descobririam que não só haviam contratado um profissional qualificado ao posto, como também um homem de classe, com excelentes perspectivas de futuro.

...Sally se levantaria e o fitaria com olhar impressionado. E o Sr. Jamison lhe daria um tapinha no ombro e lhe diria para tirar aquela moça dali, levá-la para longe e cuidar dela.

Estaria ficando louco?

Ao examinar o apartamento, a fim de verificar se não estava esquecendo nada, teve o cuidado de apagar todas as luzes e desligar todos os aparelhos elétricos e eletrônicos, exceto pelo vídeo-cassete, que ele checou mais uma vez, certificando-se de que estava devidamente programado.

Verificou o dinheiro na fina carteira que costumava usar em eventos noturnos, os lenços, as moedas e as chaves. Olhou-se no espelho e gostou do que viu.

Apanhou sua câmera fotográfica importada, pequena porém da melhor qualidade, trancou a porta do apartamento e saiu. Desceu a escada até a porta da frente, que se trancava automaticamente, sem a necessidade do uso das chaves. Então, caminhou de volta para o *Grand Wayne Center*.

A feira foi inaugurada na noite de sexta-feira, com grande estardalhaço. Equipes dos noticiários de televisão, assim como repórteres de todos os jornais locais estavam presentes. O coquetel estava excelente. Os convidados vestiam trajes rigor e as mulheres estavam radiantes.

Mitch encaminhou-se para onde sabia que encontraria Sally. Tinha uma câmera e daria um jeito de tirar fotografias dela. Certamente, conseguiria apanhá-la em flagrante, fazendo algo inaceitável.

Bem... O que ela poderia fazer naqueles estandes apertados e cheios de

gente?

Não conseguiu pensar em nada. Só sabia que queria tirar algumas fotos dela, nos melhores ângulos.

Não foi grande surpresa descobrir que o corredor reservado aos estandes da Jamisons, especialmente diante do estande de Sally, encontrava-se lotado por uma verdadeira multidão de visitantes. Aqueles que não haviam encontrado um meio de aproximar-se, esticavam-se e punham-se na ponta dos pés, tentando descobrir o que se passava ali. Risadas e exclamações incompreensíveis enchiam o ar.

Mitch não podia ver ou ouvir o que estava causando o pequeno tumulto, mas suspeitou que fosse aquela mulher: Sally Yoder.

E estava certo.

Tendo mais de um metro e oitenta de altura, era capaz de ver um pouco além da multidão de visitantes. Notou que o estande de Sally era o verdadeiro centro de toda a agitação. As equipes de filmagem enviadas pelas emissoras de televisão solicitavam colaboração:

— Podem nos dar um pouco mais de espaço, por favor?

E as pessoas moviam-se alguns poucos centímetros, fitando-os como se estivessem lhes prestando um enorme favor.

Então, alguém encontrou algumas cadeiras e, um instante depois, os câmeras encontravam-se empoleirados nas mesmas, enquanto seus assistentes continuavam a pedir espaço à platéia.

E Mitch estreitou os olhos, numa atitude desconfiada. Sally Yoder fizera algo para chamar a atenção dos repórteres. E, talvez, o argumento de que precisava para demiti-la estivesse bem ali. Quando deixara o local, naquela tarde, não havia absolutamente nada naquele estande que pudesse causar tamanho furor.

O tom de animação e divertimento que envolvia as pessoas reunidas ali não diminuiu.

A certa altura, Mitch ouviu a voz de Sally, que dizia entre risos:

— É verdade! Nunca aconteceu com você?

Apesar do riso, a voz dela parecia carregada de lógica e precisão. O tom que se usa para tratar de negócios. Naquelas circunstâncias, isso era bastante estranho.

As risadas que se seguiram seriam mais apropriadas à platéia de um programa humorístico.

O que ela havia feito? Ele precisava descobrir.

— Com licença — falou ao homem parado à sua frente.

Sem nem mesmo virar a cabeça, o homem respondeu com firmeza:

— Não.

Mitch não podia lembrar-se de outra ocasião em sua vida, em que alguém havia respondido a um pedido daquele com uma negativa tão rude e direta. Aonde esse mundo ia parar?

Com voz mais firme, insistiu:

— Deixe-me passar.

— Deixo coisa nenhuma!

— Sou da segurança.

— Então, mostre as credenciais.

Mas, era muita audácia por parte de um reles cidadão comum! Só podia ser reação subliminar à falência dos sistemas financeiros, dos valores morais e dos costumes! Ou quem sabe, resultado da revolta contida contra a inconseqüência dos políticos dos nossos tempos!

Com a rapidez de um relâmpago, Mitch exibiu sua carteirinha de sócio da biblioteca, acoplada à sua carteira de motorista.

— O que é isso?

— Trabalhamos disfarçados.

— Minha nossa, vocês estão em todos os lugares!

— Exatamente;

O sujeito afastou-se não mais que cinco centímetros, com suspiros pouco gentis.

O progresso de Mitch foi lento. Dirigia-se passo a passo, na direção do brilho dos holofotes necessários às filmagens. Usou a combinação de carteirinha de sócio da biblioteca e carteira de motorista com relativo sucesso, até um sujeito rosnar:

— A quem pensa estar enganando, espertinho?

Assim, seu progresso foi interrompido por completo. Colocou-se na ponta dos pés e esticou o pescoço ao máximo. Então, pôde ver a Abelhinha Atarefada muito calma e tranquila.

Sem nunca deixar de sorrir, tratava o incidente como não sendo grande coisa. Absolutamente lógico.

A questão mais urgente era: O QUE era tão lógico, a ponto de atrair tanta atenção? A lógica jamais fora atraente à mídia. Por outro lado, pecado, erros, assassinatos e todo tipo de violência eram campeões de audiência. Notícias lógicas nunca apareciam nas manchetes.

Mitch começou a sentir-se inquieto e um pouco perturbado. A Companhia Jamisons era uma empresa um tanto formal e qualquer coisa que provocasse toda aquela agitação, só podia ser um dos itens noticiáveis. Não se tratava de violência ou assassinato. Afinal, as pessoas pareciam estar se divertindo um bocado. Tratava-se de um erro ou de um pecado.

E Mitch perguntou-se como agiria para neutralizar o que quer que ela tivesse feito, a fim de salvar a reputação da companhia.

— A emissora de televisão *World News Network* vai adorar este furo!

O comentário partira de um câmera, empoleirado numa cadeira.

E Sally dizia:

— Certifiquem-se de que nosso nome e nossa cidade sejam anunciados de maneira correta.

Ela dissera mesmo aquilo? Por quê?

Mitch cerrou os dentes, sentindo todos os músculos de seu corpo tornarem-se rijos e tensos. Prendeu a respiração e cerrou os punhos.

As equipes de televisão começaram a recuar, abrindo caminho por entre a

multidão inabalável.

— Com licença, por favor.

— Temos um prazo a cumprir.

— Por favor, não podemos mudar nossa programação.

Mitch não se afastou nem um centímetro. Não estava certo de que deveria deixá-los partir. Havia a grande possibilidade dele precisar confiscar todas as câmeras e destruí-las. A sensação desagradável de um desastre se aproximando tomou conta de seu espírito.

Com a diminuição gradual do número de pessoas junto ao estande, Mitch podia ver uma área cada vez maior.

Sally Yoder aparentava serenidade. Usava um vestido de noite, simples, de alças bem finas. Estava linda. Seus olhos brilhavam, cheios de vida e os cabelos soltos emolduravam-lhe o rosto.

O estande de Pike ficava próximo ao dela. Ele desceu de uma cadeira e, quando a multidão se dispersou, avistou Mitch.

— Pode acreditar? Ela sempre faz alguma coisa que deixa todo mundo louco! — falou com uma risada.

Mitch limpou a garganta e tentou fazer a voz soar normal. Soou terrível:

— Quem fez o quê?

— Isso podia ser o título de uma grande canção! Vou escrevê-la.

— Pike!

— Sim, Mitch?

— O que a tal de Yoder fez?

Pike riu de novo.

— Espere e verá. Tem de dar crédito à garota. Estaremos em todos os noticiários do país.

E Mitch só conseguia pensar: “Meu Deus, o que ela fez?”

Embora houvesse calculado que se encontrava firmemente plantado no chão, ele descobriu que estava sendo arrastado, à medida que novos curiosos tentavam aproximar-se para ver o que causara tamanha comoção.

Quando se viu diante do estande, examinou-o com atenção. Nada parecia haver mudado. As etiquetas haviam ficado ótimas.

A que fora presa aos cabelos do manequim, dizia: “Nossas perucas não voam ao vento”. E a do casaco, dizia: “Nossos casacos mantêm o vinco e parecem novos o dia todo”. A do rosto dizia: “Nossa maquiagem é durável”. No chapéu, havia outra: “Nossos chapéus podem voar ao vento”.

Então, alguém a seu lado apontou.

Junto ao tornozelo do manequim, havia um pequeno pedaço de seda. A etiqueta dizia: “Nossas calcinhas não caem por acidente”.

CAPÍTULO II

Um homem de quase trinta anos não está muito longe dos dezenove, pensou Mitch divertido. Não era fácil conter a risada que o sacudia por dentro, enquanto ele se esforçava para manter o rosto sério. Em meio à massa que ria e comentava o que via, suas feições mantinham-se sóbrias, embora seus olhos brilhassem de divertimento.

Sally percebeu exatamente o que se passava com ele e ficou um pouco surpresa ao ouvir-lhe a voz soar rígida e um pouco áspera:

— Srta. Yoder, não devia ter feito isso.

— Por que?

— Conhece a filosofia das lojas Jamisons.

Ela teve de inclinar-se para a frente para que pudessem se ouvir. O barulho de vozes e risadas era intenso. Com uma pontada de arrogância, disse:

— Vamos aparecer em todos os noticiários. Se nenhuma tragédia terrível acontecer, estaremos até na *World News Network.*

Mitch fitou-a e explicou-lhe no tom que um adulto condescendente falaria a uma criança:

— Isso não é publicidade, é notoriedade. Não creio que seja esse o nosso objetivo.

— Compreendo — ela disse com ar de quem não compreende e nem está disposta a se esforçar para tanto.

— A senhorita me parece uma mulher de princípios morais elevados. Estou chocado pelo fato de haver escolhido este tipo de método para chamar atenção sobre si mesma.

Sally lançou-lhe um olhar paciente e, então, usou o mesmo tom que ele usara antes, como se explicasse algo a uma criança:

— Sou apenas a responsável pelo estande. Minhas calcinhas estão exatamente onde deveriam estar. É o manequim quem as perdeu, não eu. Mas, é óbvio que nunca passou por situação parecida em sua vida.

Depois de correr rapidamente os olhos pelo corpo dela, como se precisasse se certificar de que nada se encontrava fora de lugar, Mitch voltou a fitá-la com expressão de incredulidade.

— Você já? Como? O que aconteceu?

— Comprei uma calcinha que abotoava na cintura. Era de seda francesa e muito elegante. Decidi usá-la para ir à igreja, na primeira vez em que vesti um casaco de pele. Enquanto subia a escadaria, minha calcinha escorregou pelas pernas. Eu quase caí e me senti um tanto... desconfortável — ela contou sem fitá-lo nos olhos.

Totalmente tomado pela curiosidade, Mitch esqueceu-se da multidão ao seu redor, concentrando toda a atenção no relato.

— E então, o que você fez?

— Tive a presença de espírito de continuar andando e deixar que a calcinha escorregasse de vez para o chão. Então, apanhei-a depressa, guardei-a no bolso do casaco e entrei na igreja, como se nada houvesse acontecido. E durante a missa inteira, amaldiçoei meu anjo da guarda. Essa foi a pesquisa que fiz para montar este estande. A calcinha usada pelo manequim é a mesma que me colocou em tal situação. — Fitando-o com um sorriso maroto, acrescentou: — Como sempre usam calças, os homens nunca perdem suas cuecas.

Ele assentiu, aparentemente convencido pela lógica da explicação.

— Não tenho motivos para permanecer aqui, uma vez que minha exposição explica-se por si mesma. Vai me dar licença, ou gostaria de me passar

mais um sermão e me irritar mais um pouco?

Ele a havia... irritado! Franziu o cenho, segurou-lhe a mão ao mesmo tempo que virava-se e abria caminho por entre a multidão. Ela o seguiu, sem nem ao menos tentar retirar a mão da dele. Mitch estava mais do que consciente daquele pequeno detalhe. Então, os rapazes da loja pensavam que ela era intocável?

Várias vezes foram espremidos, pois as pessoas ainda se esforçavam para ver o estande que causara tamanha agitação e furor. Assim, ele podia senti-la pressionada contra suas costas. Teve vontade de virar-se e apertá-la contra si... De frente.

Concluiu que seus impulsos resultavam do desejo de protegê-la dos apertos da multidão. Claro. Era perfeitamente compreensível.

Afinal, sabia muito bem como certo tipo de homem se aproveitava das mulheres, usando a multidão como desculpa.

Então, mordeu o lábio com força, concentrando-se em como explicaria aquela confusão aos Jamison.

E por que deveria dar qualquer explicação? Encontrara o grande motivo que estivera procurando! Diria à sua adorável A.A. que suas idéias eram avançadas demais para uma cidadezinha como Fort Wayne. Talvez ela devesse tentar encontrar um emprego em Chicago ou Nova York, onde tudo era aceitável e considerado normal. E, ainda, havia a Califórnia, totalmente desprovida de preconceitos e fadada a desaparecer no mar, mais cedo ou mais tarde.

Não. Não queria que ela fosse para a Califórnia.

Ao emergir da multidão no final do corredor, Mitch avistou a família Jamison. Estavam todos sérios, com expressões graves. Um deles fitou-o com olhar de profunda reprovação, ao descobrir quem o seguia. Sussurrou algo para os familiares que se afastaram, a fim de não terem de cumprimentar Sally. Mas todos eles assentiram para Mitch, congratulando-o por haver apanhado a criminosa.

Em vez de sentir-se satisfeito, Mitch ficou perturbado. A reprovação fora

óbvia naquele breve olhar e o fato de todos se afastarem para evitar Sally era demais.

Bem, de qualquer modo, havia encontrado uma solução simples. Mesmo assim, deveria advertir os Jamison quanto ao risco de serem acusados de discriminação. Certamente, não gostariam de ser processados. E, demitir uma mulher era sempre muito perigoso. Deveriam ser mais cuidadosos com suas atitudes.

Claro que se o criminoso fosse um homem, como Mitchell Goalong, por exemplo, eles não encontrariam a menor dificuldade em livrar-se do estorvo. Afinal, ele não tinha o direito algum.

Portanto... Se decidisse defender a causa da mocinha atrevida que puxava pela mão e que desafiara a ira dos poderosos Jamison, estaria se colocando na posição de funcionário indesejável.

Era uma idéia interessante.

Sem que se desse conta do que fazia, apertou a mão de Sally com mais força. Quando sentiu que ela tentava desvencilhar-se, indicando que não tinha a intenção de segui-lo pelo resto da noite, ele murmurou por cima do ombro:

— Não faça isso.

Sem mais uma palavra, ele se limitou a fitá-la com seriedade intensa. Ela devolveu-lhe o olhar. Ainda puxando-a pela mão, Mitch procurou pelos lugares marcados para o jantar formal, para o qual o público fora convidado a participar, desde que pagassem uma taxa.

Estavam acrescentando mais mesas, para que um maior número de pessoas pudesse se acomodar.

Seguindo a sugestão de Mitch, os organizadores do jantar haviam arranjado para que, em cada uma das mesas redondas, estivesse sentado um representante de algum dos estandes da exposição. Ele perguntou à pessoa encarregada pela distribuição dos lugares, onde a Srta. Yoder deveria sentar-se.

Não tiveram a menor dificuldade para localizar o lugar dela. Mitch mudou-a para a sua mesa, numa atitude arbitrária. Sugeriu diversas pessoas que

poderiam substituí-la. Não deu motivos ou explicações. Simplesmente fez o que julgou correto.

Sally permaneceu em silêncio, parecendo pensativa, durante toda a manobra. Não fez qualquer comentário.

Quando a transação se completou e os cartões das mesas foram trocados, Mitch dirigiu o olhar à Srta. Yoder. Ela o encarou. Nenhum dos dois falou.

Quando Sally manifestou seu desejo de retocar a maquiagem, Mitch acompanhou-a até a porta do banheiro das senhoras e, então, dirigiu-se ao dos cavalheiros. E, quem encontrou lá dentro, senão Edgar Jamison?

O velho abriu um largo sorriso para Mitch e disse:

— Garoto, você foi brilhante! Vale o que estamos lhe pagando. A idéia de controlar aquela mulherzinha escandalosa, mantendo-a junto de você foi genial. Agora sei que posso confiar em você para o que der e vier.

Com ar confiante, Mitch devolveu-lhe o sorriso e garantiu-lhe:

— Não terá de se preocupar com qualquer tipo de problema, senhor. Quanto à Srta. Yoder, discutiremos o caso na segunda-feira.

— Certo — o Sr. Jamison concordou, sem deixar de sorrir. — Você é incrível! — Com isso, virou-se e saiu.

Então, a atitude egoísta de Mitch em manter Sally perto de si, a fim de garantir a exclusividade de sua companhia fora confundida com controle de uma situação constrangedora? Ele franziu o cenho, confuso. Os Jamison consideravam Sally uma “situação”, com a qual Mitch teria de lidar. Como se ela fosse uma criança que acabara de cometer uma grande gafe, crescida demais para ser mandada embora, mas precisando que alguém tomasse conta de seus atos.

Esperou que ela saísse do banheiro das senhoras. Ela precisava que alguém tomasse conta...? Mitch examinou-a de alto a baixo. Daria um jeito.

Caminharam pelos corredores, observando todos os estandes. Nenhum se comparava ao de Sally. Todos os outros apresentavam-se bem arrumados, com a aparência que se esperava que tivessem. Mas era o dela que mais chamava

atenção.

Falando em tom amigável, Mitch comentou:

— Uma vez, meu zíper emperrou.

— E alguém o ajudou?

— Eu tinha catorze anos, estava no ginásio e uma velha professora, de uns trinta e cinco anos, teve de me socorrer.

— Trinta e cinco anos — Sally repetiu lacônica.

— Algo errado em considerar velha uma mulher com mais do dobro da minha idade?

— Acho que não.

— Você tem vinte e sete.

— Ei, como sabe? Andou me investigando?

Mitch dirigiu o olhar para a boca de Sally.

— Contei seus pés de galinha, como se contam os anéis do tronco de uma árvore.

Ela riu.

— O que acha de trabalhar na Jamisons? — ele perguntou.

— Os donos são um pouco antiquados.

Ah, então ela sabia e confessava! E ele não precisaria prepará-la para a reação deles quanto à sua conduta inusitada pouco antes.

— Costuma sempre agitar uma bandeira vermelha, só para ver que reação consegue despertar?

— Depende da minha disposição para fugir. — Ela não se mostrou nem um pouco preocupada com a questão.

Mitch fitou-a com olhar surpreso.

— Está me dizendo que joga a coisa no ventilador e fica lá, esperando para ver o que acontece?

Sally deu de ombros.

— É assim que se faz o progresso.

— E é assim que se é demitido.

— Existem outros lugares para se trabalhar.

Talvez ela não processasse a companhia.

Uma banda local chamada *The Hush* tocava um rock. As pessoas se animaram e algumas foram para a pista dançar. Mitch virou-se para Sally e perguntou:

— Gosta de dançar?

— Sim — ela respondeu, embora não se mexesse do lugar.

Ele sorriu.

— Gostaria de dançar comigo?

— Sabe dançar?

— Claro!

— Não parece o tipo.

Sem se deixar abater, Mitch levou-a para a pista.

— Qual é a aparência do "tipo”? — perguntou.

— Um pouco mais solto que você.

— Está me provocando?

— Acho que sim.

Abriram caminho entre as pessoas que dançavam e encontraram um lugar para eles. Sally surpreendeu-se com a habilidade de Mitch e riu alto. O som foi abafado pela música alta e pelo burburinho de vozes.

Os movimentos dele eram discretos, mostrando que era capaz de muito mais, mas que estava se controlando, em função da posição que ocupava. Sorriu, passou a língua pelos lábios, e guiou-a com passos bem coordenados.

Então, a banda tocou duas músicas lentas e Mitch provou que sua habilidade não se limitava ao rock. Seus pés deslizavam pelo chão, levando Sally através da pista com ritmo suave, exibindo-a a todos.

— Como aprendeu a dançar tão bem? — ela perguntou, olhando para seus pés.

— Tive excelentes professores, que começaram a me ensinar muito cedo.

— De onde você é?

— Temple, Ohio. Sua próxima pergunta será onde fica essa cidade. Responderei que fica perto de Cleveland, à margem do rio Cuyahoga. Agora, já sabe exatamente onde fica.

Segurando-a pela mão, guiou-a numa pirueta.

— Não tenho tanta certeza.

— Já ouviu falar de Cleveland?

— Acho que sim.

— E nunca ouviu falar do incêndio do rio Cuyahoga?

— Incêndio... no rio?

— Sim. Os bombeiros tiveram de apagá-lo.

— Foi provocado por restos de uma enchente?

— Em parte. O problema maior foi o excesso de lixo e poluição.

— Nossa, que coisa horrível!

— Isso foi há anos. Agora o rio está totalmente recuperado. Pode-se até pescar nele — ele explicou com um toque de orgulho.

— Está vendo? As coisas podem ser limpas, mudadas, revertidas. O que foi feito, foi feito. Devemos aceitar as mudanças, e não ficar batendo sempre na mesma tecla.

— Você não acreditaria em quanta gente se lembra com nitidez de ter visto o incêndio no rio sendo apagado pelos bombeiros de Cleveland... na *World News Network*.

Sally riu de novo.

— Então, você nasceu e foi criado em Temple, Ohio.

— Não exatamente. Eu era meio órfão. Minha mãe ainda vivia, embora não fosse capaz de responder ou cuidar de si mesma. Ao contrário das expectativas dos médicos, ela viveu muitos anos naquele estado vegetativo. Fui criado pelo casal Brown, em Temple. Eles dedicavam suas vidas a diversos tipos de serviços assistenciais. Entre eles, adotavam meninos sem família. Fui um dos bem aventurados. Eles me tratavam como se fossem mesmo meus pais. Como já lhe disse, tenho um irmão de criação que mora aqui, em Fort Wayne. Seu nome é

Rod Brown. E dono de uma loja de acessórios para carros e está participando da feira. Veja, aquele é seu estande. No último Natal, casou-se com uma moça de Fort Wayne, Pat Ullick.

— Ora, eu a conheço! Ela trabalha como voluntária no Hospital Luterano. Seu irmão é um homem de muita sorte.

— Acredito. E pode ter certeza de que ele sabe disso.

— Que bom.

A música havia terminado e eles continuavam parados frente a frente, muito próximos. Mitch continuou a conversa:

— Rod e Pat acabaram de adotar dois garotinhos que meu pai adotivo, Salty, lhes mandou. E Pat está grávida. Rod me disse que nunca esteve tão feliz.

— Deve ser maravilhoso...

— Você precisa conhecê-los.

— Já conheço Pat e sabia que era casada. Tenho certeza de que será uma boa mãe. Ela quase adotou duas crianças das quais cuidava no hospital. Bem, você deve saber disso.

— Sim.

— Foi uma pena que a adoção no hospital não tenha dado certo. Mas, no ano que vem, ela terá três filhos! Nossa, três de uma vez deve ser demais.

— Rod era o mais velho de nós e tem um bocado de experiência com garotos de todas as idades. Pat também não é novata no assunto. Como sabe, já faz tempo que trabalha como voluntária, ajudando a cuidar dos filhos de outras mulheres. Portanto, estão se virando muito bem. E os dois menininhos são umas gracinhas. Adoram Rod, como se ele fosse um deus.

Passou um braço em torno do ombro de Sally, antes que um intruso a tirasse para dançar.

— Sinto muito, amigo — falou em tom jovial. Então, virou-se para ela: — O bufê já foi aberto. Gostaria de comer alguma coisa?

— Boa idéia.

Sally sentia-se lisonjeada, embora um pouco irritada, pelo fato de Mitch

tentar controlar seu acesso a outros homens. Esperaria para saber até onde suportaria a atitude dele.

Havia filas múltiplas junto às mesas cobertas por pratos apetitosos. Não demorou para que fossem servidos. Carregaram os pratos até a própria mesa e descobriram que só havia uma cadeira vaga. Ninguém estava prestando atenção aos cartões nominais que designavam cada lugar.

Procuraram por outra mesa, até Mitch encontrar lugares em uma mesa mais ou menos escondida, num canto mal iluminado. Não havia ninguém sentado lá. Mitch puxou uma cadeira para Sally, de maneira que ela ficasse de costas para a pista de dança. Estava certo de que ninguém os notaria.

Mas... Ela atraía os homens como mel atraía abelhas.

O problema era que a maioria dos sujeitos não eram funcionários da Jamisons. Eram estranhos. Assim, não faziam idéia do quanto estavam atrapalhando. Mitch tentou livrar-se deles, mas Sally era gentil. Não poderia haver nada pior do que uma mulher bem educada, que não faz as pessoas se sentirem constrangidas.

Ela respondeu com uma negativa quando um homem perguntou-lhe se a cadeira a seu lado estava ocupada. Concordou com outro, sentado do outro lado da mesa, que a comida estava sendo muito bem servida. Concordou com o primeiro, agora sentado a seu lado, que ela não era Wendall Mandell, o nome escrito no cartão à sua frente. Depois que o atrevido lhe deu o seu cartão de visitas, ela o apresentou a Mitch.

No entanto, em momento algum, ela dissera seu nome para o sujeito.

Não que isso fosse grande coisa, mas Mitch sentiu-se reconfortado pela constatação de que ela não era o tipo de mulher caçadora, que flertava com todos os homens que lhe dessem atenção. Ao menos, era discreta.

Aproximando-se, ele comentou:

— Você é bastante discreta em meio a tantos homens solteiros. Mesmo sendo também solteira e já estando com vinte e sete anos...

Sally deu-lhe as costas e pôs-se a conversar com todos os outros homens à

mesa. Ignorou-lhe todas as tentativas de entrar na conversa e, alguns minutos mais tarde, pediu licença e deixou a mesa.

Mitch não voltou a vê-la naquela noite.

Não demorou a chegar à conclusão de que ela era sensível ao fato de não ser casada. Então, por volta das três horas da manhã, outro pensamento lhe ocorreu: talvez ela não houvesse se casada por opção.

Havia conhecido mulheres que adiavam a decisão do casamento e da gravidez. No entanto, a situação estava mudando. Muitas mulheres manifestavam publicamente o desejo de ter filhos. Havia toda aquela conversa sobre relógio biológico...

Acabou concluindo que um dos dois, ele ou Sally, estava retrocedendo no tempo. Talvez... ela simplesmente não tivesse interesse em casar-se.

Pensou que isso seria muito ruim. Ela era uma boa pessoa. Um pouco atirada em seu modo de comportar-se, mas muito simpática e inteligente.

Adormeceu com esse pensamento. Sonhou que tentava chamar a atenção de Sally, em meio a uma verdadeira multidão de homens que a cercava, na intenção de encorajá-la a gostar de si mesma.

No sábado, a abertura da feira no *Grand Wayne Center* ao público foi um sucesso. Algumas pessoas apareceram só por terem algum tipo de ligação com os proprietários das lojas que estavam expondo.

Outras haviam visto o noticiário na televisão e foram até lá só para ver o estande de Sally. Eles a adoraram.

Ela distribuiu cupons de desconto e riu com as mulheres que haviam passado pela experiência de haver perdido, ou quase, suas calcinhas.

Mitch atentou para o fato de que ninguém removera a peça íntima da perna do manequim.

Andou de um lado para outro, cumprimentando uns, conversando com outros, fazendo mais um papel de relações públicas do que de vice-presidente de marketing. Passou em frente ao estande de Sally mais vezes do que seriam necessárias. Quando conseguiu surpreendê-la sozinha, convidou a queima-roupa:

— Quer almoçar comigo?

— Tudo bem — ela respondeu um pouco surpresa.

Sem dar-se conta do quanto seu convite fora abrupto, ele se ressentiu pelo fato dela lhe responder com uma mera afirmativa.

Então, enganou-a. Levou-a até seu apartamento.

Ela olhou em volta, examinando os aposentos e admirou a vista das janelas.

— Fico contente em poder conhecer um destes apartamentos por dentro. Vi quando foram construídos, mas nunca tive a oportunidade de entrar, depois que ficaram prontos. Houve algumas festas de inauguração, mas aconteciam sempre na hora errada e eu nunca podia comparecer. É um belo apartamento.

— Os moradores são muito simpáticos. Já estive em todos os apartamentos deste bloco, para tomar um drinque ou um café, a fim de me socializar com os vizinhos.

Ela assentiu. Não se mostrava nem um pouco constrangida por estar sozinha com ele em seu apartamento. Não via a si mesma como uma mulher vulnerável. Mitch sentiu uma pontada de incômodo. Será que ela ia ao apartamento de todos os caras que conhecia?

Ele possuía uma cesta de piquenique, que encheu com apetrechos apropriados: talheres descartáveis, guardanapos de papel, uma toalha quadriculada e comida para dois.

Carregaram a cesta até *Freimann Square* e sentaram-se ao lado do *Civic Theatre*, um edifício de arquitetura incomum. Dali, tinham uma ampla visão do parque.

— Tem planos para o feriado de Quatro de Julho? Poderíamos trazer nosso jantar para cá e assistir à queima de fogos — Mitch sugeriu.

— Bem, já tenho compromisso. Vai estar sozinho?

— Ainda não sei. Como sabe, sou novo na cidade.

Ele espiou pelo canto do olho, para ver se seu comentário provocara nela alguma reação. Mas Sally sabia que seu irmão morava na cidade. Era uma pena

que Mitch houvesse lhe contado aquele detalhe. Agora, ela não se sentiria responsável pelo fato dele passar o feriado sozinho.

Ela parecia relaxada e totalmente à vontade. Não sentia a menor necessidade de dar-lhe atenção. Permaneceu em silêncio, observando a água que espirrava das fontes e caía nos pequenos e perfeitos lagos artificiais.

Mitch olhou em volta. Não havia muita gente por perto. Como o local fosse bastante arborizado, estavam quase isolados. Olhou para ela, tentando descobrir se estava sem jeito.

Naquele exato momento, dois guardas apareceram no caminho de cascalho.

— Acho que devíamos voltar — Mitch falou.

— Foi um almoço e tanto — Sally comentou com um sorriso.

Um dos guardas aproximou-se.

— Olá, Sally.

— Olá, Ben. Como vai?

— Podia estar melhor. E você? Novidades?

— A Jamisons faz parte da exposição no *Grand Wayne Center*. Estou ajudando.

— E lá que o *Heavy Weather* vai tocar esta noite?

— Isso mesmo.

— Estarei lá. Guarde uma música para dançar comigo.

— Pode deixar.

— Também vou querer — disse o outro guarda.

— Claro, George, dançaremos os três: eu, você e Sue! — ela riu.

— Ora, não seja desmancha-prazeres!

Os dois riram e foram embora. Mitch observou-os afastarem-se. Nem sequer haviam lhe dirigido o olhar.

Assim que desapareceram de vista, Mitch perguntou:

— Vai dançar comigo, também, esta noite?

— Claro — ela respondeu em tom casual.

— Você dança muito bem.

— Obrigada.

— Acha que, um dia, conseguiremos ficar à vontade juntos?

— É possível.

Não se tratava de uma resposta muito encorajadora. No entanto, ela aceitara almoçar com ele, sem mais ninguém por perto. Poderia ter desaparecido, como fizera na noite anterior.

— O que aconteceu ontem à noite? Você desapareceu de repente.

— Estava cansada, depois de um dia tão longo. Fui para casa.

Mitch procurara por seu endereço na ficha da Jamisons. Sally morava na região nordeste da cidade.

— Precisamos ir andando — ela falou.

— Está planejando deixar a calcinha no tornozelo do manequim, esta noite?

— Sim — ela respondeu com firmeza e decisão.

Guardaram tudo na cesta de piquenique e voltaram ao apartamento de Mitch. Lá, Sally ajudou-o a arrumar tudo.

À tarde, o movimento no *Grand Wayne Center* foi bom, embora o público se constituísse de pessoas de meia-idade ou mais velhas. Os jovens viriam à noite, para assistir ao show do *Heavy Weather*.

Mitch não viu Sally na hora do jantar. Foi para seu apartamento a fim de tomar um banho, barbear-se e vestir roupas mais informais. Ficou aborrecido por não haver pensado em convidá-la para usar seu apartamento para se trocar, ou descansar ou passar a noite.

O que ela teria feito se ele a houvesse convidado para dormir com ele? Certamente o teria fitado como se ele fosse um dos candidatos rejeitados ao papel de Frankenstein.

Fez uma refeição rápida e leve e finalmente voltou para a feira, preparado para o evento noturno. Mais uma vez, inspecionou os estandes da Jamisons. Estava tudo em ordem.

No estande de Sally, a calcinha continuava caída no tornozelo do manequim. O ventilador continuava ligado, o manequim ainda segurava o chapéu e seu rosto inexpressivo não dava a menor indicação de que acabara de perder a peça mais íntima de seu vestuário.

Pike aproximou-se com péssima aparência. Sua roupa estava amarrotada e ele precisava barbear-se.

Num impulso, Mitch ofereceu-lhe:

— Gostaria de ir até o meu apartamento e arrumar-se?

— Obrigado. É muita gentileza sua, mas vou até minha casa e acho que nem volto hoje. Foi um dia e tanto e estou muito cansado. Exausto seria uma palavra mais adequada.

— O *Heavy Weather* vai fazê-lo mudar de idéia. Por que não vai até lá e descansa um pouco? Vai encontrar tudo o que precisar para um bom sanduíche na geladeira. As toalhas limpas estão no armário do banheiro.

— Bem... Até que não é má idéia.

Mitch consultou o relógio, antes de concluir:

— Telefonarei às sete, para o caso de você pegar no sono.

— Perfeito! Obrigado, Mitch. Você é mesmo um amigão!

Mitch observou Pike afastar-se e deu-se conta de que a hospitalidade impulsiva poderia ter sido um grande erro. Pike não era um funcionário exemplar e poderia chegar o dia em que teria de mandá-lo embora. Bem, talvez pudesse encorajá-lo a um melhor desempenho profissional.

Ao mesmo tempo, Mitch duvidou que isso fosse possível. Pike não tinha muita ambição.

Seria a ambição o único aspecto a se levar em conta para avaliar um homem? Ou uma mulher? Sob a perspectiva de marketing e vendas, era.

Foi oferecido outro jantar aos exibidores. Mitch não encontrou Sally em parte alguma. Os Jamison aproximaram-se, um deles tomando a dianteira e falando:

— Queremos agradecê-lo pela maneira como contornou aquela situação

constrangedora.

Com inocência estudada, Mitch perguntou:

— Que situação?

— A exposição da Srta. Yoder.

— Ah... Pensei que estivesse se referindo ao fato de que todos os convidados ignoraram os cartões que designavam os lugares no jantar de ontem.

— Ah, tem razão. Foi lamentável. Você havia organizado tudo tão bem. Foi uma pena que as pessoas não tenham sido mais cuidadosas.

— Mas todos pareceram divertir-se um bocado — Mitch retrucou.

— É verdade.

Outro membro da família comentou:

— O incidente provocado pela Srta. Yoder foi exibido em quase todos os canais de televisão, ontem à noite. E saiu nos jornais de hoje. Você viu?

— Sim.

— Não acha que devemos fazer algo a respeito?

— Acho que devíamos discutir o assunto na segunda-feira pela manhã — ele insistiu. Não pudera deixar de notar que, por mais chocados que os Jamison houvessem se mostrado, nenhum deles tomara a iniciativa de retirar a calcinha do estande. — Para se franco, não creio que tenhamos um problema real para resolver.

— Bem... Sim. Conversaremos na segunda-feira.

Eles se afastaram e Mitch foi até uma cabine telefônica para ligar para seu apartamento. O telefone tocou várias vezes, antes que Pike atendesse com voz sonolenta.

— Mitch?

— Sim, Pike. São sete horas.

— Já? Parece que acabei de fechar os olhos!

— Tome um banho e venha para cá. Ainda temos comida, se quiser jantar.

— Está bem. Vou já para aí.

— Tome um banho e faça a barba. Vai se sentir um novo homem.

— Estou satisfeito com o velho.

Mitch fingiu um gemido e Pike caiu na gargalhada.

O *Heavy Weather* só começou a tocar às dez horas. O *Torch*, um conjunto engraçado e irreverente, composto só por mulheres fez o show introdutório. Elas flertaram escandalosamente com a audiência. Os homens adoraram. As mulheres, nem tanto.

Mas sua última canção foi dedicada ao público feminino. O título, “Cuidado Com Eles, Querida”, dizia tudo.

Então, o *Heavy Weather* começou seu show. Subiram ao palco enquanto as moças ainda recolhiam seus instrumentos. O líder do conjunto, Bill, cantou para elas. A música se chamava “Desapareça Da Minha Vida” e fora composta pelo próprio Bill.

Os homens aplaudiram e as mulheres vaiaram.

Todos se divertiam. Todos dançavam, sorriam e flertavam. Sally não flertava, mas seu corpo se agitava ao som da música. E, por mais discreta que fosse, os homens a observavam com olhares famintos, alguns chegavam a ser predatórios. Muitos dançaram com ela. Um deles era o guarda que a cumprimentara no parque.

Mitch não dançou com mais ninguém. Ficou parado a um canto, observando as pessoas. Na verdade, observava Sally.

Quando Bill começou a cantar "Reencontrei Meu Amor”, Mitch aproximou-se de Sally e parou com postura ameaçadora ao lado de seu parceiro.

— Esta dança é minha. — Embora se dirigisse a Sally, seus olhos pousaram no homem que a acompanhava.

Sua atitude foi tão assustadora, que o outro limitou-se a dar meia volta e afastar-se. Sally não estava prestando atenção. A música de Bill era tão bonita e envolvente, que ela ouvia concentrada.

Dançaram devagar, os corpos unidos. Nenhum dos dois falou, apenas abraçaram-se e deslizaram pela pista.

A música tocou algum ponto sensível dentro de Mitch e ele foi invadido

por um sentimento que não conhecia.

Embora tivesse Sally nos braços, sentiu-se completamente vazio.

CAPÍTULO III

Mitch voltou para o apartamento silencioso e sentiu-se como se vivesse no vácuo. Ligou a televisão e o vídeo-cassete, voltou a fita ao início e então, começou a assistir ao noticiário da véspera. Acelerou a velocidade, passando pela erupção do vulcão, pelo tumulto nas ruas de alguma cidade que ele nem conhecia e pelo vazamento de óleo, ocorrido em algum lugar que ele nem se lembrava. Então, viu Sally.

Repetiu a reportagem várias vezes, inclusive em câmera lenta. Ela parecia calma, sem demonstrar constrangimento ou exibicionismo. Agira com profissionalismo. Fizera o que tinha de fazer: apresentara os produtos da Jamisons como os melhores no mercado.

Fizera seu papel de vendedora com perfeição.

Mas a calcinha também fora mostrada em rede nacional. Alguém poderia roubá-la. Àquela hora, o *Grand Wayne Center* encontrava-se deserto. Qualquer um poderia entrar e sair sem despertar maiores desconfianças.

Mitch pôs-se de pé, desligou os aparelhos e voltou ao local da exposição. Na entrada, exibiu o crachá da Jamisons e disse ao guarda que esquecera algo. Caminhou pelos corredores vazios.

Ao chegar ao estande de Sally, constatou que a calcinha estava mesmo lá. Retirou a delicada peça do tornozelo do manequim, enfiou-a no bolso do paletó e saiu, desejando uma boa noite ao guarda.

Jamais permitiria que outro homem qualquer se apoderasse de uma peça tão íntima. Não que se sentisse na obrigação de proteger a eficiente Sally. Só estava cuidando para que uma de suas funcionárias não fosse exposta a qualquer tipo de embaraço.

De volta ao apartamento, Mitch não sabia o que fazer com a calcinha. Não poderia levá-la à loja, nem devolvê-la a Sally. Assim, guardou-a em uma gaveta, lamentando o fato de não possuir chaves.

Estava cansado. O fim-de-semana fora interessante, porém exaustivo. Por que fora exaustivo? Por causa do incidente da calcinha, claro, e da confusão com os lugares nas mesas do jantar e porque Sally tinha compromisso para o feriado.

E daí? Que diferença fazia?

Enquanto se despia e escovava os dentes, procurou pela resposta à própria pergunta. Concluiu que o incidente da calcinha poderia ter dado a vários homens uma impressão errada sobre Sally Yoder. Poderiam pensar que ela era o tipo de mulher fácil e lasciva.

E não era.

Ou era?

Mitch pegou no sono tentando decidir o que preferia que ela fosse. E seus sonhos decidiram por ele. Ela não era nada tímida e provocou-lhe sensações maravilhosas.

Acordou em meio aos lençóis desarrumados, de péssimo humor. Diabos, deveria ter adquirido mais maturidade!

Foi visitar Rod na tarde de domingo e teve o bom senso de vestir uma velha calça jeans e um blusão de algodão mais velho ainda. Os meninos haviam acabado de despertar de seu cochilo pós-almoço e estavam prestes a enlouquecer os pais.

Sendo mais um filho adotivo da família Brown, Mitch sabia como distrair e ensinar bons modos a crianças.

Levou os dois garotos para o jardim com uma mangueira de borracha e eles regaram... tudo. A tarefa foi cumprida com pequenos baldes plásticos, desses que as crianças usam para todo tipo de brincadeira, e muitas risadas. Não havia nada mais delicioso que uma risada de criança.

Ninguém se importou se eles se molhavam ou enlameavam, ou o que regavam. A garagem, a varanda, as paredes externas, Mitch e até algumas plantas receberam sua quota.

Mitch fingiu-se chocado por ter sido molhado. Ergueu os dois garotinhos do chão e correu com eles. E eles riram, riram e riram.

O loiríssimo Rod assistia a tudo de uma espreguiçadeira na varanda. Tinha um sorriso nos lábios.

— Deixe-os bem cansados, para que durmam a noite inteira — sugeriu.

— Estou fazendo o possível.

Pat, deitada em outra espreguiçadeira, cochilava e nem se importou quando seu pé foi regado.

Não demorou para que os meninos estivessem encharcados. E logo tiraram toda a roupa. Um deles tinha quase dois anos; o outro, quase três. Pareciam anjinhos pintados por artistas italianos dos velhos tempos.

Mitch descobriu que gostaria de ver como Sally trataria aquelas crianças. Como olharia para eles e como reagiria às suas brincadeiras. Ocupado com tal pensamento, observou os meninos com olhar sério.

— Está pensando numa mulher — Rod constatou.

Mitch piscou os olhos, saindo do momento de transe e encarou o irmão.

— Por que diz isso?

— Está muito diferente, hoje. Desde que chegou, estou tentando compreender o que há. Você conheceu uma mulher.

— Estou sempre conhecendo mulheres. Elas constituem mais da metade da nossa população, não se trancam em casa, andam por aí e estão vivas. Como eu poderia viver sem conhecê-las?

— Conheceu uma mulher especial — Rod insistiu com seu jeito tranquilo.

Mitch desviou o olhar para as árvores da rua, como se estivesse tentando lembrar de alguém que conhecera. Para ser mais honesto consigo mesmo, tentou pensar em outra mulher que não fosse Sally.

— Provavelmente, no *Grand Wayne Center*?

— Lá?

— Não vi vocês por lá.

— Não conseguimos encontrar uma babá. Twila e Pedro fizeram um bom trabalho em nosso estande.

— Eu vi. Muito original.

— É, mas nem perto do da Jamisons.

— Está falando da seção de utilidades domésticas?

— Ora, vamos! Não se faça de bobo! Sabe que estou falando da calcinha. Vimos na televisão. E ainda não acredito que os Jamison permitiram que uma coisa daquela fosse mostrada na televisão, em todo o país, como propaganda de suas lojas!

— Pois saiba que eles estão chocados. Teremos uma reunião amanhã, de manhã, justamente para discutir esse assunto. Mas acho que são mais tolerantes do que querem fazer parecer. Nem mandaram retirar a calcinha do manequim! Fiquei surpreso. Pelo que ouvi sobre a família, esperava que pusessem fogo no estande, assim como no funcionário que o idealizou. Talvez sejamos jovens demais para ficarmos chocados.

— Ora, pergunte à minha esposa grávida e preconceituosa o que ela achou — Rod zombou.

Pat nem se deu ao trabalho de abrir os olhos.

— Estou grávida, mas não tenho qualquer tipo de preconceito. E achei a idéia simplesmente fantástica.

Mitch assobiou baixinho.

— Ela escuta de olhos fechados!

— E mesmo quando está dormindo. Pat consegue ouvir o que acontece a três cômodos de distância, com a porta fechada. Os meninos vão ficar desesperados quando descobrirem que jamais poderão fazer qualquer coisa escondida.

— Todas as mulheres são assim?

— Com qual delas está preocupado?

Mitch fitou Rod com olhar inocente.

— Nenhuma.

Rod não conteve uma risada.

E Mitch deu-se conta de que por trás da risada adulta e maliciosa, havia o mesmo som natural e divertido contido na risada dos meninos.

Depois de jantarem juntos, Mitch retornou ao apartamento vazio. Até o ar parecia faltar ali dentro. Tudo era silêncio. A mobília não tinha vida. Sua vida era vazia.

Despiu-se e tomou um banho, antes de deitar-se na enorme cama nova. Abriu braços e pernas, tentando ocupar todo o espaço. Estava sozinho.

Como não conseguisse dormir, levantou-se e foi para a sala. Retirou a fita de vídeo do esconderijo, onde ninguém jamais a encontraria e viu Sally comendo e rindo em câmera lenta.

Então, voltou para a cama e finalmente adormeceu.

Na manhã de segunda-feira, Mitch vestiu seu terno mais conservador, camisa branca e gravata vermelha. E foi para a Jamisons e sua salinha sem janela. A secretária que dividia com um colega informou-o:

— O Sr. Edgar Jamison pediu que se apresentasse em sua sala às dez horas.

Mitch assentiu.

— Estarei lá. Obrigado.

A moça fechou a porta e ele reclinou-se na cadeira, perdido em pensamentos. Despediriam Sally? Provavelmente. Sentiu-se satisfeito por haver dado sumiço na calcinha. Detestaria vê-la sendo atirada no rosto de Sally, como prova da acusação, na sala do Sr. Jamison.

Concentrou-se no trabalho de colocar em dia a correspondência e, quando se deu conta, já eram quase dez horas. Caminhou apressado pelo corredor e subiu a escada, dois degraus de cada vez, dirigindo-se à sala do Sr. Jamison.

Aquela era a única sala que contava com amplas janelas.

Toda a família Jamison estava presente. A acusada também. Estava sentada confortavelmente, esperando.

Mitch foi o último a entrar.

— Ah, Goalong, até que enfim — Edgar falou abrindo os braços.

Todos acharam o gesto engraçado. Só Sally manteve uma expressão de mera tolerância.

Depois de consultar o relógio e verificar que eram dez horas em ponto, Mitch sorriu.

— Desculpem por ter sido o último a chegar.

O Sr. Jamison fez um comentário sobre o tempo e perguntou se alguém queria café. Então, contou que os resultados da feira havia sido excelentes. Disse, também, que recebera diversos elogios pelos shows, tanto do *Torch*, quanto do *Heavy Weather*.

— Todos se divertiram.

Para sua própria surpresa, Mitch foi falando:

— A exposição de Sally esteve fantástica. Chamou a atenção dos visitantes. Nem sei quantas mulheres se mostraram solidárias com o incidente ocorrido com o manequim. Nunca imaginei que as mulheres encontrassem tantos problemas com suas roupas íntimas. Foi um idéia muito boa utilizar um detalhe tão particular.

Silêncio.

Sally sorriu para ele e agradeceu:

— Obrigada.

E Mitch quebrou o silêncio, acrescentando:

— E os comentários já estão chegando. Recebemos cartas de todo o país. As pessoas assistiram ao noticiário e escreveram em seguida. A reação foi muito favorável. A Srta. Yoder recebeu duas ofertas de emprego. Aqui está uma amostra — anunciou, colocando três envelopes sobre a mesa.

Havia exagerado um pouco. Aquelas eram as únicas cartas que haviam recebido. Mas ele ficara surpreso em recebê-las.

— Depois dessa grande demonstração de capacidade, acho que a Srta. Yoder deveria receber uma bonificação.

Sally piscou repetidas vezes. Parecia incapaz de desviar os olhos de Mitch.

O silêncio pesado perdurou por mais alguns minutos. Então, Edgar falou:

— Bem... — e falou: — Bem, bem, bem...

Todos os membros da família limparam suas gargantas e nenhum deles

pareceu capaz de formular qualquer comentário.

E Edgar sorriu e voltou a falar:

— Bem, bem...

Na tentativa de conter o riso, Sally acabou engasgando e tendo um pequeno acesso de tosse. Mitch lançou-lhe um olhar de advertência, embora mantivesse a expressão firme e sóbria. Demonstrava interesse pela situação, como se as cartas não o houvessem surpreendido nem um pouco.

Os Jamison mudaram de posição em suas cadeiras e trocaram olhares significativos, enquanto tentavam chegar a um acordo sobre o que fazer.

O Sr. Jamison apanhou sua caixa de charutos e declarou:

— A situação merece um charuto.

Ofereceu a todos, inclusive a Sally.

Ela aceitou.

Mitch recusou com gentileza, quando a caixa foi apontada em sua direção. Perguntou-se o que Sally faria com o charuto que aceitara.

Ela retirou o papel celofane com cuidado e rolou o charuto entre os dedos. Com os dentes, retirou a ponta e aceitou o isqueiro oferecido. Todos prestavam atenção a cada gesto seu.

E mostraram-se muito impressionados, até ela começar a tossir. Então, sorriram com ares de superioridade masculina, trocando mais olhares significativos.

O velho Sr. Jamison disse a Sally que ela encontraria uma gratificação em seu próximo envelope de pagamento. E a reunião foi encerrada.

Sally deixou a sala logo à frente de Mitch. Colocou o charuto apagado na boca, segurando-o entre os dentes, empinou o queixo para a frente e cruzou as mãos atrás das costas. E foi assim que cruzou os corredores.

Com um sorriso malicioso, guiou Mitch até sua sala. Assim que entraram, ela fechou a porta.

Sally tirou o charuto da boca e apagou-o no cinzeiro vazio e limpo sobre a mesa de Mitch. Limpou a boca nas costas da mão e a mão na saia. Então,

aproximou-se de Mitch, ergueu as mãos até envolver-lhe a nuca e beijou-o na boca.

Seus corpos colaram-se um ao outro. Mitch podia sentir toda a extensão e maciez de Sally contra si, dos lábios aos joelhos. Sentiu a cabeça girar. Em meio à vertigem que o abalou, perguntou-se se sobreviveria àquele acontecimento.

Afastando-se devagar, ela falou:

— Você é um grande amigo. Por acaso, escreveu aquelas cartas de próprio punho?

— Você está com gosto de charuto — ele falou em tom sério.

— Farei um gargarejo da próxima vez. Alguém roubou minha calcinha de seda francesa.

— O quê? — Ele ficara tão surpreso com o beijo, que ainda podia parecer surpreso pela revelação.

— A calcinha que estava no tornozelo do manequim.

— Ah... — ele balbuciou e desviou o olhar.

— Deve ter sido algum tarado!

Ele não era um tarado! Então, mudou de assunto:

— Como pôde ser tão atrevida e aceitar aquele charuto?

— O Sr. Jamison esqueceu de que eu era uma mulher, durante aquela fração de segundo. Não tive escolha, senão aceitar. Se houvesse recusado, ele teria se lembrado no mesmo instante que não passo de uma reles fêmea e, provavelmente, a reunião teria tomado outro rumo.

Mitch assentiu. Não só compreendia, mas concordava com ela. Sally sorriu.

— Você foi o único a me apoiar.

— Você mereceu.

— Obrigada.

— As ordens.

Ela continuou a fitá-lo com aquele sorriso enigmático por alguns instantes. Então, virou-se, abriu a porta e saiu.

Mitch sentou-se em sua poltrona e descobriu que ainda não havia se recuperado do beijo inesperado. Tomou a própria pulsação e constatou que estava alta. Jamais prestara atenção aos batimentos cardíacos antes. Felizmente, a saúde era um aspecto de sua vida com o qual não precisava se preocupar. Agora, descobria que o coração estava sujeito a alterações perigosas.

Seus olhos pousaram no charuto apagado no cinzeiro. Apanhou-o, pensando em levá-lo até o banheiro dos homens e jogá-lo fora. Mas, desistiu. Tratava-se de um marco na vida de Sally. Era um símbolo. Mandaria dar um banho de bronze, afixá-lo a uma placa e lhe daria de presente.

Revirando as gavetas, encontrou uma caixinha de chocolate vazia. Guardou o charuto dentro dela até que pudesse levá-lo para o banho de bronze.

Foi até o banheiro para lavar as mãos. Enquanto o fazia, alguém fitou-o com olhar interrogativo. Mitch lembrou-se de haver lido em algum lugar que, ao sair de um banheiro, noventa por cento das mulheres lavam as mãos, enquanto apenas trinta por cento dos homens preocupam-se com isso.

Bem, a maioria deles não devia fumar charutos com frequência.

À tarde, duas outras cartas referindo-se a Sally chegaram. Um delas realmente perguntava sobre sua disponibilidade para assumir um novo emprego. Ele deu as cartas a Sally, mas tratou de tirar cópias e enviá-las ao Sr. Jamison, especialmente a que pedia o currículo dela.

— Agradeço por haver canalizado a correspondência referente à Srta. Yoder para mim — falou ao encarregado da distribuição da correspondência.

— Achei que o senhor faria algo a respeito. Afinal, todos sabem que a calcinha sumiu. É possível que alguém tente chantageá-la. Acha que a Srta. Yoder vai continuar trabalhando conosco?

— Vamos esperar e ver o que acontece.

— Só de poder olhar para ela, sinto-me mais disposto a trabalhar.

— Pois trate de se comportar. Não vá se deixar apanhar ocioso e acabar demitido. Preciso de você.

Ao ouvir a última frase, o rapaz deu um tapinha no ombro de Mitch, com a

certeza de que eram amigos.

Poucos minutos antes da hora do almoço, Sally enfiou a cabeça pelo vão da porta de Mitch.

— Almoçamos juntos? — perguntou.

Ele levou um dedo aos lábios, indicando-lhe que ficasse em silêncio. Levantou-se, deu a volta na mesa, puxou-a para dentro da sala e fechou a porta.

— Se almoçarmos juntos hoje, terão certeza de que estamos dormindo juntos... — e parou de falar, fascinado pela simples idéia de que aquilo pudesse acontecer.

Ela assentiu.

— Você é muito esperto. Eu nem havia pensado nisso. Ficarei lhe devendo um almoço.

Tudo o que Mitch conseguiu fazer foi sacudir a cabeça. A voz o abandonara completamente.

Na manhã de terça-feira, chegaram sete cartas para Sally. Mitch procedeu como na véspera: entregou os originais a ela e cópias ao Sr. Jamison.

À tarde, chegaram cento e quinze. Uma delas era ofensiva e desagradável, discorrendo sobre as mulheres e seus ardis, assim como sua tendência ao exibicionismo e outras coisas mais.

Mitch considerou que não faria sentido mostrá-la a Sally ou ao Sr. Jamison. Assim, escreveu uma resposta formal: “Obrigado pela sua opinião...”, anexou a carta original e enviou-a ao endereço do remetente.

Depois do expediente, levou o charuto para o banho de bronze. Acharam que estava brincando e ele teve de ser firme, até um pouco rude, para que o levassem a sério.

Na quinta-feira, chegaram quatrocentas e trinta e sete cartas. Nove eram desagradáveis, quarenta e uma continham propostas de casamento e três faziam propostas obscenas. Mitch respondeu-as em seu estilo padrão: “Estou lhe devolvendo esta...”.

Juntamente ao restante das cartas, enviou um bilhete a Sally, convidando-a

para uma conferência durante o almoço, na sala da diretoria.

Ela aceitou o convite através de um bilhete tão formal quanto o dele.

Depois de reler as palavras escritas com pressa, Mitch ergueu os olhos para a parede oposta. Não havia um quadro sequer enfeitando as paredes da Jamisons!

Numa constatação repentina, concluiu que Sally era uma mulher irritante. Se pretendia sobreviver enquanto lidasse com ela, seria melhor procurar algo para pendurar na parede. Assim, teria para onde olhar quando ela o irritasse, cansasse ou agradasse... Agradasse?

Reclinou-se na cadeira e tentou relaxar. Esticou as pernas, cruzando-as nos tornozelos e levou os braços para atrás da cabeça. Nessa posição, pôs-se a imaginar as diversas maneiras como ela poderia agradá-lo.

Durante o almoço, ela quis discutir qual dos empregos valia mais a pena investigar.

Mitch ficou estarrecido.

— Você precisa de mais tempo de experiência!

— Estou trabalhando aqui há seis meses.

— Seis meses não são nada. — Então, tentou falar com mais calma: — Vai responder que deve honrar seu contrato conosco e voltará a entrar em contato daqui a seis meses.

— Não tenho contrato algum! E você sabe muito bem que os Jamison teriam me demitido na segunda-feira, não fosse pela sua interferência.

— E haviam as cartas... Há as cartas.

— Exato. Apareci na *World News Network*. Preciso aproveitar enquanto estou “quente”. Daqui a seis meses, ninguém vai se lembrar que eu existo. Agora é o momento certo.

Sally tinha razão, claro.

— Não — ele insistiu, sem fitá-la nos olhos. — Precisa de mais experiência, senão o tiro pode sair pela culatra.

— Está querendo dizer que não me considera habilitada para ser bem

sucedida no meu trabalho?

— Não foi isso o que eu disse. Acredita mesmo que não precisa de mais experiência?

Ela lhe lançou um sorriso enigmático.

— Depende no quê.

Mitch perdeu a linha de argumentação que vinha seguindo. Só podia pensar em como poderia dar a ela mais experiência. Sacudindo a cabeça, declarou:

— Nosso tempo está acabando.

— Que tempo?

— Para o almoço.

— Ah...

Bem, nada ficara resolvido.

Na sexta-feira, Sally recebeu quinhentas e onze cartas. Trinta e uma continham propostas de diversos tipos. Algumas eram obscenas e duas pareciam ameaçadoras demais e foram encaminhadas ao FBI.

Era natural que todos os funcionários da Jamisons soubessem quantas cartas estavam chegando, referindo-se à exposição no *Grand Wayne Center*. O problema era que todos os moradores de Fort Wayne sabiam sobre a correspondência de Sally.

Tudo o que precisaram fazer foi abrir qualquer jornal da quarta-feira. O correio havia mencionado o volume e explicado que estavam fazendo a entrega em pacotes. Os jornais tiraram fotografias e, claro, Sally foi notícia na *World News Network* mais uma vez. Mostraram-na diante da mesa coberta por envelopes.

Ela estava tão bonita, vulnerável e feminina, que Mitch teve vontade de chorar ao pensar que a atenção masculina aumentaria ainda mais a partir de então.

No fim-de-semana, Rod agitou o jornal e perguntou:

— Esta é a mulher?

Mitch não precisou olhar para a fotografia para saber de quem se tratava. Comprara todos os jornais que haviam publicado fotos de Sally. Rod queria saber se ela era a famosa funcionária da Jamisons que havia causado furor na exposição.

— Sim, é ela.

— Como vão as coisas. Precisa de ajuda?

— Ajuda? — Mitch fitou-o confuso.

— Poderíamos convidar vocês dois para um almoço.

— Não existe nada entre nós! Pensei que estava falando das respostas às cartas que a Jamisons vem recebendo. Ela está respondendo uma a uma, pessoalmente. E está arquivando as propostas de empregos.

— É mesmo?

— Sim. — Mitch empolgou-se com o assunto e esqueceu-se de disfarçar o entusiasmo. — Precisava ver as propostas de casamento. Fotografias, currículos, histórico pessoal... Não acreditaria.

— Acho que sim. Eu a vi na televisão.

Mitch lembrou-se de disfarçar:

— Ela é fotogênica.

Rod soltou uma gargalhada.

Mitch sentiu-se na obrigação de esclarecer a história.

— Não há nada entre nós. Para ela, eu não significo mais do que o encarregado pela correspondência.

Mal pronunciara a frase, Mitch deu-se conta de que cometera um erro. Falando daquela maneira, dava a entender que queria significar algo mais para ela.

Rod mostrou-se compreensivo:

— Sei como é difícil. Fiz de tudo, inclusive namorar outras mulheres, a fim de evitar Pat. Foi pura perda de tempo.

— Está entendendo tudo errado. Já lhe disse que não há nada entre nós.

— Se pudermos ajudar, e só falar.

— Pelo amor de Deus, Rod!

— Acalme-se, mano. Só quero que saiba que estamos aqui para o que der e vier.

— Chega!

— Está bem! Está bem! — Rod ergueu as duas mãos, embora caísse na gargalhada de novo.

Mitch tornou-se taciturno e distante, mas não era possível manter tal estado de espírito com duas crianças por perto, que ainda não eram capazes de distinguir quando um adulto queria ou não brincar.

Deixando os garotos aos cuidados de Rod, Mitch e Pat foram até uma loja de gravuras e ela o ajudou a escolher excelentes cópias de grandes obras. Explicou-lhe detalhes de equilíbrio e localização dos quadros. Perguntou-lhe onde pretendia pendurá-los e pediu que os observasse de uma distância aproximada.

Pat fez uma porção de sugestões e acabou encontrando o que Mitch desejava. Uma das gravuras era da série *Girassóis*, de van Gogh, e ficaria na parede oposta à mesa de Mitch. Na parede ao lado, teria o *Verão*, de Brueghel, mostrando a colheita de trigo e o descanso dos trabalhadores. E, o maior deles, um grande moinho sob um céu nublado, de Rembrandt, enfeitaria o corredor, diante da porta da sala de Mitch. Escolheram molduras simples e Mitch seria notificado quando os quadros estivessem prontos.

Precisava desesperadamente de algo para olhar, na tentativa de acalmar sua inquietude.

Havia recortado a fotografia de Sally que saíra no jornal e, tendo ficado no escritório depois de encerrado o expediente, utilizou a máquina de xerox da companhia para reproduzir duas cópias em tamanho aumentado. Uma delas encontrava-se na parede do hall de entrada de seu apartamento, de maneira que ela o cumprimentasse, sempre que ele entrava em casa. A outra fora afixada no lado interno da porta do guarda-roupa. Assim, ele podia deixar a porta aberta e adormecer olhando para ela.

Mitch perdera a conta do número de homens sérios que escreviam, manifestando o desejo de conhecê-la. E, àquela altura, ela já recebera vinte e sete propostas de trabalho. Também fora convidada a dar uma palestra em um curso local sobre marketing.

E Sally recomendara Mitchell Goalong para substituí-la.

Ao aceitar o convite, ele não sabia que ela fora convidada antes. Chegara a sentir-se lisonjeado. Quando descobriu a verdade, ficou dividido entre a mágoa de ter sido a segunda opção e a excitação provocada por ela o haver considerado mais experiente no assunto.

Então, viu-se forçado a admitir que ela tinha tantas cartas a responder, que simplesmente não teria tempo para preparar e apresentar a palestra.

Sally havia se tornado um produto de publicidade. Era notável. Sabia como chamar atenção, sem ser exibida. Os homens a rodeavam no trabalho. Os funcionários já faziam isso há tempos. Mas, agora, fregueses entravam na loja em busca da sua atenção.

Mitch amaldiçoou o dia em que sugerira a tal feira.

CAPÍTULO IV

Gradualmente, Mitch foi se dando conta de que perdera a oportunidade perfeita para demitir a Abelhinha Atarefada! Os motivos haviam sido dados a ele numa bandeja de prata, com uma maçã na boca... E o que ele fizera? Salvara o pescoço da mocinha!

Sentou-se atrás de sua mesa e pôs-se a observar o *Verão*, de Brueghel. Um tanto contrariado, chegou à conclusão de que deveria estar no quadro, colhendo trigo e comendo o almoço trazido pelas mulheres da vila. Em vez de estar sentado em sua sala sem janelas, pensando no problema de dois “As”, poderia estar deitado no campo, digerindo sua refeição, assistindo às crianças brincarem e às mulheres roliças que pareciam prontas a se despir para seus homens.

No entanto, lá estava ele, preocupado com a tarefa ingrata de controlar e livrar-se de uma mulher que não sabia qual era o seu lugar no esquema geral das coisas.

Seria um machista? Era mais que provável que sim. Por que assumira a postura de homem moderno dos anos noventa?

Salty, seu pai adotivo, era um machista assumido. Era verdade que se encarregava de toda a organização domestica, além de cozinhar. Embora possuísse uma loja de acessórios para carros, em Temple, Ohio, deixava que os outros Brown administrassem o negócio.

Mitch considerou o fato de Salty ser um marujo aposentado. Já cumprira com seu dever de macho. Além do mais, cozinhava muito melhor que Felícia, que era estrela no teatro da cidade. Ela dependia dele para tudo. Ou, ao menos, assim fazia parecer. Não se parecia em nada com Sally, aquela mulherzinha independente. Por que não? Por que Sally tinha de ser tão diferente, tão difícil?

Temple era uma cidadezinha de, aproximadamente, dois mil habitantes. Felícia administrava o teatro como se fosse seu. E talvez fosse. Os Brown tinham muito mais dinheiro do que as pessoas imaginavam. Prova disso era o fato de todos os garotos adotados por eles haverem cursado a faculdade. Mitch recebera seu diploma em marketing às custas deles.

Na verdade, Mitch nunca fora legalmente adotado pelos Brown. Sua mãe, divorciada, passara anos em estado vegetativo antes de morrer. Havia uma tia-avó, muito simpática, mas também doente. Jamais poderia tomar conta de uma criança.

Ela gostava que Mitch a visitasse em seu casarão decadente. E ele se divertira muito naquelas visitas, dando asas à imaginação. Quando ele passara a viver sozinho, a tia lhe oferecera toda a mobília que ele desejasse levar. Felícia o ajudara a escolher algumas peças:

— Tudo o que pertence a Maddie acabará em suas mãos um dia, mas não deve aproveitar-se da generosidade dela. Por outro lado, é sempre bom ter objetos de valor e bom gosto por perto. Esta mesinha, por exemplo, não fará falta a ela e dará um toque de elegância ao seu apartamento.

Com a ajuda de Felícia, Mitch logo escolheu objetos que lhe seriam úteis.

Salty e Felícia também contribuíram na decoração de seu apartamento,

dando-lhe peças que ele sempre gostara.

Mas, o que mais o agradava, era o tapete persa que ganhara de Maddie. Embora fosse velho, não havia sido pisoteado por crianças e encontrava-se em perfeito estado.

Sentado em seu escritório, Mitch franziu o cenho, ainda olhando para o quadro de Brueghel. Ali, as mulheres serviam os homens, como deveria ser. Pensando em como gostaria de ser servido por uma mulher, deu-se conta de que não vira Sally nem uma vez naquele dia. Havia tentado encontrar-se com ela por acaso, mas ela estava sempre em algum outro lugar. E não pôde pensar numa desculpa plausível para procurá-la abertamente.

Deveria fazer isso com uma flecha embebida em algum tipo de afrodisíaco. Então, a levaria ao seu apartamento e desvendaria seus mistérios.

Sally não se encontrava em sintonia com o mundo e uma mulher em tais condições podia representar uma ameaça à comunidade trabalhadora!

O dia terminara. Mitch deixou o edifício da Jamisons e caminhou até seu apartamento. Andou de um lado para outro nos cômodos vazios e sentiu-se solitário.

Aquele era o problema de ser criado por uma família com uma porção de filhos, naturais e adotivos, como eram os Brown. Acostumava-se a ter companhia constante.

Viver sozinho era como viver em outro planeta.

Discou o número de Sally e ficou ouvindo o telefone chamar.

Ela não possuía uma secretária eletrônica? Não. Sally não tinha tanta consideração. Um homem teria de ligar e ligar e ligar, e ouvir o telefone chamar em uma casa vazia... Ou seria apartamento? O endereço na ficha da companhia não era tão específico.

Por outro lado, ela não saberia que ele havia ligado. Se encontrasse a secretária eletrônica repleta de mensagens de Mitch, saberia que ele estava interessado, certo? Certo.

Havia recusado vários convites. Um de uma cliente que não fizera nada

para disfarçar seu interesse. Outro, da entrevistadora de televisão. Outro, de Pike, que ia pescar com mais dois amigos. E recusara até o convite de Rod e Pat para jantar.

Admitiu que não estava vivendo no vazio. Estava se isolando, para o caso de Sally telefonar. Onde ela estava? Por que telefonaria para ele?

Boa pergunta.

E o telefone tocou. Era Sally! Um milagre! E ela foi falando como se costumasse ligar para ele todos os dias:

— Seu convite para o feriado ainda está de pé?

Mitch ficou embasbacado. Foi com dificuldade que pronunciou:

— Sim.

— Que bom! Meus planos mudaram e eu adoraria ir ao parque e assistir à queima de fogos.

— Bom.

— Levarei a comida.

— Está bem.

— Não estou criando algum inconveniente, estou?

— Não, não. Está perfeito. Sério.

— Bem, então, devo ir até sua casa na segunda-feira?

— Vou apanhar você.

— Moro no lado norte da casa.

— Sim.

— Como sabe?

— Não sei. Estou apenas ouvindo e confirmando suas explicações.

— Ah... A que horas?

Já! Mitch não havia falado em voz alta e ficou surpreso com isso.

Ela sugeriu:

— Às cinco?

— Está bem.

— Ótimo. Te vejo na segunda.

— Sim.

— Até lá — ela concluiu e desligou.

Mitch continuou parado, o olhar perdido e o telefone na mão. Recolocou-o no gancho devagar. Sally o transformara num zumbi. Nem era mais dono da própria alma.

Qualquer pensamento seu incluía Sally. Desde que a conhecera, pensava cada vez mais em casamento, vidas partilhadas, felicidade...

Rod lhe dissera que nunca fora tão feliz, antes de casar-se com Pat. E Mitch queria o mesmo para si, ao lado de Sally.

Como um homem podia mudar tanto e tão depressa por causa de uma mulher indiferente? Sally não dera a menor indicação de que estivesse interessada nele. Por que ele havia se deixado envolver daquela maneira? Não fazia idéia de qual seria a resposta.

Tendo se esquecido de que havia recusado o convite, Mitch apareceu na casa do irmão para jantar. Notou que Rod caiu na gargalhada ao vê-lo e que Pat sorrira, lançando olhares de reprovação ao marido.

E os dois continuaram a comunicar-se por olhares, como era comum aos casais felizes. Salty e Felícia costumavam fazer o mesmo. Mitch perguntou-se se Sally seria capaz de estabelecer aquele tipo de comunicação.

Ignorando os anfitriões e pegando Zeke, o garotinho de dois anos, no colo, Mitch refletiu sobre o modo de ser de Sally. Ela estava sempre tão envolvida no que quer que estivesse fazendo, que não se dava conta das tentativas dos outros em estabelecerem contatos reais com ela.

Lembrou-se de como ela havia se comportado enquanto arrumava o estande no *Grand Wayne Center*. Sua atenção estivera toda concentrada na exposição e ela respondia aos cumprimentos de maneira mecânica e automática.

Mitch colocou Zeke no chão e pegou Tod, que choramingava.

Suas lembranças continuaram a se suceder, sem interrupção. Sally caminhara de um lado para o outro, avaliando seu estande. E, quando alguém dizia alguma coisa, ela acenava com a mão ou com a cabeça, mas sem nunca

realmente prestar atenção a qualquer coisa além do estande.

Mitch sentou-se, colocando Tod em uma perna e Zeke na outra. Os dois garotinhos puseram-se a revistar-lhe todos os bolsos. Ele mudou de posição, a fim de facilitar o acesso dos meninos a seus bolsos. Enquanto isso, calculava que tamanha distração provava que Sally jamais seria boa esposa ou boa mãe. Faltava-lhe a capacidade para dar atenção a qualquer coisa que não fosse exatamente o foco do seu interesse no momento.

As crianças queixaram-se por encontrar os bolsos de Mitch vazios. Expressaram seus protestos emitindo sons típicos.

Sem pronunciar palavra, ele enfiou a mão no bolso traseiro e tirou dois bombons amassados.

Rod apressou-se em arrancá-los da mão de Mitch, antes que os meninos os alcançassem.

Mitch nem notou.

— Mitch! — Rod chamou-o com firmeza.

— Hã?

— Não se dá chocolate a crianças desta idade!

— Está bem — Mitch concordou.

Pat chamou-os para jantar.

Rod e os dois garotos dirigiram-se à cozinha. Mitch dirigiu-se à televisão.

— Mitch! — o irmão chamou da mesa.

— Sim?

— O jantar!

— Está bem! Está bem!

Levantou-se e foi espiar a sala de jantar, que se encontrava às escuras.

— Aqui! — Rod gritou.

— Estou indo.

Sentou-se e colocou o guardanapo no colo. Então, apoiou o cotovelo na mesa e o queixo na mão. Assim, pôs-se a observar o jardim através da janela.

Rod estendeu-lhe um prato. Mitch aceitou-o e começou a comer. Terminou

a refeição ao mesmo tempo que os outros, embora não tivesse ouvido uma só palavra do que fora conversado, nem houvesse percebido os olhares e sorrisos do irmão e da cunhada. Assim que terminou de comer, pediu licença e levantou-se, dizendo que precisava ir embora.

Rod acompanhou-o até a porta e aproveitou para dizer:

— Espero que a traga para nos conhecer. Pat acha que já conhece Sally.

— Sally... — Mitch repetiu com carinho, enquanto entrava em seu carro.

Em momento algum desconfiou que não houvesse agido da maneira mais normal do mundo.

Voltou para o apartamento, onde ela o cumprimentou assim que ele entrou no hall. Então, foi até a televisão e assistiu ao noticiário em que Sally aparecia. Sorriu para a imagem na tela e repetiu a fita várias vezes.

Na verdade, agora possuía três gravações de Sally. As duas últimas diziam respeito ao volume de correspondência recebido por ela, depois de ter aparecido na *World News Network*.

Foi até o hall de entrada e parou diante da fotografia em tamanho natural do rosto de Sally. Demorou para compreender por que fora até li, uma vez que a foto era em preto e branco e a imagem na televisão, colorida.

Finalmente descobriu o motivo de sua inquietação. Seu anjo da guarda estava tentando avisá-lo de que, caso Sally fosse ao seu apartamento na segunda-feira, ela veria a fotografia assim que entrasse.

Tirou-a da parede e andou pelo apartamento com a foto colada ao peito, até dar-se conta de que tinha de escondê-la em algum lugar. Acabou guardando-a debaixo da cama do quarto de hóspedes.

No sábado, Mitch examinou o apartamento com atenção. Não estava mal, exceto pelo fato de não haver tapete em nenhum dos quartos. O único tapete era o adorável persa, que forrava o chão da sala.

Precisava de um tapete para o seu quarto.

Alguém havia mencionado um comerciante de tapetes local. O nome era... Consultou as Páginas Amarelas. Lá estava: Galeria de Tapetes Orientais Aaron.

O proprietário chamava-se Bob Anderson. Isso mesmo.

Mitch saiu do apartamento e caminhou seis ou sete quarteirões até a loja.

— Olá — Bob Anderson cumprimentou-o.

— Preciso de um tapete para a minha sala. Quero um bem bonito.

Examinaram quase toda a coleção de Bob, enquanto ele ia explicando as variedades, tipos e usos de cada tapete. Logo ficou evidente que Bob conhecia bem seu ramo de negócios.

Mitch ficou em dúvida entre dois tapetes. Depois de descrever a mobília e o espaço disponível, e ouvir as opiniões de Bob, decidiu-se por uma verdadeira obra prima.

Como quisesse que o apartamento estivesse impecável na segunda-feira, pagou-o e carregou-o enrolado sobre o ombro.

Bob Anderson sorriu e concordou com arranjo, mas seus olhos dançavam de divertimento.

Chegando no apartamento, Mitch colocou o tapete persa de sua tia-avó no quarto e o que acabara de comprar, na sala. Depois de andar de um lado para o outro, analisando a combinação de todos os ângulos, sorriu satisfeito.

O sofá era cor de canela e havia um toque do mesmo tom no desenho intricado do tapete. A poltrona marrom escuro dava um toque de sobriedade ao ambiente. Compraria lírios amarelos, de cabos longos, para o vaso verde de bordas douradas. Examinou os quadros na parede e as cortinas simples. Excelente!

Sally repararia no tapete? O outro estivera no chão quando ela visitara o apartamento pela primeira vez. Notaria a diferença?

Convidou Rod e Pat para o jantar de domingo. Eles aceitaram.

Esquecendo-se de que Sally se oferecera para levar o jantar de segunda-feira, fez compras, escolhendo com cuidado os itens que gostaria de oferecer a ela.

Estava ocupado com os preparativos, quando Rod telefonou, às quatro horas do domingo, dizendo:

— Estaremos aí dentro de uma hora para o jantar.

— Ótimo! Fico contente que tenha ligado — Mitch respondeu com entusiasmo.

Quando chegaram, ele os cumprimentou como anfitrião perfeito:

— Que surpresa vê-los aqui! E é ótimo que possam ficar para o jantar.

Por alguma razão, Rod caiu na risada, acompanhado por Pat. Eles não disseram o que era tão engraçado. Mitch pensou que era bom fazer parte de uma família tão alegre e perguntou-se se Sally estaria acostumada a reuniões familiares bem humoradas.

Os dois comentaram o novo tapete, elogiando-o um bocado. E quiseram ver como o persa ficara em seu quarto. Depois de um exame minucioso, aprovaram a escolha de Mitch.

Tod e Zeke encontraram a fotografia debaixo da cama do quarto de hóspedes e arrastaram-na para a sala. Agindo da maneira mais casual possível, Mitch guardou-a cuidadosamente no armário do hall de entrada.

De dentro do mesmo armário, retirou um cesto de brinquedos que havia comprado exclusivamente para uma situação como aquela. As crianças ficaram maravilhadas e esqueceram-se do resto.

— Aquela foto de Sally saiu muito boa — Pat comentou.

Mitch mal podia acreditar que Pat era capaz de ser inconveniente a ponto de mencionar a revelação de uma fotografia escondida. Tratou o assunto com indiferença, como se não fosse grande coisa e como se Pat não houvesse cometido uma gafe terrível.

Pat continuou:

— Encontrei Sally, ontem. Ela me contou que vai estar na cidade para assistir à queima de fogos. Tem certeza de que não gostariam de juntar-se a nós? Como todos os anos, a vizinhança vai se juntar no parque para uma ceia. Será divertido.

— Não... Bem, é muita gentileza sua nos convidar... Quem sabe no ano que vem...

E Rod caiu na risada de novo.

Sem saber que fora o tom em que pronunciara “ano que vem” que provocara o acesso de riso do irmão, Mitch deu-lhe alguns sopapos amigáveis e Rod finalmente controlou-se. Mas, então, cometeu o erro de olhar para esposa e os dois, Rod e Pat, caíram na gargalhada.

Mitch fitou-a com olhar interrogativo e ela explicou:

— Os meninos estão se divertindo um bocado com os brinquedos.

Mitch pareceu confuso. Olhou para as duas crianças que brincavam sossegadamente no chão. Então, desistiu de entender o que se passava com o casal à sua frente, e pôs-se a providenciar o jantar.

Foi uma noite agradável. Mitch estava alerta para a comunicação silenciosa que mantinha Rod e Pat unidos o tempo todo. Parecia-se com o laço que unia Salty e Felícia.

Zeke e Tod mantiveram-se ocupados o tempo todo, sendo monitorados e controlados pelos pais. Não eram autorizados a correr e fazer algazarras. Rod e Pat os supervisionavam constantemente, sem interferir em suas brincadeiras saudáveis.

— Vocês são bons pais — Mitch comentou pensativo.

— Não tive escolha — Rod replicou. — Fui treinado desde o momento em que entrei na casa de Salty. Você sabe que ele adotou Mike e John logo depois de mim.

— Tenho lembranças semelhantes. Fui encarregado de cuidar de Cray e Tom, assim que fui adotado.

— Tinha Bob para ajudá-lo.

— Ah, mas ele era chato. Nunca estava disposto a permitir que eu fosse o líder.

— Ele não mudou nada. Lembra-se de Teller? O garoto parecia só dar problemas. Mas Bob deu um jeito nele.

Com ar nostálgico, Mitch perguntou:

— Lembra-se de Tweed? Vivo me perguntando por onde anda.

— Pergunte a Salty. Ele se mantém constantemente informado de seu paradeiro.

— Tweed foi o mais problemático de todos nós.

— É verdade. Salty sofreu um bocado quando ele partiu. Mas, sendo como é, Tweed tem de viver sozinho e cuidar da própria vida.

— Salty pode ter sofrido, mas não desistiu. Tweed não deve nem fazer idéia de que Salty tem sido o seu anjo da guarda invisível durante anos.

Rod riu.

— Com aquela voz rouca?

Mitch também sorriu.

— Quando cheguei lá, não sabia se conseguiria viver naquela casa. Todas aquelas crianças... E Felícia, parecendo uma mulher mágica, porém incapaz de resolver o menor dos problemas.

— Ela é uma dama de ferro, coberta de *chiffon*.

Pat entrou na conversa:

— *Chiffon*! De onde tirou essa idéia?

— Ora, você conhece Felícia.

— É... Tem razão.

— Teve notícias de Tweed? — Mitch perguntou.

— Não sei dele há anos.

— Não se preocupa com o que possa ter acontecido a ele?

— Não. Mais cedo ou mais tarde, ele vai aparecer como se houvesse nos visitado na semana passada. E vai chegar com aqueles seus passos largos e jeito de quem é o dono do mundo.

— Tem razão.

— Tweed é um nome um tanto curioso — Pat comentou.

— Foi ele quem escolheu — Rod explicou. — Salty tinha um casaco de *tweed* que ele adorava. E gostava do som da palavra. Quando foi embora, levou o casaco consigo. Há mais ou menos dois anos, Salty recebeu uma caixa.

Mitch interrompeu-o, para finalizar:

— Era um casaco de *tweed*! Havia um bilhete, sem endereço de remetente. Lembro-me disso. Salty usa o casaco até hoje.

— Eu sei — Rod falou, olhando para o prato vazio.

— Você é o preferido de Salty. Afinal, foi o primeiro — Mitch constatou com voz emocionada.

— Gostaria que Tweed voltasse. Salty já tem quase setenta anos.

— Tweed vai nos fazer uma surpresa. Tenho certeza.

— Onde acha que ele está?

— Só Deus sabe.

Rod notou que Mitch estava mais ligado naquela conversa do que estivera em qualquer outra nos últimos dias.

— Tivemos sorte por você ter vivido conosco. Ensinou a todos como discutir.

— Foi Bob.

Rod sorriu para Pat.

— Viu só?

— Ora, não posso permitir que uma mentira se espalhe por aí — Mitch defendeu-se.

— Ora, uma atitude muito nobre!

— Pat — Mitch chamou-a —, tem consciência de que está casada com este homem e que terá de aturá-lo pelo resto da vida?

— Existem compensações — ela replicou com um sorriso maroto.

— Sexo — Mitch concluiu com um suspiro.

— Bem, já que tocou no assunto, sim, sexo. Mas, como sabe?

Mitch apontou para a barriga ligeiramente protuberante de Pat.

— Não fez isso sozinha, não é mesmo?

— Está me dizendo que o bebê tem algo a ver com... sexo?

Mitch soltou uma gargalhada e Rod interveio:

— Explicarei tudo mais tarde, querida.

— Outra vez! — Pat falou com um suspiro.

Rod virou-se para Mitch.

— Ela só diz essas coisas, para que as pessoas não saibam que maníaca sexual ela é. — Então, parecendo pensativo, acrescentou:

— O fardo de um homem não é fácil de carregar.

— É mesmo? — Pat fingiu-se ofendida. — Então, não passo de um fardo?

— Ainda não havia notado?

Os dois ainda discutiam quando juntaram suas coisas, apanharam as crianças e foram embora. Lembraram-se de agradecer a Mitch pelo jantar, embora ele continuasse se sentindo como um garçom que nem recebeu gorjeta.

Finalmente, a segunda-feira chegou. Mitch foi até a casa de Sally para apanhá-la e levá-la ao seu apartamento. Ela abriu a porta carregando uma cesta de piquenique. Mitch lhe deu um beijo de boa tarde. Ela sorriu, corou e seus olhos brilharam.

Voltaram ao apartamento de Mitch. Ele estacionou o carro na rua e carregou a cesta de piquenique para cima. Assim que depositou a cesta no chão, tomou Sally nos braços e beijou-a. Desta vez, foi um beijo como mandava o figurino. Ela não só permitiu, como assumiu o papel de participante ativa.

Quando se afastaram, Mitch murmurou:

— Mal posso acreditar que esteja aqui.

Sua voz tornara-se rouca, seu corpo parecia em chamas e seus olhos faiscavam. Sally notou tudo aquilo e ficou surpresa.

Ele sorriu e perguntou.

— Algum dos itens da cesta precisa de refrigeração?

— Sim, mas estão envolvidos em embalagens especiais. Permanecerão gelados por quatro horas.

— Você é ótima.

Ela sorriu e pareceu embaraçada pelo elogio.

— Gostaria de comer aqui? É mais fresco. Podemos ir para o parque depois do jantar para assistir aos fogos — ele sugeriu.

— Acha mesmo que é possível ver os fogos de *Freimann Park*! O

espetáculo será a quilômetros daqui.

— Veremos — ele respondeu com ar inocente.

Sally perguntou-se o que ele queria dizer com a resposta evasiva. Teria certeza de que veriam os fogos, ou iam até lá para testar a idéia?

Ele voltou a sorrir, antes de dizer:

— Você está muito bonita. — Sua expressão era benigna e até um pouco idiota.

— Bobagem — ela respondeu sem jeito.

— Qualquer homem ficaria fascinado.

— Não é isso. A questão é que não estou interessada, o que me transforma num desafio. Os homens são todos iguais e inteiramente previsíveis. Cada um se sente como um presente enviado por Deus às mulheres.

— É, você disse tudo.

— Então, admite que se considera o sonho de todas as mulheres? — ela inquiriu com seriedade e esperou pela resposta.

— Não estávamos falando de mim. Estávamos apenas discutindo você e os homens.

Sim, ele se saíra muito bem. Mas ela não estava disposta a desistir. Daria bastante corda, para que ele se enforcasse sozinho.

— Acha que é diferente dos outros homens?

— Sou um observador enviado de outro planeta.

Sally teve de rir, embora estivesse consciente de que se encontrava diante de um homem diferente. Ele era uma ameaça a uma mulher desinteressada, pois tinha o dom de fazê-la sentir que podia baixar a guarda e considerá-lo como simples ser humano.

CAPÍTULO V

Mitch estremeceu com uma sensação agradável e reconheceu que era apenas um homem. Todas as células de seu corpo gritavam que, não só ele era um homem, mas ela era uma mulher.

Como qualquer homem civilizado faria, ele sorriu para Sally, como se

fosse inofensivo.

Ela não era tola. Sabia reconhecer o perigo. Ainda assim, ficou. Mas não perderia o controle. Não o pegaria pela mão e o levaria com fingida relutância para o quarto.

Com a intenção de fugir ao clima de tensão que começava a se criar, ela falou:

— Se tivéssemos um espelho grande, mas bem grande mesmo, poderíamos usá-lo para ver os fogos.

— Não acredita que possamos vê-los do parque, não é?

Ela sorriu.

Mitch respirou fundo e soltou o ar lentamente. Deixou de sorrir e aproximou-se dela.

— Se não estou enganado, há um ditado sobre pessoas de pouca fé.

Lançou-lhe um olhar provocativo, sem disfarçar o desejo e a tentação de tomá-la nos braços.

Ela ergueu o queixo e seus olhos brilharam com o mesmo ar de provocação.

— Nós...

Naquele exato momento, alguém tocou a campainha da porta de entrada do edifício.

Mitch franziu o cenho curioso. Afinal, não esperava visitas. Exceto por Sally. E ela já estava ali. Esperou.

Sally apontou para a porta e ergueu as sobrancelhas numa interrogação.

Mitch levou um dedo aos lábios, indicando-lhe que ficasse em silêncio.

A campainha voltou a tocar. Em seguida, uma voz metálica soou no interfone:

— Mitch? Trouxe-lhe alguns peixes!

Sabendo que Pike não iria embora com muita facilidade, Mitch sussurrou:

— Vá para o quarto. — Tomando-lhe o braço, colocou-a a caminho. — Feche a porta.

— Mas é o Pike!

— Psiu! Fique quieta!

Com um aceno de cabeça, Sally entrou no quarto de Mitch e fechou a porta. Então, olhou em volta, fazendo um reconhecimento do local. Notou que o belo tapete persa que estava na sala em sua primeira visita, fora transportado para o quarto. Ficara bem. Observou os quadros na parede e refletiu sobre como ele conseguira dar um toque verdadeiramente pessoal ao apartamento em tão pouco tempo. Então, abriu a porta do guarda-roupa... e viu sua própria fotografia.

Por alguns momentos, olhou fixamente para a foto, experimentando diferentes emoções, que mudaram de surpresa para aborrecimento e, então, para algo totalmente diferente de tudo o que já sentira. Com cuidado, fechou a porta do guarda-roupa e foi até a janela. Pôs-se a apreciar a vista lá embaixo, embora não estivesse realmente vendo o que se encontrava à sua frente. Ouviu Mitch, que usava apenas o mínimo de cordialidade ao falar com Pike. Ouviu as vozes de ambos sumirem na cozinha, depois voltarem para a sala.

— Desculpe por eu não poder lhe dar maior atenção — Mitch dizia.

— Está com alguém aqui? — a voz de Pike chegou aos ouvidos de Sally.

— Não, mas já estava de saída quando você chegou.

— Ah, então desceremos juntos e irei com você até seu carro.

— Na verdade, ainda preciso cuidar de alguns detalhes antes de sair.

— Posso usar o banheiro?

— Eu... Desculpe, Pike, mas eu estava fazendo uma faxina e está tudo uma bagunça lá dentro.

— Ah... — Pike fez uma pausa. — Sim... — Sua mente estava em pleno funcionamento. — Bem...

— Obrigado pelo peixe.

— Não tem de quê.

— Vejo você amanhã.

— Sim, claro. Mitch, gostaria de assistir à queima de fogos no meu

condomínio? É muito divertido e sempre tem lugar para mais um. Se não tiver nada melhor para fazer...

— Prometi ao meu irmão que jantaria com eles.

— Ah, bom. Não queria que você passasse o feriado sozinho.

— Obrigado, Pike.

— Até amanhã.

— Até amanhã.

— Espero que goste do peixe.

— Vou gostar.

— Bem, acho que já vou andando.

E Pike finalmente foi embora.

Mitch fechou a porta do apartamento e colou o ouvido a ela, escutando os passos de Pike escada abaixo. Ouviu o clique da porta automática da entrada e foi invadido por uma onda de alívio e satisfação. Então, virou-se para o quarto, onde Sally estava escondida... E lembrou-se da fotografia colada à porta do guarda-roupa. Meu Deus!, pensou aflito.

Caminhou com passos cuidadosos até a porta do quarto e hesitou em abri-la. Decidiu bater.

— Sally?

— Sim?

Ela não se adiantou para abrir a porta. A libido de Mitch deu mil voltas, bem como sua imaginação. Ela estava nua, deitada em sua cama, à sua espera. Ele respirou fundo; ao mesmo tempo em que reprovava a idéia tola que o assaltara.

Com gestos decididos, abriu a porta do quarto, viu a cama vazia e, em seguida, olhou para o guarda-roupa. Estava fechado. Então, olhou para Sally.

Ela estava de costas para ele, parada diante da janela, observando o tráfego que fluía para o lado oeste da cidade.

— Era o Pike.

— Eu ouvi.

— Ele queria usar o banheiro.

— Seu apartamento tem dois.

— Não queria que ele soubesse que você está aqui.

Sally virou-se para fitá-lo.

— Eu ouvi.

— Pike não é capaz de guardar um segredo.

— Não, não é.

— Dadas as circunstâncias, é melhor que ninguém saiba que nos encontramos fora da Jamisons. Poderia ser constrangedor.

— Compreendo.

Fitaram-se em silencio por alguns instantes, ele parado na porta do quarto, ela do outro lado, perto da janela. Mitch perguntou em tom cuidadoso:

— O que você compreende?

— Que me conhecer... socialmente... é constrangedor para você.

— Como poderei protegê-la se assumir a posição de um homem interessado em você como mulher? Está mais segura sendo apenas minha colega de trabalho.

Sem desviar os olhos dos dela nem por um segundo, ele atravessou o quarto devagar e parou diante dela.

— Sally...

Ela lhe lançou um olhar tranquilo.

— Mitchell... Ou deveria chamá-lo de Sr. Goalong?

Mitch suspirou e enfiou as mãos nos bolsos da calça. Fitou-a com ar de desagrado e comentou em tom suave:

— Eu poderia esganá-la.

— Atitude tipicamente masculina.

— O que espera de mim? Afinal, sou um homem!

— Já percebi.

— E?

O sorriso de Sally foi enigmático e ela não respondeu.

Então, ele tirou as mãos dos bolsos, puxou-a para si e beijou-a.

Passou os braços em torno dela, abraçando-a com força. Sentiu-se arrasado pelo fato de que ela se mostrava quase hostil depois da separação provocada pela chegada inesperada de Pike. Perguntou-se o que sentiria se a perdesse. E deu-se conta de que seus sentimentos com relação a ela começava a tornar-se possessivos demais. Mas os braços dela estavam enlaçados em torno de seus ombros. E seu corpo se amoldava, totalmente relaxado, aos músculos tensos de Mitch. Ele a queria de uma maneira diferente.

Queria fazer amor com ela da maneira óbvia. A diferença era que o desejo que o assaltava não era só atração física, ou curiosidade. Jamais sentira aquilo antes, por mulher alguma.

Por que o corpo de Sally era tão precioso? Por que sua boca era tão especial? Por que ele a considerava a mais linda das mulheres? E até se lembrava de tê-la considerado comum. Ah, como fora tolo!

Então, fez a única coisa que podia pensar em fazer: beijou-a com a intensidade de seu desejo. Seus braços a prendiam com a suave violência da paixão. Seu corpo estremeceu e seus lábios tornaram-se exigentes, enquanto suas mãos dedicavam-se a uma exploração faminta das curvas do corpo feminino que o enlouquecia.

Sentiu todos os músculos retesarem e os pulmões arderem pelo fogo que o consumia.

Quando ouviu Sally emitir pequenos gemidos abafados, afastou os lábios dos dela com relutância.

— Machuquei você?

— Ainda não — ela respondeu num sussurro trêmulo.

Com a respiração ofegante, ele engoliu seco, estremecendo ao fazê-lo. Até seus cabelos pareciam haver se eletrizado e havia outras partes de seu corpo que clamavam satisfação urgente. Mitch reconheceu que deveria soltá-la, afastar-se, antes que fizesse algo de que ambos podiam arrepender-se mais tarde. Tentou. Jogou a cabeça para trás e respirou fundo, repetidas vezes. Ainda assim, não

conseguiu deixá-la.

Sally contorceu-se de leve, indicando que queria que ele a soltasse.

Ele ficou atordoado, pois não foi capaz de controlar o próprio corpo. Seus braços não obedeceram a ordem para soltá-la, seus músculos não cederam ao comando para relaxarem.

Sally voltou a mover-se, tentando desvencilhar-se do abraço. Mitch ficou aborrecido. Como ela podia beijá-lo daquela maneira, com total abandono, sem restrições e, ainda, manter o perfeito controle de si mesma? Franziu o cenho e fitou-a com paixão, sem esconder o desejo. Ainda sentia os músculos como se fossem de aço, o ar que lhe invadia os pulmões ainda se parecia com fogo.

Foi Sally quem quebrou o silêncio:

— Por que tem uma fotografia minha em seu guarda-roupa? Para espantar ratos ou desencorajar outras mulheres?

Ele deu a primeira resposta que lhe veio à cabeça:

— Para espantar ratos.

Estava um pouco distraído pela sensação estranha que envolvia seu corpo, esfriando-o lentamente.

— Acha que sou uma gata?

— Não. Acho que é uma abelha — ele a corrigiu.

Sally conquistara espaço suficiente para afastar-se alguns centímetros, erguer a cabeça e fitá-lo nos olhos.

— Costuma beijar todas as abelhas assim? É um milagre que não esteja todo picado!

— E estou. Só que não é possível ver as picadas — Mitch ouviu-se responder, como se outra pessoa falasse em seu lugar. Sua mente parecia recusar-se a voltar ao seu lugar.

— Qualquer homem que beije como você, só pode ter muita, muita experiência. Sinto-me em desvantagem.

— Você é a primeira mulher que realmente desejo.

— Ah, claro!

Ele começava a recuperar seu estado normal.

— Como pode se mostrar tão controlada, quando estou prestes a explodir em pedaços? Por acaso, tem o hábito de sair por aí, atacando homens, só para avaliar o estrago que é capaz de fazer?

— Claro que não. Nunca fiz o tipo curiosa, antes de... — Sally interrompeu a frase ao meio.

Mitch esperou. Como ela não continuasse, seus braços se apertaram em torno do corpo dela de novo.

— Quer dizer que está experimentando? Está é brincando com fogo. E, é bom que saiba que não se trata de uma caixinha de fósforos, mas de fogo de verdade.

— Nada disso. Eu só queria um beijo.

— Pois tenho outros. Tipos diferentes.

— Acho que você é um grande *Don Juan*. Deve ter deixado uma fila de mulheres arrasadas por onde passou. Provavelmente, foi obrigado a fugir de alguma cidade, antes de mudar-se para cá.

— Não! Sou um cara muito legal.

— Pois beija como um conquistador implacável.

— Nunca beijei assim em toda a minha vida. Foi você quem provocou tudo isso. — Com expressão séria, acrescentou: Beije-me outra vez.

— Eu não me atreveria.

— Pois eu a desafio.

— Não costumo aceitar esse tipo de desafio. Só serve para uma mulher se meter em encrencas.

— Sei que passei dos limites, mas não pude evitar. Você me deixou completamente louco. E mesmo assim, permaneceu calma e tranquila, como se nada houvesse acontecido. Foi você que nos impediu de continuar.

Sally estendeu a mão e afagou-lhe os cabelos.

— Obrigada por haver parado. Eu estava começando a ficar tonta.

— É mesmo?

— Sim. Sei que não devia estar lhe dizendo isso, mas é a verdade.

— Ora, por que eu deveria ser o único a me sentir tentado?

— Não tive a intenção de tentar você.

— Puxou o assunto da fotografia que tenho de você só para me chocar?

— Exatamente.

— Por que abriu o meu guarda-roupa.

— Queria ver se é organizado.

Ele riu e puxou-a para si, gemendo baixinho ao sentir seus corpos quentes colarem-se um ao outro.

— Não faça isso — ela pediu. — Solte-me.

— Daqui a pouco.

— Você sabe que deve me soltar.

— Sim, eu sei. Chegamos perto de perder a cabeça.

Ela assentiu, sem dizer nada.

Mitch falou com voz estrangulada:

— Mas não foi o bastante.

— Foi demais. Devemos ser mais cuidadosos.

— Por quê?

— Porque somos muito suscetíveis.

Ele apertou ainda mais os braços, fechou os olhos e gemeu mais uma vez. Seu corpo estava mesmo prestes a explodir.

— Tem razão.

— Precisa me soltar, Mitch.

Demorou algum tempo para que ele se convencesse de que ela estava realmente certa. Inspirou e expirou profundamente algumas vezes e sacudiu a cabeça, como se fosse iniciar uma discussão. No entanto, começou a soltá-la, bem devagar.

— Meu Deus! Estou todo dolorido!

— Pense em outra coisa.

— Por exemplo, como uma mulher é capaz de dizer algo assim, numa hora

como esta?

Sally lembrou-se de haver dito a ele que suas atitudes eram tipicamente machistas. E eram mesmo. Pensando em dar-lhe algo mais para se distrair, perguntou:

— Está com fome?

Ele soltou uma risada irônica.

— Estou, mas não de comida.

— Estou apenas tentando ajudá-lo.

— Atitude louvável a sua — ele falou com voz e olhar alterados. — Vou lhe mostrar como me ajudar.

Com isso, Mitch puxou-a para si novamente e beijou-a com intensidade, até que ela não foi mais capaz de pensar.

Foi somente depois de deixá-la ofegante, os dedos cravados em seus ombros, que Mitch afastou-se, segurando-a pelos braços para mantê-la de pé.

— Desculpe, querida, mas eu não podia ser o único a sentir dores por aqui.

— Eu devia saber! Você fez de propósito!

Ele sorriu. Seus olhos faiscavam e suas mãos queimavam os braços de Sally. Ainda assim, ele a manteve firme e nem sequer tentou repetir a dose de tentação.

Sally escondeu o rosto entre as mãos e murmurou.

— Esta não foi uma atitude louvável de sua parte.

— Eu sei.

— Podia ter resistido.

— Se eu resistisse, você jamais saberia pelo que estou passando.

— Seu monstro.

Apesar da palavra ofensiva, Sally manteve o tom de voz de uma conversa amigável. Tinha os olhos fechados, os lábios entreabertos... Vulneráveis.

Mitch observou-a nos menores detalhes.

— Acho que deveríamos ir para a casa do seu irmão, como disse a Pike — ela sugeriu, sem abrir os olhos.

— Sério?

— Por favor.

— Não imaginei que você fosse tão covarde.

— Não se trata de covardia, mas da suscetibilidade que mencionei antes.

— Se é verdade que a deixei tonta, como é possível que ainda esteja raciocinando e falando com tamanha clareza?

— Não faço idéia.

— Tem roupas à prova de crianças pequenas. Esta que está usando não resistirá nem pela primeira meia hora.

— Tenho. Em minha casa.

— Não podemos voltar lá. A esta hora, o trânsito deve estar terrível. Teremos de encontrar roupas minhas que sirvam em você.

Abriu o guarda-roupa e lá estava a fotografia de Sally.

— Olho para você todas as noites, antes de dormir.

Ela continuou a fitá-lo com expressão solene.

— E nunca faz qualquer objeção quando olho para você. Ao contrário, atira-se em meus braços e faz amor comigo.

— Provavelmente.

Ele fez uma pausa e estudou-a.

— Provavelmente?

— Se eu tivesse uma fotografia sua no meu guarda-roupa, você faria a mesma coisa.

— Eu me materializaria em sua cama.

— Claro que não.

— Sem dúvida que sim.

— Você seria mais controlado.

— De jeito nenhum. Prove isto — estendeu-lhe uma calça de moletom, com cordões para ajustar na cintura. — Deve servir.

Apanhou algumas camisetas e deixou que ela escolhesse uma. Então, anunciou:

— Quero ver você se trocar.

— Não.

— Você precisa abrir a mente para novas aventuras. Precisa ser mais receptiva a novas idéias. Precisa...

— Precisa apanhar a cesta de piquenique e telefonar para o seu irmão, avisando que estamos indo para lá.

— Tenho uma extensão no quarto — ele a informou com um sorriso malicioso, apontando para a mesinha de cabeceira.

— Mas sei que tem outro na cozinha.

— Você é muito observadora.

— Fora!

— Está bem. Irei para a cozinha. Mas vou ver você se trocar.

— Como? — ela perguntou atônita, olhando em volta.

— Em minha imaginação.

— Pois trate de distrair a sua imaginação.

— E por que eu faria uma coisa tão idiota, como me distrair, quando tenho algo tão agradável no que pensar?

— Porque é o que deve fazer — ela respondeu com seriedade. Depois de fitá-lo por alguns instantes, falou, ainda séria: — Não nos conhecemos o bastante para tanta intimidade. Estamos indo longe demais.

— Ora, mas nem saímos do lugar! — ele retrucou com um sorriso tolo.

— Fora, Goalong!

— Ah, não me chame pelo sobrenome. É tão impessoal. O problema é ter de deixá-la aqui, sozinha. Olhe só para a minha pobre cama.

— Parece uma cama como outra qualquer.

— As aparências enganam. Está olhando para o paraíso. Deite-se e verá se estou mentindo.

— Quem escreve seus *scripts*.

— É você que faz minha cabeça funcionar assim.

— Acha mesmo que eu quero você? — ela desafiou.

Ele assentiu e acrescentou:

— Só falta admitir isso para si mesma.

— Por quê?

— Porque eu sou uma tentação para você, mas você não quer resistir. Quer que eu me controle, enquanto experimenta suas reações a mim, até chegar aos seus limites.

— Bem, acho que tem razão. Desculpe.

— Acontece que sou dono de uma força de vontade de ferro. Pode me provocar o quanto quiser. Dou-lhe minha permissão para explorar livremente todas as suas suscetibilidades.

— Nossa! Que declaração! E devo parabenizá-lo pela escolha das palavras. E, se por acaso, eu ultrapassar os limites da sua "força de vontade de ferro", você dirá simplesmente: "Oh, sinto muito"!

— Para ser sincero, ainda não havia pensado em que expressão usar. Provavelmente, diria apenas “Oh!”, pois não seria capaz sequer de fingir lamentar o fato — ele a corrigiu com um sorriso meigo.

— Vá telefonar ao seu irmão.

— Precisa de ajuda com os botões ou com o zíper?

— Não, mas de qualquer forma, agradeço a oferta.

— E quanto às meias?

— Posso dar um jeito sozinha.

— Eu também. Quero dizer, poderia aprender com facilidade. Tal conhecimento ampliaria meus horizontes como homem. — Mitch falou e riu alto.

— Fora! — ela o expulsou.

— Dê-me um beijo de despedida.

— Você só vai até a cozinha para telefonar ao seu irmão.

— Em se tratando de você, é longe demais.

Sally riu de bom humor.

— Que papo furado!

— Estou falando a verdade.

— Bobagem — ela voltou a rir.

Mitch estudou-a por alguns instantes e constatou que estava mesmo falando a verdade. E era surpreendente reconhecer que estava tão envolvido. Deixando as brincadeiras de lado, virou-se e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Sally continuava diante da janela, a expressão neutra. Então, estreitou os olhos e ergueu o queixo, como se seus pensamentos viajassem para longe. Olhou para a cama tentadora e franziu o cenho, para depois cerrar os lábios numa linha dura. Caminhou até a porta e trancou-a, antes de começar a trocar de roupa.

Rod e Pat adoraram receber o casal na noite do feriado. Os quatro adultos e as duas crianças caminharam até o parque. Não ficava longe. Sally levou Tod, até Rod apanhá-lo e levá-lo sentado sobre seus ombros, sem demonstrar a menor dificuldade em fazê-lo, mesmo carregando uma das cestas de piquenique, mais uma cadeira dobrável.

Sally lançava olhares frequentes a Mitch que carregava Zeke, um cobertor e a outra cesta. Tinha a impressão de que ele deixaria alguma coisa cair. Que não fosse Zeke! Então, deu-se conta de como o corpo masculino era diferente... seus músculos. Ela carregava duas cadeiras dobráveis, muito leves. Pat levava uma. E não teriam sido capazes de carregar mais nada.

A vizinhança reunia-se no parque, todos os anos, para assistir à queima de fogos. Tinham o hábito de dividir os encargos, sorteando quem levaria o quê para a festa. Naquele ano, Rod e Pat haviam sido encarregados de levar um tipo de salada.

Depois de guardar o conteúdo de sua cesta de piquenique na geladeira de Pat, Sally misturara um pacote de sopa de cogumelos não diluída em água, um pote de cogumelos, ervilhas, batatinhas *chips* esfareladas e alho moído e frito. Além da mistura exibir uma aparência apetitosa, o sabor era divino.

A organização da festa fora perfeita. Havia saladas, carnes, sobremesas, cerveja, refrigerantes, além de guardanapos de papel, copos, pratos e talheres

descartáveis. E tudo em quantidade mais que suficiente.

As pessoas falavam com Rod e Pat como velhos conhecidos, levando Mitch a dar-se conta de que o irmão de criação já morava em Fort Wayne havia um bom tempo. Virou-se para Sally e perguntou-se se ela...

E alguém cumprimentou-a, chamando-a pelo nome. Então, outros fizeram o mesmo. E todos olhavam de Mitch para Rod, com expressão curiosa. Como cada um carregava uma criança, era difícil descobrir qual deles estava com Sally.

Mitch tornou-se possessivo e passou a caminhar ao lado dela. Estava agindo como um machão insuportável? Não. Estava apenas esclarecendo quem estava com ela.

Os quatro escolheram um lugar. Mitch estendeu o cobertor no chão e todos se acomodaram. Pat e Rod eram antigos vizinhos e já haviam participado de várias festas da associação de moradores do bairro. Bem, Pat participara de várias. Rod não havia ido a nenhuma, até o ano anterior.

Mesmo assim, todos o cumprimentavam, davam tapinhas em seus ombros e faziam brincadeiras, como velhos amigos. E admiravam e brincavam com os dois garotinhos.

Mitch sabia como fora a vida de Rod com a primeira esposa, Cheryl. O casal havia passado a maior parte do tempo isolado, devido à doença terrível que a consumira lentamente. Mas os moradores do bairro sempre haviam considerado Rod como vizinho. E a gentileza com que o haviam tratado depois da morte de Cheryl fora comentada pela família Brown.

Mitch colocou Zeke ao lado de Tod, ficando ambos entre Rod e Pat, como se fossem um só. Ele e Sally estavam separados. Mitch estava certo de que agira com sutileza e inteligência. Rod e Pat trocavam olhares e esforçavam-se para não rir.

Então, Mitch deixou de ser sutil. Após a refeição, ajudou a dar fim nos pratos e copos sujos, pegou Sally pela mão, forçou-a a levantar-se para dar uma volta pelo parque. O espetáculo dos fogos ainda demoraria a começar. No verão, a noite demorava a chegar.

Mitch descobriu que gostava de ouvir as vozes femininas que chamavam Sally. E que detestava quando vozes masculinas competiam por sua atenção.

E, quando aquelas vozes se transformaram em homens de carne e osso que se aproximaram para conversar com Sally, ele não largou sua mão.

Por outro lado, ela não fez qualquer menção de querer que ele largasse.

Alguns dos sujeitos perguntaram se o número do telefone de Sally constava da lista. Ela respondera que sim, mas não sorrira, nem sugerira que ligassem.

Mitch permaneceu em silêncio o tempo todo. Não sorriu, nem participou das conversas. Ao contrário, fitava cada homem que se aproximava, como se estivesse avisando que era melhor não chegar muito perto.

Depois de um desses encontros, Sally comentou:

— Você não está muito longe de um homem das cavernas. Aonde aprendeu a ser assim?

— Na caverna onde nasci e fui criado. Em Ohio. Um dia, levarei você até lá, para que possa conhecê-la.

— Não será preciso. Acredito no que acabei de ouvir.

— Não está surpresa?

— Não.

— Por quê?

— Nunca vi um machista tão declarado quanto você.

— Só porque queria que fosse para a cama comigo?

— Porque está fazendo todo mundo pensar que estamos namorando.

— Já não é bastante crescidinha para esse tipo de frescura? Não tem medo de me assustar com essa sua conversa?

Ela o fitou pelo canto do olho e, em vez de responder à pergunta, falou:

— Meus dedos já estão tortos, pois toda vez que uma voz masculina pronuncia meu nome, você quase estraçalha minha mão.

— Eu fiz isso?

— Fez.

— Ah... — foi o comentário de Mitch, que ergueu a mão dela e pôs-se a examinar-lhe os dedos, flexionando-os e estendendo-os.

— Parece que não causei nenhum dano permanente.

Com um suspiro profundo, Sally ergueu os olhos para o céu, como se pedisse uma dose de paciência sobre-humana. Mitch achou graça.

Caminharam por todo o parque, tornando sua presença conhecida de todos os que se reuniam ali. Quando voltaram a sentar-se junto a Pat e Rod, não havia viva alma que não soubesse que Sally estava na companhia de um determinado homem. E, como a curiosidade ultrapassasse as barreiras da discrição, todos sabiam que o homem determinado era Mitchell Goalong, irmão de criação de Rod Brown.

Acomodando-se ao lado do irmão no imenso cobertor estendido sobre a grama, Mitch não pôde conter um forte sentimento de sucesso.

Como a escuridão já fosse total, as luzes dos parque se apagaram, pois estava na hora do grande espetáculo.

Tod e Zeke acordaram e assistiram aos fogos com olhos arregalados, cada um agarrado a um dos pais.

E Mitch deitou-se de costas, levando Sally consigo. Aconchegou-a de maneira que ela apoiasse a cabeça em seu ombro, que seu braço permanecesse em torno do corpo dela. A escuridão os protegeria de olhares curiosos. Bem... Na verdade, ele torcia para que sua posição fosse óbvia. E, de fato, qualquer pessoa que desviasse a atenção dos fogos para olhar em volta, veria os dois corpos deitados sem dificuldade, uma vez que o espetáculo enchia o céu de luz e cor, iluminando a noite.

Uma vez terminado o show, as cestas vazias foram encaixadas em cadeiras dobradas. Cada homem carregava um dos garotinhos e as cadeiras. E os quatro caminharam de volta à casa de Rod.

Claro que se tratava da casa de Pat. Desde que os dois haviam se casado, a casa de Rod havia permanecido vazia. Localizada do outro lado da rua, estava sempre fechada e escura.

Os garotos foram banhados e colocados em suas camas. Os adultos despediram-se e Mitch e Sally foram embora.

Sendo o homem calculista que era, Mitch planejara que Sally teria de voltar ao seu apartamento, a fim de apanhar a comida que havia deixado em sua geladeira.

Declarou num tom que impedia qualquer tipo de argumentação:

— Não posso comer toda aquela comida. Vou acabar jogando mais da metade fora.

— Nem eu. Vamos dividir o que sobrou.

— Poderíamos comer juntos, aqui, amanhã e depois de amanhã.

Sally lançou-lhe um olhar paciente. Ele deixara para fazer a sugestão quando já estavam dentro do apartamento.

— Posso trazer o almoço nos próximos dois dias.

— Não — ele negou com veemência, reforçando a palavra com um aceno da cabeça. — Mesmo que fôssemos ao *shopping center* e comêssemos sentados em um banco, cinquenta pessoas nos veriam e fariam comentários.

— Poderíamos marcar um almoço de negócios, a fim de discutir meu comportamento sem precedentes?

— Tarde demais. Todos estão acostumados com você.

— Estão mesmo?

— Como a correspondência diminuiu um pouco nos últimos dias, você caiu para segundo lugar na lista de fofocas.

— Precisamos pensar em alguma coisa para me devolver ao primeiro lugar.

— Que tal minha escrivaninha?

— Com aquele vidro em cima, tudo cairia no chão.

— No filme *Bull Durham*, eles caem da cama.

— Interessante que tenha se lembrado disso instantaneamente!

— Bem, que outra razão teríamos para cair de cima da minha escrivaninha?

— A comida.

— Você fala com malícia.

— Não falo, não!

— Por que a comida cairia da escrivaninha?

Ela não respondeu.

— Ainda estou vendo os dois caindo da cama no filme.

Como ela não comentasse, ele suspirou e pôs-se a andar pela sala.

— Vou me apressar — ela declarou.

— Por quê?

— Você está impaciente. Vou embora. Ah, já ia me esquecendo. Você tem de me levar. Desculpe.

— Qual é o problema com você?

— Não está impaciente para que eu vá embora?

— Estou é ficando louco de desejo por você.

Sally fez um gesto amplo com a mão e apoiou-se na parede.

— Nós nem nos conhecemos direito!

— Podemos aprofundar nossos conhecimentos ao longo do caminho — ele sugeriu.

— Alguma vez esta estratégia deu certo?

— Ainda não.

CAPÍTULO VI

Na cozinha de Mitch, Sally logo separou a comida que ficaria no apartamento. Retornou pouquíssimas coisas à sua cesta.

— Querida — Mitch protestou, deliciando-se por chamá-la assim. — Não vou conseguir comer tudo isso.

Ela endireitou os ombros e fitou-o com olhar severo.

— Pensei que fôssemos comer aqui, juntos. Também não sou capaz de comer tudo isso.

— Está bem, pode deixar a comida aqui. Mas terá de jurar por sua honra de que virá para casa comigo todas as noites esta semana para me ajudar a

comer.

Sally desviou os olhos, a fim de esconder o prazer cheio de culpa que a invadiu. Estudou os dedos das mãos, como se precisasse de tempo para assimilar o pedido que acabara de ouvir e decidir o que fazer a respeito. Era uma mulher de coragem. Então, ergueu o queixo e inclinou a cabeça para um lado, depois para o outro, antes de finalmente pronunciar sua concordância. E, quando o fez, foi em tom solene e formal:

— Está bem.

Mitch sentiu o corpo relaxar e quase sorriu.

Ela o advertiu:

— Nada de trapaças!

Ele arregalou os olhos, numa expressão de inocência chocada.

— Claro que não!

— Faremos isso exclusivamente porque seria um pecado deixar que toda essa comida se estragasse.

— Certo — ele concordou.

— E não vai tentar me seduzir.

— Nunca. Só pedirei beijinhos de boa noite.

— Eu... Vou pensar no assunto. — Ah, ela pensaria! E como pensaria!

— Um homem não pode pedir mais do que isso.

Sally lançou-lhe um olhar rápido.

A expressão de Mitch parecia ser de sinceridade.

Ele carregou a cesta até seu carro e colocou-a no banco traseiro. Então, acomodou Sally no banco do passageiro. A rua estava escura e quieta. Não havia trânsito algum. Os edifícios estavam mergulhados em silêncio, todas as ruas desertas. Sally considerou que era um pouco assustador andar pela cidade àquela hora.

Percebeu que, embora Mitch olhasse em volta, não parecia preocupado. Deu a volta no carro sem pressa e tomou seu lugar ao volante.

— As ruas estão desertas — ela comentou.

— A esta hora, é sempre assim.

— É perigoso.

— Não.

— Costumo ler os jornais.

Ele fez um gesto de quem despreza o assunto.

— Temos patrulhas policiais.

— Costuma andar sozinho, à noite.

— Pratico *jogging*.

— Que tolice!

— Ora, corremos perigo em qualquer lugar, a qualquer hora — ele falou com tranquilidade.

— Preferia que não fizesse isso.

— Fizesse... o quê?

— Sair sozinho à noite.

— É a hora mais tranquila, não há trânsito, nem multidões andando pelas ruas.

— Pode haver ladrões.

Mitch falou com seriedade:

— Não se pode viver a vida com medo de tudo.

— Também não se pode sair por aí fazendo tolices.

— Está querendo dizer que se preocupa comigo? — ele perguntou com voz suave e enrouquecida.

Sally apressou-se em recuperar a compostura e falou depressa:

— Pelo resto desta semana, eu me comprometi a ajudá-lo a comer a comida que ficou guardada na sua geladeira. E já decidi que vou usar o dinheiro que seria destinado às compras da semana, para comprar aquele conjunto marrom que estava à mostra na exposição. Portanto, se algo de ruim acontecer a você, serei obrigada a comer em casa e não terei o dinheiro para comprar a roupa nova.

— Ah...

Ela riu.

— Nunca me senti tão... — Mitch fingiu estar pensando — ... desnecessário.

Ela concordou e explicou:

— Tudo pela comida.

— Posso simplesmente lhe dar a chave do apartamento. Assim, poderia entrar lá todas as noites e comer sua parte sozinha.

— E como eu daria os beijinhos de boa noite que você mencionou?

Ele lhe lançou o olhar mais malicioso que ela já vira.

— Posso recebê-los, todos de uma só vez, na última noite, quando me devolver a chave.

Sally aceitou a sugestão com uma evasiva:

— Quem sabe....

Em voz baixa, quase um sussurro, Mitch confidenciou-lhe:

— Nunca em minha vida conheci uma mulher que precisasse tanto da mão de um homem sobre ela, como você precisa.

— Ora, não diga! — ela exclamou em tom de zombaria.

— É verdade.

Haviam chegado à casa de Sally. Ela deixara a luz da entrada acesa. A vizinhança estava quieta, a rua vazia. Mitch estacionou o carro e olhou em volta. Então, desceu, ainda olhando em volta e abriu a porta para ela.

Sally aceitou a mão que ele lhe estendeu e também saiu do carro.

— As ruas estão desertas — Mitch comentou.

— Muito bem, Mitchell. Ponto para você.

— Ah, então reconheceu a citação?

Sally adiantou-se pelo caminho estreito que levava à sua porta.

— Não estamos desprotegidos. Contamos com a Patrulha de Cidadãos. Sou um dos membros.

— E quem faz a ronda com você? — Mitch perguntou depressa.

— Diversas pessoas.

— Quem?

— Lembre-me de lhe dar uma lista.

Haviam chegado à porta.

— Quero um beijo — ele anunciou.

Sally destrancou a porta e entrou, seguida de perto por Mitch. Ela perguntou:

— Já não o beijei uma porção de vezes, hoje?

— Ainda não.

Ela se virou para ele e começou a falar:

— Lembro-me...

Mitch, porém, não precisava de lembretes. Precisava abraçá-la e beijá-la. E foi o que fez. E foi maravilhoso.

Seus corpos colaram um ao outro, unindo-se em cada curva e saliência. Trovões sacudiram o céu, anunciando a chegada iminente do caos cósmico. Quando finalmente se afastaram, dando-se conta do estranho silêncio que os envolvia, ficaram aturdidos. Mitch girou nos calcanhares e Sally apoiou-se no batente da porta. Ambos respiravam com dificuldade.

— Quem é você? — ele perguntou num fio de voz.

— Sally Yoder.

O fato dela haver respondido literalmente, era prova de que se encontrava em condições desastrosas. Quem era ela, afinal? Mitch sabia a resposta. Então, por que perguntara? Por quê?

— Quem a enviou a este planeta, para provocar o desequilíbrio do ecossistema, como acabou de fazer?

— Não fui eu, foi você!

— É uma mulher perigosa.

— Não vou jantar com você amanhã.

— Nem pense numa coisa dessas! Preciso manter você por perto até descobrir o que está fazendo neste planeta. Não houve um filme chamado “As Mulheres-Abelha do Espaço Sideral”?

— Não faço idéia.

— Elas transformavam homens em zangões.

— Certo.

— É isso o que está fazendo?

— Com certeza.

— Faz com que todos nós voemos atrás de você e, aquele que voar mais rápido e mais alto, chega a você? Com quem estou competindo?

Sally abriu a boca para responder, mas foi impedida pelo segundo beijo de Mitch. Dessa vez, foi ainda pior. Melhor. Estupendo!

Ela levou as mãos ao rosto e murmurou:

— Não faça isso. Não conseguirei resistir a outro.

— Outro... o quê?

— Beijo.

Então, ele a beijou novamente, mas não na boca. Moveu a cabeça lentamente, beijando-lhe as faces, o nariz, a testa, o queixo e atrás da orelha. Eram beijos suaves, como o roçar das asas de uma borboleta nas pétalas de uma flor.

A respiração de Sally tomou-se irregular.

Demonstrando extrema falta de compaixão, ele a soltou de repente e afastou-se.

— Vejo você amanhã.

Sally ficou exatamente onde estava, sem mover um músculo sequer. Mitch abriu a porta e fitou-a por alguns instantes. Então, saiu e fechou a porta atrás de si.

Entrou no carro e voltou ao seu apartamento. Vestiu um agasalho e saiu para correr. Passou mais de uma hora exercitando-se. As patrulhas e guardas do bairro já o conheciam àquela altura, uma vez que suas corridas noturnas eram frequentes. Todos o cumprimentavam e ele acenava em resposta.

Na manhã seguinte, vestiu-se com todo o cuidado e barbeou-se meticulosamente. Então, entrou no carro e foi até a casa de Sally, a fim de

apanhá-la e levá-la para o trabalho.

Ela se mostrou irritada e impaciente.

— O que está fazendo aqui, a esta hora?

Ele sorriu, satisfeito por haver conseguido surpreendê-la.

— Eu... Pensei em lhe dar uma carona.

Sally plantou a mão em seu peito, pensando em empurrá-lo e bater a porta. Mitch no entanto mostrou-se persistente e não se afastou um milímetro sequer. Furiosa, ela disse:

— Não seja cretino! Você mesmo disse que ninguém na Jamisons deveria saber que nos vemos fora do trabalho. Se chegarmos juntos, morando um em cada lado da cidade, a notícia se espalhará num piscar de olhos!

Mitch ficou desconcertado.

— Ah... — murmurou, desviando o olhar.

— Nos encontraremos no seu apartamento esta noite, para jantarmos juntos.

Depois de fitá-lo com olhar flamejante, ela bateu a porta.

E lá estava ele, diante da porta da casa de Sally, cuidadosamente vestido e barbeado. E rejeitado. Com movimentos mecânicos, voltou ao carro, entrou, deu a partida e dirigiu-se para a Jamisons. As mulheres eram mesmo muito estranhas.

Tinha muito trabalho a fazer e não viu Sally nem uma vez, durante todo o dia. Surpreendeu-se com a velocidade com que o tempo passou. Quando se deu conta, o expediente terminara. Ansioso pela noite que teria pela frente, correu para casa.

Sally estava atrasada.

Mitch já estava prestes a desistir de esperá-la e dar a noite por perdida, quando a campainha tocou. Apressado, apertou o botão ao lado do interfone, a fim de destrancar a porta automática da entrada e saiu do apartamento, para encontrá-la na escada.

Ela estava cansada, encalorada e um tanto contrariada. Mitch não disse

nada. Limitou-se a acompanhá-la escada acima, até entrarem no apartamento. Então, serviu-lhe uma taça de vinho branco gelado e convidou:

— Sente-se. O jantar está pronto.

Sem emitir qualquer comentário, Sally sentou-se e bebericou o vinho.

Primeiro, Mitch serviu os perecíveis: salada de batata e alguns legumes. Então, trouxe a carne. A porção designada a Sally havia ficado no forno por alguns minutos a mais que a outra. Os pãezinhos de cachorro quente haviam sido cortados na diagonal, besuntados com um pouco de manteiga, cobertos de queijo parmesão ralado e, só então, torrados.

Sally comeu sem conversar, parecendo distante e pensativa. O silêncio estendeu-se quase até o final da refeição, quando ela declarou:

— Está contratado.

Mitch olhou para ela, erguendo as sobrancelhas numa expressão de interesse curioso.

— Não terá de limpar os vidros — ela acrescentou.

Ele torceu os lábios em sinal de desagrado, suspirou e mudou de posição na cadeira.

— Tive um dia péssimo — Sally finalmente se dispôs a falar.

— Por quê? — Mitch decidiu encorajá-la. Queria saber de tudo o que se passava na vida dela.

— Acredita que os Jamison seriam capazes de me perseguir, a fim de conseguir que eu peça minha demissão?

Mitch considerou a questão por alguns minutos.

— Acho que seria possível.

Os olhos de Sally faiscavam de raiva.

— O que eles fizeram à minha Abelhinha Atarefada, hoje? — ele perguntou com um sorriso terno.

— Lembra-se do painel de ofertas, ao lado da entrada principal? Pus uma amostra de cada item em oferta no departamento de roupas femininas. Havia um sapato vermelho, de salto alto, pendurado em um gancho. Pendurei um casaco

preto, com lapelas de seda em um cabide. A manga de uma blusa aparecia em sua abertura. A bainha de uma combinação de renda ficava à mostra, por baixo da saia que fazia conjunto com o casaco. E coloquei um chapéu de feltro, combinando com o traje. Os Jamison tiraram tudo de lá, alegando que eu estava interferindo em outras seções!

Mitch reclinou-se na cadeira e falou:

— Mas, sua idéia foi brilhante!

Ela assentiu.

— Num simples olhar, os fregueses podiam ver todas as ofertas. Edgar disse que os anúncios de jornais afixados no quadro eram bom demais e bastante discretos.

Mitch sacudiu a cabeça incrédulo:

— Mas as pessoas não estão tão acostumadas a jornais, como estão à televisão e à comunicação instantânea dos apelos visuais.

Ela concordou.

— Principalmente, quando o apelo é colorido.

— Pois eu acho que você teve uma excelente idéia. Vamos combinar uma coisa? De agora em diante, você vai se reportar diretamente a mim, antes de tomar qualquer iniciativa. Meu cargo supõe que eu me encarregue desse tipo de decisão. Como gosto de suas idéias, vou apoiá-la. Assim, não poderão interferir no seu trabalho.

Sally abriu um sorriso largo e ergueu o polegar.

— Rumo ao sucesso!

O comentário trouxe uma pergunta à mente de Mitch. O que ela considerava sucesso num homem? Com sua mente rápida e inovadora, seria ela capaz de vê-lo como realmente era? Ele não estava certo disso. Em momento algum, Sally o consultara sobre qualquer questão profissional. E ele era o vice-presidente de marketing.

— Não é difícil compreender por que ganhou o apelido de Abelhinha Atarefada — ele comentou, ainda sério. — Daqui por diante, trate de apresentar

suas idéias a mim, antes de qualquer coisa.

— Ainda não me acostumei ao fato de que, agora, temos você para resolver essas questões e acabo me esquecendo. Peço desculpas. Da próxima vez, falarei com você.

Ela "falaria" com ele “da próxima vez”. O que estava querendo dizer com aquilo? Planejava continuar a fazer o que bem entendesse, impondo sua criatividade aos demais? Pretendia assumir o comando total de suas tarefas, acreditando que bastava comunicá-lo de suas intenções? Aquela mulher às vezes parecia um trator! Mitch teria de cortar-lhe as asas, a fim de impedi-la de virar o barco. Então, divertiu-se com a quantidade de clichês que haviam acabado de cruzar sua mente.

Sally comeu o último pedaço de sua torrada e suspirou satisfeita. Reclinou-se na cadeira e sorriu para ele.

— Este foi um dos melhores jantares que já comi.

— Gostei mais da companhia.

— Você foi muito paciente e compreensivo. Não tentou conversar, nem me pressionou a falar porque cheguei tão mal humorada.

— Possuo excelente autocontrole.

Ela riu alto.

Sally o estava tratando com um amigo. Talvez a idéia de trazê-la para jantar em seu apartamento não houvesse sido tão boa quanto ele havia calculado. Acabara criando uma situação que favorecia que ela fizesse dele uma idéia completamente diferente do que desejava.

Pensando em corrigir o erro, ele anunciou:

— Agora, quero o meu beijo de boa noite.

Sally examinou-o com olhar cuidadoso.

Observando-lhe a reação, Mitch considerou que era possível que ela não houvesse se deixado enganar. Estava mais do que consciente de estar diante de um homem. Mitch levantou-se, enquanto ela tirava a mesa com diligência. Ficou parado, observando-a com ar paciente.

Depois de arrumar e limpar a cozinha, colocar os pratos na lavadora de louça e jogar os restos de comida no lixo, Sally apanhou sua bolsa e disse:

— Boa noite — e foi se encaminhando para a porta.

Como tivesse pernas mais longas e braços mais rápidos, Mitch alcançou-a antes que ela chegasse à porta. Puxou-a para si, abraçou-a e beijou-a. Ouviu o ruído surdo da bolsa dela caindo no chão, enquanto as mãos macias deslizavam por suas costas, até envolver-lhe a nuca.

A sensação do corpo dela pressionado contra o seu era maravilhosa. Mitch não mostrou a menor consideração pelas sensibilidades femininas. Apertou-a com força, moldando cada curva de seus corpos, que se tocavam com sensualidade, dos lábios aos joelhos. Os seios dela se comprimiam contra seu peito forte, provocando-lhe ondas de desejo irresistíveis. E a prova latejante desse mesmo desejo se fazia sentir, rígida contra o ventre macio de Sally, impedindo-a de ignorar os efeitos daquele encontro.

Ela inspirou profundamente quando os lábios dele se separaram dos seus. Mitch observou-a com adoração. Ela mantinha os olhos fechados, os lábios vermelhos entreabertos e sua cabeça pousava na mão dele.

Embora soubesse que deveria deixá-la, afastar-se, ele não resistiu à tentação e beijou-a mais uma vez. E, mais uma vez, foi arrasador, incrível, maravilhoso. Mitch sentiu o corpo todo estremecer.

Com dificuldade, Sally murmurou:

— Deixe-me... ir... Por... favor...

As palavras soaram suaves e... hesitantes. Sim, ela parecia não estar tão certa de querer ir embora. Mitch afrouxou os braços, surpreendendo-se com a constatação de que ainda era capaz de comandar os próprios movimentos. Ainda refletia sobre isso, quando Sally ergueu o queixo, oferecendo-lhe os lábios para mais um beijo! Foi exatamente o que ela fez!

E, como sempre tivera uma forte queda para desafiar o perigo, ele a beijou de novo. E foi ainda pior. Dessa vez, seus corpos enroscaram-se como serpentes inquietas e febris. E o caos voltou a tomar conta do universo, provocando a

maior desorganização cósmica de todos os tempos.

Quando Mitch descolou os lábios dos dela, tentando desesperadamente respirar, ou recuperar o controle, ou voltar a raciocinar como um homem civilizado, ela gemeu baixinho num protesto.

Ele tremeu e sentiu o corpo reagir à separação indesejada. O ar parecia não chegar a seus pulmões e ele imaginou se não soltaria fogo pela boca na próxima vez que expirasse.

Sally balbuciou:

— Preciso ir embora. Por favor, me ajude.

Ajudar? Como?

Ela fez um gesto, indicando que ele devia soltá-la. Assim, ele obedeceu, mas teve de segurá-la pelos ombros, a fim de mantê-la de pé. Sally virou a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse atordoada, procurando alguma coisa.

— O que você quer? — ele perguntou, esperando que a reposta fosse "você". Então, ele a tomaria nos braços, tirando-a do chão, e a carregaria para...

— Como eu saio? — ela perguntou com voz de sonâmbula.

— De onde?

— Daqui.

— Você... vai embora?

— Vou.

Diabos! Estando em melhores condições que ela, Mitch olhou em volta, até localizar a porta do apartamento. Então, perguntou:

— Tem certeza de que quer ir embora?

— Eu lhe disse que não deveria tentar me seduzir. E você concordou com a condição.

Sally conseguira pronunciar a frase inteirinha, sem interrupções ou hesitações. Estava recuperando o controle e a clareza de raciocínio. Mitch ficou desolado.

Ela caminhou aos tropeços até a porta e começou a lutar com o trinco, na

tentativa inútil de abri-la.

Mais uma vez, ele insistiu com um leve toque de desespero na voz:

— Tem certeza?

Sem olhar para ele, ela respondeu:

— Acho que sim.

— Vamos conversar — ele sugeriu em tom persuasivo.

Ela sacudiu a cabeça e continuou tentando abrir a porta, sem alcançar o menor sucesso.

Mitch passou as mãos pelos cabelos e respirou fundo várias vezes. Então, ergueu os olhos para o teto e permaneceu assim por alguns instantes. Só depois disso, foi até a porta e resolveu o problema de Sally. Abriu-a.

— Ajude-me a descer a escada — ela pediu em voz baixa, num tom cuidadoso, como se estivesse falando com um monstro ameaçador.

Mitch ajudou-a, embora suas mãos se mostrassem um tanto descuidadas, passeando por territórios proibidos. Sally lançou-lhe um olhar de reprovação e deu-lhe um tapa na mão.

Ele inclinou a cabeça para depositar-lhe beijos nos cabelos, nas faces, nos ombros. Ah, mas aquilo era uma grande injustiça!

Os olhos dela brilharam

— Não faça isso!

Ao chegarem à porta de entrada, Mitch respirou fundo, enfiou as mãos nos bolsos da calça e estudou-a com atenção. Agora, ela lutava com o trinco da porta de entrada. Ele deixou que ela tentasse por alguns minutos, então socorreu-a e abriu a porta.

Com passos incertos, saíram para o pátio. Um dos seguranças estava sentado em um banco. Mitch cumprimentou-o com um aceno de cabeça e acompanhou Sally até a rua, onde ela havia estacionado o carro. Então, segurou-a pelos ombros e disse:

— Vejo você amanhã.

Ela assentiu, tentando descobrir qual das chaves no chaveiro abriria a porta

de seu carro.

— Está em condições de dirigir? — ele perguntou preocupado.

— Acho que sim.

— Vamos voltar para o meu apartamento.

— Eu não me atreveria.

Mitch endireitou os ombros, tirou as mãos do bolso, apanhou o chaveiro de Sally e abriu a porta do carro para ela.

— Obrigada — ela murmurou de cabeça baixa.

— Sally...

Ela ergueu os olhos enevoados para ele e sorriu com ar de tola.

— Telefone assim que chegar em casa, para eu saber que chegou sã e salva — ele pediu.

Ela concordou com a cabeça, entrou no carro e deu a partida. Então, pisou no acelerador, saindo em baixa velocidade, virou na primeira esquina e desapareceu da visão de Mitch.

Quase meia hora se passou, antes que o telefone de Mitch tocasse. Ele atendeu no primeiro toque.

— Mitch?

— Sally.

— Estou em casa.

— Ótimo.

— Sã e... salva.

— Claro.

— Até amanhã.

— Até amanhã.

Ela desligou e, devagar, ele fez o mesmo. Então, Mitch considerou a conversa de amantes que acabavam de ter. Na verdade, não fora uma conversa romântica. Suas palavras não continham a magia do pôr-do-sol e das cataratas, nem a beleza do vôo dos pássaros migradores. Mas os sentimentos tinham tudo isso. Ele fechou os olhos, deliciando-se pela explosão de emoções em seu peito.

Então, vestiu o agasalho e saiu para uma longa corrida. Outra vez.

Na manhã seguinte, Edgar juntamente com os demais membros de sua família, solicitaram a presença de Mitchell Goalong na sala do Sr. Jamison. Ele compareceu.

— Como vão as coisas, Mitch? — Edgar perguntou-lhe com voz gentil.

— Excelentes.

— Por acaso, tomou conhecimento do que a Srta. Yoder fez ontem?

— Sim, e achei a idéia brilhante.

— Ficou sabendo ontem mesmo?

— Sim.

Bem, na verdade, tomara conhecimento do fato depois que ele ocorrera, mas não deixava de ter sido “ontem”.

— Ficamos surpresos.

— Por quê? — Mitch demonstrava atenção e simpatia.

— Achamos... deselegante.

— Poderia ter sido — Mitch concordou —, mas repararam no modo inteligente como ela arrumou as peças? A Srta. Yoder tem excelente visão. O painel ficou muito bem feito. Espero que ela não decida aceitar uma das tantas ofertas de emprego que tem recebido.

— Bem, eu... — Edgar Jamison parecia encurralado num beco sem saída.

Mitch esperou alguns segundos para comentar:

— Os senhores têm uma jóia rara na pessoa da Srta. Yoder. Acho que ela deveria receber um aumento.

Todos os Jamison fitaram-no como se houvesse enlouquecido.

Mitch continuou:

— As peças poderiam ser mudadas todos os dias, incluindo itens de departamentos diferentes. Uma vez que estamos vivendo a era da televisão, a comunicação visual e instantânea idealizada pela Srta. Yoder é realmente perfeita.

Eles ainda se mostravam incertos.

— Bem... Sim.

Com um sorriso cortês, Mitch perguntou:

— Mais algum assunto que gostariam de discutir?

— Não — Edgar Jamison respondeu. — Não, não. Obrigado por ter vindo até aqui e esclarecido a situação.

— É o meu trabalho. Podem me chamar sempre que precisarem. Agora, se me dão licença, cavalheiros — com um aceno de cabeça e um sorriso cativante, levantou-se e deixou a sala clara e arejada.

Naquela noite, sentados à mesa da cozinha do apartamento de Mitch, comendo mais sobras do piquenique de quatro de julho, Sally observou-lhe a reação ao dizer:

— Hoje, os Jamison me chamaram à sala de Edgar. Comunicaram-me de que receberei um aumento de salário.

— Isso é bom.

— Como conseguiu tamanha proeza?

— Simples. Expliquei a eles que o seu painel era uma excelente idéia.

— Eles disseram que foi você quem sugeriu o aumento.

— É verdade.

— Por que fez isso?

— A idéia foi e continua sendo boa. Você vale o seu peso em ouro para aquela companhia.

Sally empertigou-se na cadeira, assumindo uma postura afetada.

— Acho que vou começar uma dieta de super-alimentação para ganhar alguns quilos!

Comeram o feijão assado com carne de porco agridoce, uma salada que nem sequer havia sido considerada para o piquenique do feriado, pão preto com geléia de framboesa e ricota. Beberam vinho branco gelado.

— Mitch, você é um homem incomum — ela concluiu.

— Por quê?

— Ainda vai se transformar num grande líder.

— Fazendo o quê?

— Qualquer coisa. Você é especial.

— O que quer dizer com isso?

— Tem a capacidade de resolver todo tipo de problemas e está sempre disposto a ajudar as pessoas. Arrisca o seu pescoço com muita coragem.

Ele sorriu.

— Você é mesmo incrível — ela completou com seriedade.

— Você também — ele falou com voz enrouquecida.

Sentiu o moral elevar-se, o coração amolecer, o ego inflar. Não era de se surpreender que um homem apaixonado passasse por momentos tão difíceis. Não bastando a tensão física, que já não era pouca, havia ainda a pressão sobre todos os outros aspectos: as emoções, o ego, a auto-imagem. Ah, como era complicado!

Ei! Estava “apaixonado” por aquela abelhinha mágica?

— Se não estou enganado, o zangão que voa mais alto e conquista a abelha rainha, morre em seguida — falou pensativo.

— Não sou uma abelha e você não é um zangão. Os zangões vivem na ociosidade, tendo por único objetivo na vida fecundar a grande e gorda rainha.

Mitch passou a língua pelos lábios, num gesto sugestivo.

— Você disse há pouco que pretende ganhar uns quilinhos.

Sally fitou-o com ar de ingenuidade e surpresa.

— E você pretende me fecundar?

— Antes, preciso praticar — ele respondeu à queima-roupa.

Ela riu deliciada. Seus olhos brilharam e suas faces coraram.

Como ele podia ter chegado a pensar que ela era uma mulher comum?

Quando ela limpou os lábios no guardanapo de papel, Mitch observou-a fascinado. E, quando ela fez menção de levantar-se, ele se adiantou e puxou a cadeira com delicadeza. Os dois se endireitaram devagar e... lá estavam eles: frente a frente, os corpos muito próximos, a respiração acelerando o ritmo. Como tudo aquilo acontecera?

E ele a beijou. Foi um beijo longo, intenso, maravilhoso. Sally passou os braços em torno do pescoço de Mitch, colando-se ao seu corpo. Ele a envolveu pela cintura e apertou-a com paixão, puxando mais e mais para si... E ela arrotou.

Os dois tentaram, esforçaram-se, mas não conseguiram, conter o riso. Seus olhos dançavam, enquanto partilhavam a risada abafada por seus lábios colados. E a tentativa de contenção só serviu para tomar a situação ainda mais hilária. Era ridículo! Um arroto não podia ser tão engraçado.

E seu beijo fora tão sério, tão faminto, tão arrasador... E um arroto era uma coisa tão comum.

— Desculpe — ela falou com voz entrecortada por gargalhadas.

— Eu deveria tê-la impedido, quando se serviu da última porção de feijão.

O comentário provocou outro acesso de riso.

— Acha que eu amo você? — Mitch perguntou, fitando-a nos olhos.

— Claro que não.

— Por que não? — Ele franziu o cenho.

— Não seria bom para você. Eu poderia acabar arruinando a sua carreira.

— E quanto à minha vida? Se você não puder me amar, vai arruinar a evolução da minha vida.

— Não é verdade. Você é tão forte que pode conquistar qualquer coisa e sobreviver a qualquer coisa. Como é muito sensível, acredita que ficaria arruinado, mas tenho certeza de que superaria qualquer coisa ruim que acontecesse em sua vida. Afinal, já fez isso outras vezes. Sua vida não foi como a da maioria das pessoas.

— Tive sorte em encontrar as pessoas que me ajudaram.

— É uma pena que sua mãe não o tenha conhecido. Que idade tinha quando ela morreu?

— Quinze anos.

— E ela não pôde vê-lo então... Como você era?

— Aquela altura, eu já lutava para garantir a liderança do imenso grupo de

crianças, na casa dos Brown.

— E conquistou o seu lugar.

— Não tenho certeza de que alguém tenha reconhecido esse lugar.

— Da necessidade de liderança, como foi que chegou a esta visão mais ampla que tem hoje das pessoas? E à tolerância e compaixão que demonstra por todas elas?

— Nunca me dei conta de que possuo esses talentos.

— São visíveis nas suas atitudes do dia-a-dia.

— Como?

— O rapaz encarregado da correspondência é um exemplo. Você lhe disse que precisava dele. Desde então, ele se sente como se fosse o seu braço direito na companhia.

Sally referia-se ao rapaz que separava toda a sua correspondência e a carregava para a sala de Mitch.

— No departamento de correspondência, ele é meu braço direito — ele explicou.

— Mas foi você quem o fez sentir assim.

— Como faço você se sentir?

— Não fui demitida. Tenho sido um problema para os Jamison há seis meses. Eles estavam prestes a me mandar embora, quando você chegou na companhia. Não fosse por você, eu agora estaria procurando emprego.

— Escolhendo uma das tantas propostas que tem recebido, desde a exposição.

— Não são tão boas quanto parecem.

— Seria capaz de deixar Fort Wayne?

— Agora, não. — Inclinou a cabeça para um lado e sorriu, repetindo as palavras dele: — Preciso ter mais experiência.

Mitch envolveu-lhe o pescoço com uma das mãos, posicionando o polegar sob seu queixo, forçando-a a erguer a cabeça. Seus lábios estavam muito próximos.

— Você é muito mais experiente do que parece — murmurou e beijou-a.

A cozinha explodiu com sua paixão. Cascatas desciam por uma parede, o pôr-de-sol brilhava a leste... ou melhor, a oeste... ora, tanto fazia! E os pássaros migradores faziam um grande estardalhaço junto ao teto.

Separaram-se, ambos sem conseguir respirar. Mitch firmou as mãos na mesa, buscando apoio. Sally passou as mãos pelos cabelos, tentando se orientar.

— Você está me matando — ele falou com voz estrangulada.

— Não sei como isso pode acontecer. Beijei outros homens antes e...

— Quem?

— ...e isso nunca aconteceu. Você é um homem perigoso. Principalmente, para uma mulher como eu. Por que não pode simplesmente me dar beijos gostosos? Por que tem de me deixar neste estado? Sinto-me como se houvesse sido arrastada por um furacão, virada de cabeça para baixo e no avesso!

— Sou um homem inocente.

Ela o fitou com olhar chocado e incrédulo. Então, emitiu um som grosseiro, indicando que rejeitava suas palavras e disse.

— Babaquice!

Com isso, apanhou a bolsa e saiu.

Como foi que ela conseguiu caminhar até a porta em linha reta, sem a menor hesitação?

CAPÍTULO VII

Com Sally deixando seu apartamento daquela maneira, Mitch viu-se obrigado a se reorganizar e recuperar o autocontrole, a fim de que pudesse ao menos acompanhá-la até o carro. Respirou fundo várias vezes e sacudiu a cabeça, olhando em volta.

A cozinha estava exatamente como ele a vira pela última vez. O que era muito estranho. Os pratos continuavam sobre a mesa, indicando que Sally não fizera a sua parte da arrumação.

Com movimentos desencontrados, caminhou até a porta, atravessou-a e deixou-a aberta. Enfiou a mão no bolso para verificar se a chave da porta de

entrada estava ali. Estava. Chegou ao topo da escada. Felizmente, teria de descê-la. Não tinha muita certeza de que conseguiria subir escadas àquela altura.

Quando passou pela porta e saiu para o pátio, olhou para o segurança com expressão inquisitiva. O homem apontou um dedo na direção oposta. Mitch seguiu para lá e acabou alcançando Sally.

— Não fez a sua parte na arrumação da cozinha — ele foi logo falando.

— Minha parte... no quê? — ela perguntou com ar de suspeita.

— Da limpeza! — ele estava mesmo indignado.

— Farei o dobro amanhã. Prepararei o jantar e, depois, limparei a cozinha sem a sua ajuda.

— Acho que posso aceitar o acordo.

— Só tenha o cuidado de não transformar isso num hábito. Como sabe que não ajudei a arrumar a cozinha?

— Os pratos continuam sobre a mesa.

Sally interrompeu a caminhada.

— Conseguiu olhar em volta e avaliar o local? — Agora, era a vez dela se mostrar indignada.

— E como você conseguiu caminhar até a porta em linha reta e chegar até aqui sem a minha ajuda?

— Não faço a menor idéia — ela admitiu e retomou a caminhada.

— Para onde estamos indo?

— Não consigo me lembrar onde estacionei meu carro.

— Lembra-se, ao menos, quanto andou para chegar ao edifício?

— Não muito.

— Então, deve ter estacionado razoavelmente perto. Vamos circundar o quarteirão.

— Como pode “circundar” um quarteirão quadrado?

— Nossa, mas você consegue ser irritante!

— Eu sei.

— Tem outras falhas que eu deveria conhecer?

— Quer saber a minha opinião ou as críticas que os outros me fazem?

— Bem...

— Está conseguindo compreender?

— Compreender o quê?

— O que quer que acontece com minhas células cerebrais, cada vez que você me beija.

— Ah, então admite que nossos beijos produzem alterações cósmicas! Não acredito que isso tenha algo a ver comigo. Nunca experimentei tamanho caos em minha vida, antes de te conhecer. Portanto, você deve ser a grande causadora de tudo.

Empertigando-se, ela o advertiu:

— Não tente se esquivar à responsabilidade!

— Por que tem de ser minha culpa? Tudo o que faço é beijá-la e, então, algo incrível acontece com todo o universo. Sabia que, desta última vez, a cozinha explodiu, uma cachoeira cobriu uma das paredes, o sol se pôs a leste e pássaros voaram sobre nossas cabeças?

Sally fitou-o de boca aberta e olhos arregalados.

— Para você, também?

— Acho que temos um problema muito sério.

— Existe uma solução fácil — ela falou a meia voz.

— Tenho medo de perguntar.

Ela declarou em tom de lamento:

— Vamos parar de nos beijar. Não nos saímos mal quando não nos tocamos.

— Talvez possamos tentar.

— Sim.

— Aquele ali não é o seu carro?

— Aonde?

Ele apontou para o automóvel em questão.

— Sim, é aquele. Você me deixa muito distraída. Nada mais de beijos.

— Claro. Isso é o que você diz... agora.

— Sou perfeitamente capaz de me controlar.

— Hum! — Não foi um som de concordância, mas de total incredulidade.

— Vejo você amanhã — ela disse —, aqui mesmo em seu apartamento. Prepararei o jantar e cuidarei da limpeza e arrumação da cozinha.

— Já gravei esta declaração.

— Bem que suspeitei que você era do tipo que carrega gravadores escondidos nos bolsos.

Haviam chegado ao carro de Sally.

— Ontem à noite, quando você foi embora, fiquei preocupado. Não sabia se você chegaria bem em casa.

— Eu me sentia como se fosse um zumbi.

— Boa noite, Sally.

— Boa noite.

E Mitch inclinou-se e beijou-a de leve nos lábios e... pôs tudo a perder!

Ela o fitou indignada, sacudiu a cabeça e gesticulou com as mãos. Mitch limitou-se a apoiar o peso do corpo no carro e olhar para ela, sentindo-se incapaz de fazer qualquer coisa.

Sally tentou abrir a porta do carro com dedos trêmulos e não conseguiu. Mitch viu-se forçado a recuperar o controle para ajudá-la. Então, ela não conseguia encontrar as chaves. Passava o chaveiro de uma das mãos para a outra, a fim de usar a mão livre na busca.

Ele apanhou o chaveiro de sua mão, selecionou a chave da ignição e entregou-lhe.

— Seu rato imundo! — ela falou entre dentes.

Mas, como não fosse uma boa imitadora, não soou nada parecida com James Cagney. Conseguiu apenas expressar sua irritação.

Entrou no carro e afastou-se devagar, como alguém que tivesse acabado de obter a carteira de habilitação. Verificando o trânsito e a direção a seguir repetidas vezes, logo desapareceu das vistas de Mitch.

Ele ficou olhando fixamente para a esquina onde ela desaparecera durante alguns minutos. Então, olhou em volta e pôs-se a andar pela rua, até sentir que os pensamentos começavam a retomar seu rumo coerente. Voltou ao apartamento, descobrindo que era capaz de subir a escada sem maiores dificuldades. Concluiu que, assim que ela se afastava, ele voltava a agir como um homem normal. À que distância ela teria de ficar para que ele pudesse viver como um homem normal? E o que era normal?

Arrumou a cozinha bem depressa, consultando o relógio de dois em dois minutos. Quando acabou, telefonou para Sally. Ela atendeu, dizendo:

— Estou aqui, e não é graças a você, seu devasso.

Ele disfarçou a voz e perguntou:

— Mary Lou?

Sally desligou.

Mitch discou de novo.

Ela atendeu e falou numa voz arrastada e sonolenta:

— Rhett, querido, isso não são horas de ligar, amor.

E desligou.

Mitch saiu e correu quilômetros. Quando voltou, tomou um banho, foi para o quarto e abriu a porta do guarda-roupa, a fim de poder olhar para o seu amor. Afinal, era amor ou atração o que sentia. Ponderou a questão, sem encontrar resposta.

Deitou-se, dormiu e seus sonhos foram povoados de imagens sensuais de Sally e de sensações de desejo arrasador.

Na noite seguinte, Mitch esperava por Sally no pátio, cheio de ansiedade. Abriu um sorriso largo ao vê-la e acompanhou-a até a porta.

— Mantenha distância — ela o advertiu.

Ele ficou rondando em torno da cozinha, observando-a lavar as mãos e se preparando para fazer o jantar. Abrindo a geladeira, ela começou a escolher os ingredientes.

— Aqui está uma chave da porta de entrada e outra para o apartamento.

Para o caso de você chegar antes de mim, amanhã — ele anunciou como uma criança que informa os pais de sua primeira nota dez.

— Ora, mas é muita consideração de sua parte. Obrigada. Ponha-as na minha bolsa, por favor.

Ela não lhe ofereceu a chave de sua casa em troca. Mas ele havia lhe dado a sua. Já era um começo. E Mitch foi invadido por um imenso sentimento de satisfação. Seria só porque ela, agora, tinha a chave de seu apartamento? Pensaria a respeito mais tarde.

Manteve as mãos nos bolsos, enquanto andava de um lado para o outro, sem pronunciar uma palavra sequer.

A certa altura, Sally interrompeu seus preparativos e virou-se para ele irritada.

— Se pretende jantar ainda esta noite, é melhor sair da cozinha!

— Mas eu não disse nada! Nem mesmo cheguei perto de você!

— Mitch, agora...

— Isso mesmo, agora!

E ele a agarrou. Assustada, Sally abriu a boca para protestar, conseguindo apenas aumentar sua vulnerabilidade ao ataque. E foi um beijo devastador. Quem poderia imaginar que os autores de romances sabiam realmente sobre o que estavam escrevendo? Mas quem poderia imaginar que Fort Wayne, Indiana, seria o centro de um terremoto de proporções tão gigantescas. Quantos pontos teria atingido? Uns onze.

Mitch abraçou-a, colocando os braços em torno de sua cabeça, a fim de protegê-la do desabamento que se seguiria. E tudo se transformou em silêncio e imobilidade.

Fitou-a de olhos arregalados.

— Isso foi um terremoto? — ela perguntou assustada.

Como não tivesse a menor intenção de afastar-se dela, Mitch deu de ombros, antes de responder:

— Acho que foi... fomos nós.

Sally ergueu os olhos para o teto.

— Como poderemos saber se foi real ou se fomos... nós?

— Deve haver alguma diferença. Teremos de fazer novas experiências.

— Que tipo de experiências?

Ele voltou a dar de ombros.

— Abraçar... Beijar...

— Poderíamos comprar um sismógrafo.

Com voz lenta e cheia de dúvidas, ele considerou:

— Provavelmente, ultrapassaríamos sua capacidade e o ponteiro quebraria. Teríamos de viver comprando aparelhos novos. — Ele continuou falando, sem afrouxar o aperto de seus braços em torno dela. — Acho que teremos de simplesmente repetir a dose várias vezes... até nos acostumarmos um ao outro. Acredito no ditado que diz que amigos de longa data sentem-se à vontade um com o outro. Como você quer evitar um envolvimento mais profundo, por enquanto, só nos resta abraçar e beijar e andar por aí, até nos sentirmos à vontade juntos.

— Nós dois juntos seriamos capazes de convencer um esquimó a comprar uma geladeira.

— Acha que estou tentando enrolar você?

— Ouvi tudo o que disse, mas já conheço você um bocado. É esperto, sutil e gosta de me beijar. E aceitará de bom grado ter de enfrentar o caos quantas vezes for preciso, só porque gosta de me beijar.

Ele moveu os lábios, como se estivesse prestes a fazer beicinho. Então, pôs-se a apreciar a vista da janela da cozinha, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

— Não é só isso. Gosto do seu corpo inteiro. Estou trabalhando com afinco na tentativa de encontrar um meio de tirar a sua roupa.

— Ah — disse ela, como se já tivesse conhecimento do que acabara de ouvir. — Você é mesmo um devasso!

— Sou. — Ele assentiu três ou quatro vezes, mantendo o rosto sério. Então

acrescentou: — Quero andar por aí com você.

— Você quer me apertar para ver...

— Acertou.

— ... se me faz arrotar de novo.

E ele riu. Riu às gargalhadas. Abraçou-a ainda mais apertado, o que era de surpreender, considerando-se que já a mantinha colada a si fazia tempo. E, à medida que ria, sacudiu-a um pouco.

— Deixe-me preparar o jantar. Não posso ficar aqui até tarde, hoje.

Naturalmente, ele perguntou:

— Por quê?

— Preciso assistir a alguns filmes no vídeo. Eu prometi.

Com relutância, Mitch começou a relaxar a pressão de seus braços em torno dela.

— Que tipo de filmes?

— Ainda não sei.

— Pornográficos?

— Veja só como sua mente funciona!

— Bem, só pensei que talvez pudesse ajudar.

— De qualquer maneira, obrigada. Agora, solte-me. Preciso terminar o jantar. Meu Deus, veja que horas são!

— Como pode focalizar o relógio?

Como estivesse indignado com aquilo, ele a beijou.

Sally realmente lutou por aproximadamente cinco segundos. Então, tornou-se cooperativa, passando a fazer pequenos movimentos e emitir sons suaves e famintos, que começaram a deixar Mitch completamente louco.

O jantar consistiu de sanduíches de pasta de amendoim e leite. De sobremesa, comeram bananas. As roupas de Sally estavam amarrotadas e seus cabelos desgrenhados.

— Não pode simplesmente ir embora e me deixar nesta condição — ele falou com firmeza e seriedade, os olhos fixos nos dela.

— Não fiz nada para provocá-lo. O problema é seu.

— Nunca tive esse tipo de problema em minha vida, antes de conhecer você.

— Claro!

— Você não tem coração.

— Acertou em cheio.

Ela jogou os pratos de papel no cesto de lixo reciclável, limpou a mesa e falou:

— Pronto.

— O que está pronto?

— Boa noite. Foi um jantar bastante incomum.

— Você tem um coração duro como pedra.

Ela riu.

— Ora, isso é uma coisa boa.

— E quanto a mim?

— Pobre Mitch. A culpa é toda sua. Devia ter me deixado em paz.

— Você correspondeu meu beijo.

— Você beija muito bem.

— Quantos homens já beijou?

— Nenhum que se comparasse a você. Todos os outros beijavam bem. Nada de terremotos, nada de truques... mas, também, nem perto de serem tão gostosos. Mas foram bons.

— Você gostou mesmo do meu beijo.

— Estou indo embora.

— Não vá. Fique comigo.

— Não. Sexo não é uma coisa que se faça só por ser bom.

— Você é virgem! — ele constatou incrédulo.

Ela ficou ofendida.

— Está muito claro para mim, que você não é!

Mitch sorriu.

— Você nunca fez amor com mais ninguém.

— Com ninguém — ela o corrigiu.

— Deve ser a última virgem com mais de vinte e um anos, no planeta inteiro.

Sally estreitou os olhos.

— Andou investigando?

— Quer ser a próxima testemunha?

— Depende de que lugar ocupo na fila.

Mitch riu alto. Adorava aquele senso de humor afiado.

— Como vou saber se não está infectado por todas aquelas doencinhas, sem falar daquela fatal? — ela continuou.

— Juro que sou cem por cento saudável. E você?

— Como já adivinhou, sou pura.

Ele sorriu.

— Por enquanto.

— Vou para casa.

— Fique, por favor. Prometo não fazer nada além do que você queria que eu faça.

Ela virou a cabeça, como se tentasse localizar um som.

— Essa frase me soa familiar. Todos os garotos aprendem isso na escola? As aulas são dadas no ginásio ou na piscina?

— Quem mais lhe disse isso?

— Trata-se de uma das frases mais citadas pelas garotas em festinhas femininas.

— No colégio?

— As mulheres trocam informações. É por isso que a maioria de nós nunca é pega de surpresa.

— Eu estava falando sério. Não quero que vá embora. Se só quiser conversar e me deixar olhar para você, vai ser ótimo. Acho que você é um milagre. Já viu a foto no meu guarda-roupa. Eu...

— Eu estava mesmo querendo falar sobre isso. Por que no guarda-roupa? Tem vergonha de mim?

— Venha ver uma coisa — ele convidou, puxando-a pela mão.

Levou-a até o hall de entrada e abriu a porta do armário. Retirou de lá a segunda fotografia e colocou-a no gancho vazio fixado na parede.

— Esta aqui era para você poder me cumprimentar sempre que eu entrasse em casa.

— Outro armário.

— Achei que não compreenderia se entrasse em meu apartamento e desse de cara com uma fotografia sua, copiada de um jornal, bem diante da porta de entrada. Tive medo que me considerasse um tarado.

Sally corou de prazer ao ouvir a revelação. Tratou de disfarçar o sorriso para disfarçar o quanto estava gostando da história.

— Provavelmente. Ainda não o conheço o bastante para saber quem é... Não. Acho que não posso dizer isso. Já lhe disse que o considero um homem especial. E você é. Mas, ao mesmo tempo, me deixa assustada. Sou suscetível demais a você e fico me perguntando se tudo o que está acontecendo é real, ou se estou sendo atraída para uma armadilha sexual que vai acabar me arrasando. Só estou tentando me cuidar.

— Deixe-me cuidar de você — ele falou com seriedade, fitando-a nos olhos.

Ficaram assim, olhando uma para o outro, durante alguns minutos. Então, Sally falou:

— Por favor, Mitch. Não fique me tentando. Preciso ir para casa.

Ele baixou os olhos.

— Não se esqueça de que prometeu vir para o jantar amanhã.

— Pode deixar.

— Vou com você até seu carro.

Sentindo-se as emoções profundamente abaladas, nenhum dos dois falou. Desceram a escada e caminharam em silêncio até o carro. Ao chegar lá, Sally

nem sequer tentou abrir a porta. Limitou-se a entregar o chaveiro na mão de Mitch, que abriu a porta, selecionou a chave da ignição e devolveu-o.

Então, ele a beijou.

Estavam na rua. Não havia trânsito algum. E ele não lhe deu um dos seus beijos devastadores. Não. Apenas inclinou-se de leve, abaixou a cabeça e tocou os lábios dela com os seus. Mesmo assim, Sally viu foguetes explodirem no ar, muito semelhantes aos que vira na noite de quatro de julho. Portanto, mais uma vez, dirigiu para casa com muito cuidado, em baixíssima velocidade, prestando atenção a todos os cruzamentos e semáforos.

Depois de esperar o tempo necessário para que ela chegasse em casa, Mitch telefonou.

— Já chegou?

— Sim, apesar de tudo.

Alarmado, ele perguntou:

— O que aconteceu?

— Você — ela respondeu e desligou.

Após correr quilômetros, tomar banho, um copo de leite e olhar para a fotografia de Sally durante quase meia hora, Mitch deveria dormir muito bem naquela noite. Mas não dormiu.

Na manhã seguinte, foi para o trabalho e notou que todas as mulheres se derretiam para ele. Parecia um Laurence Olivier, jovem e de olhos verdes, interpretando o terrível Heathcliff, de *O Morro dos Ventos Uivantes*, atormentado e amargo.

Todos se mostravam particularmente amáveis com ele. Mitch não se deu conta de que agia com maior consideração que o normal, embora estivesse um bocado distraído. Seus olhos pousaram no *Moinho*, de Rembrandt, sob o céu carregado. Ele era aquele moinho, grande, sólido, imóvel, esperando que os ventos de Sally o impulsionassem, fazendo com que se movesse e adquirisse vida.

Pôs-se a procurá-la, a fim de olhar para ela e assegurar-se de que era real.

Andou por toda a loja. Ela não estava em lugar nenhum. Como podia ser? Sally estava sempre em um canto ou outro, sempre interferindo no trabalho alheio.

Não havia sinal dela. Ao menos, não que ele pudesse encontrar, sem perguntar a todo mundo ou anunciar seu nome no auto-falante. Não podia fazer uma coisa dessas. Esperaria até a hora do jantar. Então, olharia para ela até seus olhos arderem. Fez um almoço leve, sem o menor entusiasmo e foi dar uma volta pelo estacionamento.

Naquela tarde, Mitch recebeu um telefonema, informando-o de que o charuto que mandara para o banho de bronze estava pronto. Desligou o telefone, avisou a secretária que tinha um assunto externo para resolver e que estaria de volta em meia hora. Foi até a loja e apanhou a placa com o charuto afixado. Mandou embrulhar em papel marrom, com um laço dourado. Levou a caixa até seu apartamento e colocou-a sobre a mesa da cozinha.

Voltou para a Jamisons e afundou-se no trabalho pelo resto da tarde.

Mitch saiu da loja alguns minutos mais cedo. Queria estar no apartamento quando ela chegasse. Queria vê-la usar as chaves. Sentia-se imensamente satisfeito em pensar que ela tinha acesso a ele.

Assim, teve tempo de sobra para andar de um lado para o outro e refletir sobre sua vida. A fotografia de Sally voltara a ocupar seu lugar na parede do hall de entrada. Ele recostou na porta e estudou-a. Então, pôs-se a andar pelo apartamento, analisando-o criticamente. Ainda não era um lar. Tudo parecia estático quando Sally não estava lá para encher o ar de eletricidade.

A campainha tocou e Mitch franziu o cenho. Ela teria perdido as chaves? Ou havia esquecido que as tinha? Apertou o botão do interfone e perguntou:

— É você?

E era Pike!

Pike riu alto e falou:

— Provavelmente, não é quem você está esperando. Acho que nem preciso perguntar se estará livre esta noite, não é?

— Acertou.

— Vamos continuar a conversa pelo interfone ou vai me convidar para subir?

— Bem...

— Posso sentar-me aqui no pátio e esperar por quem quer que esteja esperando — sugeriu com bom humor. — Alguém que eu conheça?

— Meu Deus, Pike, como você é intrometido! Suba, mas não demore.

— Entendido.

Mitch apertou o botão que destrancava a porta automática e Pike subiu os degraus de dois em dois. Ao chegar à porta do apartamento, foi falando:

— Uma turma da Jamisons decidiu passar o domingo em um dos lagos. Alugamos um pontão e vamos levar comida e bebida. Faremos um grande piquenique. Por que não vem e traz a sua visitante misteriosa?

— Como sabe que minha visitante é uma mulher?

Pike respondeu, dizendo o que era óbvio:

— Se não fosse, você não estaria tão preocupado.

— Vou confirmar. Então, ligarei para você mais tarde, ainda hoje. — Mitch enfiou a mão no bolso e tirou a carteira. — Deixe-me pagar minha parte, assim você não precisa convidar ninguém no meu lugar. — Puxou duas notas e estendeu-as a Pike. — Está bem assim? Foi muito gentil em me convidar. Parece que vai ser um dia e tanto.

Ainda parado no hall, Pike sorriu e apanhou apenas uma das notas da mão de Mitch.

— E será. Espero que venha mesmo. A turma é muito legal.

— Obrigado, Pike. Desculpe por atendê-lo com tanta pressa. Telefono mais tarde.

— Está bem. Espero vê-lo no domingo.

Pike virou-se no exato momento em que Sally começava a subir a escada, carregando um buquê. Com um sorriso largo, cumprimentou-a:

— Olá, Sally. — Seu tom de voz dava a impressão de que costumavam encontrar-se todos os dias na escada para o apartamento de Mitch.

Ela ficou surpresa e sem jeito.

Ao chegar no último degrau, Pike virou-se e falou:

— Caso esqueça de ligar esta noite, esteja em minha casa no domingo, às oito horas da manhã. Até logo.

E se foi.

Os dois continuaram parados onde estavam, até ouvirem o clique da porta automática se fechando. Então, fitaram-se e Mitch sorriu.

— Seu cretino! Você armou tudo isso só para me comprometer!

— Não!

— Sei que não fez isso. Mas agora, a situação fugiu ao controle.

— Pike não dirá a ninguém que a encontrou aqui.

— Pike funciona como a gazeta da comunidade. Sabe tudo sobre todo mundo.

— Bem, você só veio jantar comigo.

— E tenho a chave do seu edifício — ela completou em tom desanimado.

Mitch desviou o olhar, a fim de esconder o prazer secreto por imaginar que, em breve, todos saberiam. A partir daquele momento, Sally era sua.

— O jantar está quase pronto. Entre. É melhor comer um pouco.

— Estou arruinada.

— Ainda não.

Ela lhe lançou um olhar que deveria tê-lo congelado.

Mas não congelou. Afinal, ele era um excelente anfitrião. Foi até ela, tomou-lhe o braço e guiou-a para dentro. Sally parecia relutante.

Ela trouxera um buquê de zínias. E foi o que mais agradou Mitch. Tendo visto as flores, Pike saberia que ela não fora visitá-lo por acaso. Havia aceito um convite e até trouxera flores, e tinha a chave de seu apartamento... Ela estava definitivamente comprometida.

Em breve, todos saberiam. E a vida dela se complicaria. A dele, nem tanto. Mas a dela, sim. Ou, talvez não.

Mitch sabia que nem tentaria impedir. Deixaria que Pike desse com a

língua nos dentes e contasse ao mundo que Sally lhe pertencia. Ela confirmaria a história?

Sally dissera: “A situação fugiu ao controle”. Apesar de contrariada, ela não havia se mostrado terrivelmente nervosa. Claro que teria preferido manter sua relação extra-profissional com Mitch em segredo, mas havia admitido com aquelas palavras que, a partir de então, não seria segredo para ninguém que eles eram chegados o bastante para ela ter a chave de seu apartamento.

E ali estava um elemento que os fazia parecerem não apenas amigos, mas sim amantes.

Ou assim ele desejava que fosse.

Ele cuidaria bem dela, a fim de não assustá-la ainda mais. Fechou a porta e virou-se para presenteá-la com um sorriso. Ela não estava na sala. Havia jogado a bolsa na poltrona e ido para a cozinha. Estaria querendo apressar o jantar, para poder ir embora logo?

Ela estava colocando as zínias no vaso. Enquanto Mitch a observava da porta, ela levou o vaso até a mesa. A caixinha marrom continuava lá. Sally apanhou-a.

— Deixe isso onde está — ele disse. — É para você.

Sally examinou a caixa e olhou para ele.

— O que é?

— É para a sobremesa.

— É pesada demais para bombons.

— Nada de apertar ou beliscar — ele lambeu os lábios —, o pacote. Terá de esperar.

Para o jantar, Mitch providenciara salmão e uma salada fresca, coberta de um molho apetitoso. Nada daquilo fora cogitado para o piquenique do feriado de quatro de julho. Sally observou os pratos e concluiu:

— Acabou a nossa comida de piquenique.

— Ainda temos alguns pães.

— Mas você comprou torradas.

— Adoro torradas — ele admitiu com um sorriso travesso.

— Você me atraiu para cá sob falsos pretextos.

Ele concordou com um aceno de cabeça.

— E me deu as chaves para que Pike me surpreendesse em situação comprometedora — ela acrescentou.

— Palavra de honra que fiquei surpreso quando Pike chegou. Não fazia a menor idéia de que ele iria aparecer por aqui. Ele nos convidou para ir a um lago no domingo. Uma turma da companhia alugou um barco. Passarão o dia comendo, bebendo, rindo e contando mentiras.

— Costuma contar mentiras? — ela perguntou a sério.

— Somente em piqueniques regados a cerveja, em lagos, aos domingos. — Ele também estava sério. — Vá comigo. Será divertido.

— Eu... Vou pensar.

Sally colocou o peixe no forno, depois de borrifá-lo com caldo de limão. Quando ficou pronto, salpicou-o com folhas frescas de endro e enfeitou-o com um ramo de salsa.

Mitch serviu o vinho. Ambos sentaram-se e serviram-se de salada. Comeram em silêncio. O salmão estava soberbo, a salada deliciosa, as torradas crocantes e o vinho era de excelente safra.

— Você é um homem interessante — ela finalmente falou.

— Acho você muito mais interessante.

— Está falando de sexo.

Mitch refletiu por um instante.

— Eu diria que o sexo faz parte do meu interesse por você.

— Então, você admite!

— Eu não beijaria alguém do jeito que beijo você, se meu interesse fosse apenas... interesse.

— Como beijaria se estivesse apenas “interessado”?

— No rosto.

— Já me beijou no rosto com segundas intenções!

— Mas foi o seu rosto. Qualquer outro rosto não teria recebido mais que um beijinho inocente.

— Também já me deu beijinhos inocentes. Foram momentos de amizade?

— Aqueles beijinhos pareceram inocentes porque foram rápidos. Mas saiba que deram nós no meu estômago e atearam fogo em outras partes do meu corpo.

— Ah...

— Você está me deixando louco.

— Só porque estou comendo salmão?

— Porque está respirando.

Sally ficou indignada.

— Eu preciso respirar!

— Seu peito se move quando respira.

— Meus pulmões ficam bem abaixo dele.

— E seus seios balançam.

— Não diga que reparou até nisso!

— Como posso evitar? Você usa sapatos de salto alto e anda depressa... seu corpo balança.

— Passarei a usar um espartilho de aço.

— Não faça isso.

— Pelo menos, vou parar de... balançar.

— Vai arruinar meu dia.

— Bem — ela falou com afetação —, creio que não podemos fazer nada tão terrível que possa arruinar o seu dia!

Sally começava a ficar irritada. Mitch falou-lhe em tom gentil:

— Quer experimentar o iogurte de limão?

— Só um pouquinho.

— Então, poderá abrir a sua caixinha.

Ela voltou a tocar o embrulho.

— Não faço idéia do que seja.

— Vai ver.

— Não deveria comprar presentes para mim.

— Faço o que quero fazer.

— Esta foi a afirmação mais honesta que já ouvi de você. A sua maior qualidade é fazer suas decisões arbitrárias parecerem lógicas.

—É possível.

— Estou fascinada com a sua sinceridade.

— Também me dedico a outras fontes de fascinação: humor, sexo, carinho, sexo, cortesia, sexo...

— Já havia me dado conta disso há algum tempo.

— Mas não me deu um beijo quando chegou — ele a repreendeu.

— Estava ocupada, tentando encontrar um meio de desaparecer no ar com a sua chave, sem que Pike me visse.

— Você é uma mulher independente, que não deve satisfação a ninguém.

— Você tem desculpa para tudo. Eu deveria ter percebido isso na primeira vez que salvou o meu pescoço. Você é nada menos que brilhante.

— Obrigado, Srta. Yoder.

— Posso abrir o pacote?

— Deixe-me servir-lhe mais um pouco de vinho.

— Já bebi demais.

— Para o brinde.

— Vamos brindar alguma coisa?

— Vamos.

Mitch notou que Sally tornou-se mais cuidadosa. Seus movimentos passaram a ser mais estudados. Deu-lhe uma tesoura para cortar o laço. Ela cortou e abriu o papel marrom. Então, franziu o cenho. Examinou o charuto e a data inscrita na placa. Seus lábios moveram-se, sem emitir qualquer som. Ergueu os olhos para Mitch e uma lágrima rolou por seu rosto.

— Ah, Mitch!

— Brindemos a uma mulher de coragem. Tenho grande orgulho de você.

Ignorando a lágrima que já lhe chegava ao queixo, ela repetiu:

— Ah, Mitch!

Mitch sentiu o coração se derreter e seus próprios olhos embaçarem. Então, sorriu, ergueu seu copo e falou com voz embargada:

— A você.

CAPÍTULO VIII

Emocionada, Sally ergueu o copo e sorriu.

— A mim.

— Não pude acreditar quando vi você aceitar o charuto. Foi o impulso mais rápido e mais brilhante que já presenciei.

— Obrigada.

Eles beberam o vinho.

Ela o fitou e admitiu:

— Se você não estivesse lá, eu jamais teria feito o que fiz. Senti que tinha de fazer uma boa figura para você.

Mitch sorriu e sacudiu a cabeça.

— É difícil não aceitar o crédito, mas sabe melhor do que eu que estava metida até o pescoço em controvérsias, desde o dia em que pôs os pés na Jamisons. E sou capaz de apostar que, se investigarmos o seu passado escolar, encontraremos evidências da evolução de Sally Yoder, até se transformar na mulher que é agora. As pessoas comentam sobre você. Estão fascinadas com você. E, nem tanto pelo que fez, mas ao que sobreviveu. Tem agido como um exemplo de luta pela liberdade, verdade e justiça.

— Tudo isso?

Ele balançou a cabeça num gesto solene e voltou a sorrir.

— Tudo isso.

Ela levou um dedo aos lábios, em atitude pensativa.

— Uma estátua — decidiu. — Salamandra Yoder. — Ergueu uma das mãos, com a palma virada para cima. — Carregando uma...

— Salamandra?

— Minha bisavó escolheu meu nome. Acho que já estava um pouco senil na ocasião. Era mesmo muito velha quando nasci. — Enquanto Mitch a tirava de sua cadeira e a ajeitava em seu colo, ela continuou a descrever a estátua: — Carregando uma tocha. Bem parecida com a Estátua da Liberdade. Nada de livros. Seios cobertos.

— Que droga!

— Um tornozelo e um pé à mostra.

— Melhorou.

— Eu sabia que descobriria suas taras!

Ele imediatamente sacudiu a cabeça e ergueu as duas mão, negando a afirmação.

— Ainda não me decidi quais as minhas taras. Trata-se de um assunto muito sério, que exige profunda pesquisa e reflexão. Os homens tornam-se conhecidos por suas preferências. É preciso ser sábio e cuidadoso na escolha. Você bem que poderia me ajudar.

— Como?

— Obrigado por se apresentar como voluntária. Tire a roupa.

— Não acredito em você.

— Está vendo? Partilhamos o mesmo tipo de problema. Também não acredito em você. Precisa me ajudar a compreendê-la e conhecer a verdadeira Salamandra.

Sally apoiou o cotovelo na mesa e a cabeça na mão, a fim de encará-lo ao perguntar:

— Será que cometi um erro ao lhe contar meu nome?

— A informação possui grande potencial para chantagem — ele admitiu.

— Bobo!

— Pelo menos, sou um bobo admirável. Nunca se esqueça disso.

— O que estou fazendo no seu colo?

— Depois que abriu o seu presente, parecia que ia chorar e eu queria confortá-la.

— Jamais poderia imaginar que você guardaria o charuto. E mandar para um banho de bronze, então? Será precioso para mim, pelo resto da minha vida, pois será uma lembrança da sua admiração por mim. Obrigada.

— Foi a sua atitude que ganhou o prêmio. Não tive nada a ver com isso.

— Você me deu apoio. Era novo na companhia e arriscou o seu pescoço.

— Valeu a pena.

Sally sorriu e passou os dedos pelos cabelos de Mitch.

— Faz tempo que tenho vontade de fazer isto. Seus cabelos sempre me pareceram macios e eu queria tocá-los.

— Pode tocar tudo o que quiser — ele encorajou.

— Quanta generosidade!

— Gosto de partilhar tudo o que tenho.

Para provar suas palavras, ele a beijou. E foi o mesmo caos de sempre. Seus corpos incendiaram e eles se agarraram um ao outro, buscando firmeza e apoio.

Quando seus lábios se separaram, permaneceram alguns instantes em silêncio, tentando respirar com normalidade.

Então, Mitch murmurou:

— Deve haver um remédio para isso.

— Sim, e aposto que você tem o que pensa ser a solução.

— Sabe o que pode ser?

— Sei o que você pensa que pode ser.

— Se, realmente, conhece a cura para esta doença, deveria partilhá-la, como boa cidadã que é.

— Você acha que o remédio é sexo.

— Ah, sim! Isso deve resolver a questão. Vamos experimentar.

Ele passou os braços por baixo dos ombros e joelhos de Sally e levantou-se, como se carregá-la fizesse parte da rotina do dia-a-dia.

— Espere!

— Algum problema?

— Eu só falei o que pensava que você pensava. Não sugeri coisa alguma.

— Tudo bem. Não tem importância.

Enquanto a carregava para o quarto, ela afagou-lhe os cabelos e falou:

— O problema desse tipo de remédio é que nem sempre é possível tomá-lo.

— Estamos sozinhos. Não há mais ninguém aqui, senão nós dois.

— Estou naqueles dias.

Mitch parou de andar e olhou para ela. Então, deu de ombros.

— Por mim, tudo bem.

— Não.

— Sério. Não fará a menor diferença.

— Eu morreria de vergonha.

— Ora, deixe disso. Estenderemos uma toalha na cama e tudo dará certo.

— Como sabe disso?

— Os garotos também trocam informações em festinhas.

— Não.

— É verdade.

— Quero dizer: não, não vou ceder. Não agora.

— Daqui a uma hora?

— Meu Deus! Não! Não por alguns dias.

— Não tenho certeza se sobreviverei até lá.

— Todos os homens conseguem.

Mitch insistiu uma última vez:

— Estou falando sério quando digo que não seria problema.

Ela sacudiu a cabeça com determinação.

Ele a levou até a cama e deitou-a. Neutralizou todos os seus esforços para levantar-se e falou:

— Você pode ao menos ficar deitada em minha cama e deixar que eu olhe para você. Sonhei tanto com você aqui. Está vendo aquele travesseiro? É seu. Durmo abraçado a ele todas as noites, desde a primeira vez em que a vi. Seria

natural que você pousasse a cabeça sobre ele e me deixasse beijá-la um pouquinho.

Mitch não a beijou só um pouquinho. Beijou-a até nenhum dos dois poder mais respirar. E até beijou-a na boca!

A certa altura, ambos estavam lânguidos, depois de tantos beijos e carícias. Ficaram deitados de lado, fitando-se com ternura, até adormecerem, ainda quase totalmente vestidos.

O último pensamento de Mitch foi que até o desejo frustrado podia deixar um homem exausto.

No sábado, acordaram cedo e Sally sentia-se desorientada.

— O que estou fazendo aqui? — perguntou sonolenta.

— Estou arrasado. Eu estava...

— Arrasado?

— Exatamente. Estava fazendo amor com você e você caiu no sono.

— Que falta de consideração! — ela admitiu.

— Foi mesmo.

— Desculpe.

— Pode me compensar pelo que fez.

— Deixe-me adivinhar.

— Tem três chances.

— Café na cama?

Ele riu, então decidiu:

— Isso faz parte.

— Fazer a faxina, hoje?

— Ora, eu nem havia pensado nisso. Pode ser parte.

Sally mordeu o lábio e olhou em volta, tentando pensar em alguma outra coisa.

— Ah, eu desisto.

— É isso!

Mantendo-o à distância e virando a cabeça, ela se queixou:

— Você já acorda assim? Está sempre imaginando um meio de conseguir o que quer? Deve haver algo errado com alguém que acorda com esta disposição.

— Podemos ir em frente.

— Não podemos, não. Comporte-se. O que estou fazendo na sua cama, às sete e quinze da manhã do sábado, vestindo a mesma roupa de ontem?

— Juro que tentei fazer você livrar-se dela — ele protestou em tom defensivo.

— Acho que me lembro.

— Você estava decidida.

— Sou decente.

— Você é linda e obstinadamente decente.

Sally puxou a blusa para baixo.

— Nem tanto.

Mitch estendeu a mão e impediu-a de arrumar a blusa.

— Você é de tirar o fôlego.

— Não! Sou igual a qualquer outra.

— É mesmo?

— Ora, Mitchell, não tente me enrolar.

— Enrolar?

— Sim, enrolar, fazer de boba.

— Quer enrolar um pouquinho?

— Não! Pare com isso!

— Você é tão egoísta — ele lamentou em tom contrariado, embora seus olhos brilhassem de divertimento. — Vamos ver se minha barba é do tipo certo.

— Para que?

— Para carícias. Vou esfregá-la no seu pescoço, nos seus braços...

Com gestos lentos, Mitch ergueu-se, apoiando um braço de cada lado de Sally e posicionando-se sobre ela.

— O que pensa que vai fazer? — ela perguntou, ao mesmo tempo divertida e desconfiada.

— Isto... Fique quietinha... Ora, Sally, como posso fazer isto, se não para quieta? Isso... Assim... Agora, levante o queixo... Então, o que está achando?

— Hummm...

— É gostoso?

— E pervertido.

— Nossa mãe adotiva adorava quando papai fazia isto com ela. Quando éramos pequenos, pulávamos para cima deles, pedindo que ele fizesse o mesmo conosco. Dá arrepios gostosos, não dá?

— S-sim...

— Quer mais? — a voz de Mitch já apresentava os efeitos da proximidade.

— É melhor não.

— Já lhe disse que seria bom...

— Agora não.

Embora sua voz soasse firme e sóbria, Sally ergueu a mão e acariciou o rosto de Mitch com ternura. Os olhos dele brilharam e ele sorriu.

— Quanto ao café na cama, fique deitadinha aí e trarei qualquer coisa que quiser.

— Minha bolsa.

— Ora, não precisa pagar! A cama e o café da manhã são cortesia da casa.

— Não é isso. Preciso... me arrumar.

— No banheiro, encontrará água quente, sabonete, xampu e o que mais precisar.

— Roupas femininas?

— Que tal meu robe?

— Perfeito.

— E ainda tenho aquela calça de agasalho que você usou no feriado. Foi lavada. E tenho uma extensa coleção de camisetas.

— Aceito.

— Bem... Esta foi uma aceitação do tipo “geral”. Já fiz outras ofertas e...

— O banho, o robe, a calça, a...

— Ah, é dessa aceitação que estamos falando? — ele pareceu desolado. — Pensei que havia decidido me aceitar.

— Não acha que está sendo um tanto dramático?

Sally sentou-se na cama e espreguiçou lentamente.

Observando-a com ar distraído, Mitch comentou:

— Precisa conhecer Felícia.

— Sua mãe adotiva? — Sally perguntou em tom cuidadoso. — Lembro-me de ter ouvido você mencioná-la.

— Sim. Ninguém consegue ser mais dramático que ela. É uma mulher e tanto.

Sally endireitou os ombros e virou a cabeça para o lado.

— Algum problema?

— Claro que não. Preciso tomar um banho.

Ele sorriu.

— Por aqui, madame.

Tomou-lhe a mão, ajudou-a a levantar-se e levou-a para o banheiro. Lá, mostrou-lhe onde havia toalhas limpas, sabonetes, xampu e seu robe, pendurado num gancho atrás da porta. Então, informou-a:

— Sou ótimo para esfregar lugares onde você não pode alcançar.

— Teve muita prática?

Ele riu.

— Você pensa rápido, mas é muito desconfiada. Não é nada disso. Eu era responsável por um dos cachorros da casa. Sou especialmente bom no uso de sabonete anti-pulgas.

— Não tenho pulgas!

— A prevenção é a maior parte do valor.

— Da honra.

— Isso mesmo.

— "A honra é a melhor parte do valor".

— Eu sou honrado.

— E sem pulgas?

— Nem parasitas.

Assumindo expressão séria, Sally declarou:

— Você é mesmo honrado.

— Acho que eu te amo.

— Não é possível — ela protestou, a voz um tanto incerta. Parecia incapaz de respirar.

— Lembro-me de ter perguntado muitas vezes, a papai e aos outros garotos da casa, como um homem sabe que está amando. Sempre responderam: “Você vai saber”.

— Preciso de um banho.

— Não quer ouvir falar sobre isso?

— Acho que está tramando para me beijar de novo e realmente preciso de um banho.

— Às vezes, um corpo suado pode ser muito erótico.

— Mais um motivo para eu tomar um banho.

— Está fugindo do assunto.

Sally riu.

— Voltando ao assunto — Mitch insistiu —, tenho preservativos.

Ela parou de empurrá-lo para fora do banheiro e perguntou:

— Por quê?

— Comprei-os na terça-feira.

Era mentira, mas ele achou que soaria melhor.

— Pensou que eu vinha jantar com você para seduzi-lo?

Ele sorriu com ternura.

— Ou o contrário. Só queria estar preparado.

— Deixe-me ver a caixa.

— Quer ver a caixa? Por quê? Tem preferência por alguma marca em particular? Pensei que havia dito...

— Quero ver se foi aberta.

Mitch não conteve uma risada. Ela era muito esperta. Mas não lhe mostraria uma caixa velha e amassada, contendo pouco mais da metade de seu conteúdo original.

— Não está cheia. Estive praticando para não fazer nada errado com você.

— Onde está a caixa? — ela insistiu, olhando em volta.

— Você a verá na hora certa. Não me deixe mais excitado. Já é difícil como está.

Mitch abaixou a cabeça, exagerando no fingimento de dor.

— Bobagem!

— A sádica e sórdida Salamandra Yoder!

Sally levou as mãos à cabeça.

— Meu Deus! Eu jamais deveria ter lhe contado meu verdadeiro nome! Agora, vai usá-lo contra mim pelo resto da vida!

— Isso quer dizer que pretende passar o resto da sua vida ao meu lado? — ele perguntou em tom sugestivo.

— Nem pensar, seu monstro! Acontece que parece ser o tipo que vai contar à cidade inteira. Nunca mais vou ter sossego.

— Não é um nome tão ruim. “Salamandra Yoder para presidente... Salamandra Yoder ganha os noticiários novamente”. Nada mal!

— Vá preparar o café.

— E bom ter você no meu apartamento. Mude-se para cá.

Ela o fitou chocada.

— Você está me levando para o mau caminho! Primeiro, sou surpreendida chegando ao seu apartamento, com a chave na mão. Depois, passo a noite aqui. O que está acontecendo comigo?

— Por enquanto, nada.

— Você tem uma mente imunda!

— Não há nada de errado com minha mente. É meu corpo que insiste em criar problemas.

— Trate de manter o controle.

— Eu tento, mas você não coopera.

— O seu controle!

— Ahhh! Eu havia entendido outra coisa. Pensei...

— Vá para a cozinha e prepare o nosso café da manhã — ela falou devagar, pronunciando cada sílaba.

— Você usa o meu chuveiro, minhas roupas e, agora, quer que eu a alimente! O que ganho com isso?

— Respeito.

Ele riu e saiu do banheiro. Sally fechou a porta e trancou-a.

Do outro lado, ele advertiu:

— Sally, esqueci de lhe avisar. Não tranque a porta. A fechadura está com defeito e precisaremos de um chaveiro para abri-la.

Com um gritinho abafado, ela destrancou a porta depressa. E funcionou.

Ele abriu a porta e sorriu.

— O café estará pronto em um minuto.

Sally voltou a fechar e trancar a porta.

Em seguida, despiu-se e entrou no chuveiro. Lavou os cabelos e deixou a água escorrer por seu corpo por vários minutos. Ensaboou-se três vezes e, ao desligar o chuveiro, sentia-se uma nova mulher.

Saiu do boxe, enxugou-se e procurou por algum desodorante. E foi então que viu. Sobre a pia, havia uma xícara de café fumegante.

Experimentou a porta. Estava trancada. Olhou em volta. Aquela era a única porta. Mitch tinha uma chave!

Vestiu o robe, secou os cabelos e passou um pouco de maquiagem. Então, dirigiu-se à cozinha para dizer-lhe que um cavalheiro jamais abre por...

Encontrou um bilhete:

Deixei bolinhos, um ovo cozido e mais café para você. Edgar ligou, pedindo uma consultoria. Estarei de volta ao meio-dia. Adoro ter você em minha cama.

M.G.

Como podia guardar um bilhete comprometedor como aquele? Dobrou-o e enfiou-o na bolsa. Então, sentou-se à mesa para comer. Mitch tivera o desplante de contar os bolinhos e deixar-lhe exatamente a metade! Mesmo assim, estavam deliciosos.

O ovo cozido era... diferente para o desjejum. Mas estava bom. E havia bastante café. Ela andou pelo apartamento com a xícara na mão e pôs-se a abrir gavetas e armários. Em uma das gavetas do quarto, encontrou a calcinha que usara no manequim da exposição. Tocou-a com ar pensativo e decidiu deixá-la no lugar.

Não encontrou preservativos. Mitch teria um esconderijo secreto? Intensificou as buscas e acabou encontrando a fita de vídeo com a etiqueta "S.Y." Sorriu de puro prazer.

Sally vestiu a calça de Mitch e uma de suas camisetas. Fez uma pequena trouxa com as roupas que usara na véspera e escreveu um bilhete: "Obrigada pela hospitalidade. S.Y.". Depois de calçar os sapatos de saltos altos, os únicos de que dispunha, saiu e foi apanhar o carro. Não estava lá. Teria sido guinchado?

Voltou ao apartamento e telefonou para a polícia. Não havia qualquer registro envolvendo seu carro. Não fora guinchado. Se quisesse dar queixa de roubo, teria de ir até a delegacia mais próxima.

Ela pensou um pouco e respondeu:

— Algum dos meus familiares deve ter saído com ele. Entrarei em contato se houver necessidade. Obrigada.

Telefonou para Mitch, na Jamisons.

A secretária dele informou:

— Sinto muito, mas o Sr. Goalong está em reunião. Gostaria de deixar recado?

— Não, obrigada. Ligarei mais tarde.

— Direi a ele que ligou, Sally.

Incrível! A secretária reconhecera sua voz!

— Obrigada. Não é nada importante.

Seu carro passara a noite toda na rua. O que poderia ter acontecido? E, pior, vestida como estava, teria de apanhar um táxi, ir até sua casa, descer do carro na porta e caminhar pelo jardim! Daria um escândalo!

No fundo da bolsa, encontrou uma echarpe que, desdobrada, formava um imenso retângulo. Usou-a para embrulhar a roupa suja.

Uma vez dentro do táxi, tirou os sapatos. Calça de agasalho e salto alto não combinavam de jeito nenhum.

Quando o motorista estacionou diante de sua casa, Sally pagou-o e desceu correndo. Dois vizinhos a cumprimentaram. Ela acenou de volta, sem diminuir a marcha.

Entrou em casa ofegante, trocou de roupa e, só então diminuindo o ritmo, ocupou-se de seus afazeres domésticos de sábado.

Mitch telefonou exatamente ao meio-dia e perguntou:

— Por que foi embora?

— Qual o problema? Não fiz a faxina?

— Tenho uma faxineira que vem todas as terças. Por que não me esperou?

— Precisava voltar para casa. Meu carro desapareceu.

— Não desapareceu. Eu o guardei na garagem, ontem à noite.

— Levantou-se no meio da noite para guardar meu carro?

— Claro. Não queria que fosse guinchado. Como voltou para casa?

— De táxi.

— Desculpe, querida.

— Tudo bem.

— Levarei seu carro até aí e você me traz de volta. Está bem assim?

— Quando?

— Agora? Você tem pasta de amendoim? Lembro-me de ter comido um sanduíche magnífico, preparado por você. Com leite e banana.

— Acho que posso atender ao pedido.

— Que outros pedidos está disposta a atender?

— Nada além de sanduíche, leite e banana.

— Muito frugal.

Sally sorriu ao telefone, pois Mitch não poderia vê-la.

— A que horas pretende chegar? Faço questão que coma o sanduíche fresquinho.

— Você é um amor. Posso ir agora?

— Acho que sim.

— Preciso ser beijado.

— Ah, não! De novo?

— Não posso perder a prática.

— Mas eu...

Mitch desligou.

Sally andava de um lado para o outro, enquanto esperava por Mitch. Havia preparado os sanduíches em tempo recorde, acrescentando queijo, tomates, bacon, alface e maionese. Abriu um pacote de batatas chips e guardou os copos de leite na geladeira.

Seu carro não demorou a entrar na garagem. Mitch desceu e olhou para os lados, como sempre fazia. Caminhou até a varanda e, quando ia bater na porta, Sally abriu-a. Ele entrou, sorriu e abriu os braços para ela.

Sally fechou a porta e atirou-se nos braços de Mitch, colando o corpo ao dele e erguendo os lábios ávidos, num pedido silencioso.

E ele a beijou.

Dessa vez, foi um tornado que os atingiu. A casa sacudiu, balançou e girou. Ruídos ensurdecedores encheram seus ouvidos. As janelas rangiam com violência.

Gradualmente, Mitch descolou os lábios dos dela, fitando-a com olhar sério.

— Não foi minha imaginação.

Ela pouco se importava se havia sido imaginação ou não. No silêncio que se seguiu, voltou a oferecer-lhe os lábios entreabertos.

Continuaram a brincar com a estabilidade do universo e com o equilíbrio

da Terra por algum tempo. Não estavam preocupados com que tipo de desastre poderiam provocar. Queriam apenas chegar mais e mais perto, pressionando os corpos um contra o outro, até a respiração tornar-se impossível.

Quando finalmente interromperam o interlúdio, Mitch falou:

— Queria encontrar você em meu apartamento quando cheguei.

Havia se sentido abandonado ao encontrar o lugar vazio e estático novamente. Só o bilhete o cumprimentara ao entrar.

— Está com fome?

Ele voltou a abraçá-la, sem responder.

Sally contorceu-se até Mitch soltá-la com relutância. Levou-o ao banheiro, para que ele lavasse as mãos e, então, acomodou-o à mesa e serviu-lhe o almoço. E Mitch comeu.

Ele deu a primeira mordida e mastigou pensativo. Então, espiou dentro do sanduíche, para ver o que estava comendo.

Sally impediu-o com uma das mãos e disse.

— Adivinhe.

— Bacon e tomate? Pasta de amendoim. Queijo? Alface. Uma combinação interessante.

— Além de gostoso, é um sanduíche bem balanceado.

Satisfeito, ele terminou de comer e pediu outro. Então, reclinou-se na cadeira e espreguiçou.

— Preciso tirar um cochilo. — Olhou para Sally pelo canto do olho e sorriu. — Você dormiu na minha cama ontem. Portanto, nada mais justo que eu durma na sua hoje.

Ela lhe lançou um olhar superior.

— Tenho um quarto de hóspedes.

— Eu também, mas sou mais amigável. Partilhei minha cama com você, agora tem de partilhar a sua comigo.

Ela o levou para o seu quarto. Mitch andou para um lado e para o outro, examinando a mobília e tudo mais que havia ali. Tirou o paletó e entregou-lhe,

para que ela o pendurasse. Então, tirou a gravata, os sapatos e as meias.

Depois de desabotoar a camisa, ele estendeu os punhos para Sally, a fim de que ela soltasse as abotoaduras.

Ela o observou esvaziar os bolsos da calça e colocar seus pertences na mesinha de cabeceira. Então, ele desabotoou a calça e baixou o zíper.

Ergueu os olhos e notou que ela o observava. Fez o tecido deslizar pelos quadris, encontrando um certo obstáculo pelo caminho. Em tom de desculpas, explicou:

— Tenho estada assim desde que pus os olhos em você pela primeira vez.

Sally permaneceu em silêncio.

— Está assustada?

Ela sacudiu a cabeça em negativa.

Mitch dobrou a calça com cuidado e pendurou-a num cabide.

— Venha — ele convidou. — Precisamos descansar. Vamos dançar esta noite. Estou louco para segurá-la em meus braços de novo, e farei isso da maneira mais segura: em público. E estou morrendo de sono. Tente não colocar suas mãos em mim por mais ou menos uma hora.

Deitaram-se bastante próximos. Ele a beijou de leve nos lábios, suspirou, passou os braços em torno dela e puxou-a para si. Depois de um gemido baixinho, ficou quieto. Então, murmurou:

— Se não se mexer, fingirei que estou abraçando o travesseiro.

Sally permaneceu imóvel e em silêncio.

Mitch suspirou duas ou três vezes e adormeceu. Sally continuou acordada.

CAPÍTULO IX

Mitch adormeceu muito depressa. Sally colocou a mão sob o rosto, apoiado ao travesseiro e observou-o. Como ele podia ter a consciência tão tranquila? Como podia dormir com tamanha facilidade na cama de uma mulher que mal conhecia? Como ela podia permitir que aquela intimidade súbita e exagerada continuasse? Quando poria um fim àquilo tudo?

Perguntou-se como ele havia conseguido entrar em sua vida como

ninguém jamais o fizera. Afinal, ele não parecia tão experiente quanto ela havia calculado a princípio.

Quantas mulheres ele convencera a passar a noite em seu apartamento? Sally mal podia acreditar que fizera mesmo aquilo. E lá estava ele em sua cama. Ela certamente jamais planejara permitir-lhe tal acesso.

Mitch sabia como fazê-la sentir-se tranquila e segura a seu lado. Ou era muito sincero, ou muito ardiloso e terrivelmente perigoso.

Mas ele parecia tão franco e honesto... Sally decidiu que precisava levá-lo para conhecer seus pais. Observaria atentamente as reações do pai. Embora parecesse um homem um tanto desligado, ela o conhecia bastante bem para sempre ser capaz de ler seus pensamentos. Eram muito parecidos.

O que seu pai acharia de Mitch? Com todo cuidado, suspendeu o braço que ele apoiara em seu estômago e saiu da cama. Atravessou o quarto descalça, na ponta dos pés e saiu. Fechou a porta bem devagar. Não queria despertá-lo.

Na cama, Mitch entreabriu os olhos e sorriu. Então, acomodou-se mais confortavelmente e, só então, conseguiu dormir de verdade.

Sally desceu a escada sem fazer barulho e telefonou para a irmã, Betty.

— Lembra-se de quando cancelei nosso encontro no feriado de quatro de julho?

— Claro.

— O que acha de ir até o *Kaboom* esta noite e conhecer o motivo?

— Está falando sério?

— Sim, mas... Ah, eu não sei — Sally desabafou, passando a mão pelos cabelos. — Estou um pouco assustada, Betty. Tudo está acontecendo tão depressa.

— Você já...?

— Claro que não! Francamente, Betty!

— Você se esqueceu que os *Cubs* jogam beisebol hoje à tarde? Sabe quanto Ralph se envolve com o jogo? Vai estar se recuperando à noite. Tem idéia do que vou ter de fazer para convencê-lo a ir dançar? Vai ficar em dívida

comigo, irmãzinha, mas darei um jeito de estar lá.

— E leve Ralph a qualquer custo. Dou muito valor à opinião dele.

— Claro. E também levarei papai, mamãe e o resto da família. Não vou me esquecer de apanhar nossa querida bisavó no asilo. Sabe que nome ela escolheu para o John? Acho que nem vai querer saber. Estaremos todos lá. Você finge que está prestando atenção na conversa dele e nós faremos a avaliação.

— Esqueça que eu liguei.

— Ei! Está mesmo falando sério?

— Ora, Betty!

— Está bem. Levarei Joe e Tiny.

— Acho melhor não. Irmãos do sexo masculino podem se tornar ciumentos diante de cunhados em potencial.

— Então, ele é um... potencial?

— Do que pensa que estou falando?

— Por que não diz o nome dele?

— Mitchell Goalong. Sei que não é dos melhores.

— E, por acaso, Elbedia Yoder está em condições de criticar o nome de alguém?

— Tem razão. A propósito, ele já sabe que me chamo Salamandra.

— Já contou seu nome a ele?

— Ainda não lhe mostrei minhas cicatrizes e obturações dentárias.

— Sei... Bem, querida, estaremos lá, acidentalmente e terrivelmente surpresos. Cuidarei para que ninguém cometa nenhuma gafe. Prometo. Afinal, você ajudou um bocado em minha luta para conquistar Ralph.

— Ele é um animal fascinante. Pensa que os homens dominam o mundo.

— Ah, minha querida criança. Acontece que eles realmente dominam o mundo.

Depois de desligar o telefone, Sally ficou ali parada por alguns minutos. Então, como se despertasse de um sono profundo, correu para a sala e ligou a televisão. Colocou uma fita no vídeo-cassete, um bloco e uma caneta sobre a

mesa de costura e começou a trabalhar.

Tratava-se de um filme de ficção científica mediano, ao qual ela podia assistir, sem maiores preocupações. O tempo passou depressa, sem que ela percebesse.

No momento em que a criatura monstruosa erguia a heroína no ar, a fim de atirá-la nas rochas de cor púrpura que cobriam o solo daquele planeta. Mitch entrou na sala. Ainda estava de cueca e parecia capaz de destruir o monstro com as próprias mãos.

— Psiu! — ela resmungou. — Está no fim.

Ele se sentou confortavelmente para assistir. Um foguete surgiu do nada, abrindo fogo contra a garra gigantesca da criatura e separando-a do corpo disforme. Ao mesmo tempo, lançou uma espécie de arpão, fixando-o no membro amputado, que ainda segurava a heroína. O dia fora salvo, bem como a loura exuberante que estrelava a fita de segunda classe.

Fim.

Enquanto a fita era rebobinada, Mitch ergueu-se um pouco no sofá, a fim de poder encarar Sally de frente.

— Você tem características que jamais poderia imaginar.

Ela teve de se esforçar para não rir. Ele certamente estava pensando que ela escolhera aquele filme para assistir. Então, explicou:

— Eu sou a pessoa que desempenha o papel de árbitro, julga e recomenda os filmes à venda na Jamisons. A clientela precisa saber o que esperar.

Mitch refletiu que costurar enquanto assistia a um filme era um comportamento bastante típico de Sally. A síndrome de abelha parecia aplicar-se a todos os aspectos de sua vida. Ainda pensando nisso, perguntou:

— Como classificaria o que acabou de assistir?

— Ação/inovador/aventura. Nada parecido com *Star Wars*.

— Hummm — ele voltou a se reclinar e a olhar para a tela vazia.

— O próximo é uma refilmagem de *Camille*...

— Não!

— Você assistiu?

— Quem quer passar por tudo aquilo de novo?

Mitch havia se traído. Suas emoções podiam ser despertadas por um filme.

— Na verdade, esse não é o próximo. Vou assistir a uma comédia. Gostaria de ver? Temos tempo.

— Tempo?

— Vamos sair para jantar e dançar. Você prometeu. Disse que precisava cochilar para que pudesse dançar comigo esta noite. Seu talento não pode ser desperdiçado.

— Tenho outros...

— Esqueça.

— Fácil falar.

Sally ergueu as sobrancelhas e apertou os lábios.

— Estou vendo que é mesmo um canalha cheio de truques!

E ele riu. Tentou evitar, mas ao olhar para ela, caiu na gargalhada. Ela acabou rindo, também. Ele parecia tão alegre, que era difícil não se deixar contagiar. E seu olhar era tão malicioso...

Levou-o para a cozinha e serviu-lhe chá gelado e biscoitos que ela mesma fizera. Mais tarde, deu-lhe uma maçã, uma banana e uma laranja. E cuidou para que ele bebesse bastante água. Estava cuidando dele!

Quando a comédia terminou, Mitch perguntou:

— Como classificaria este?

— Provavelmente, deve ser visto em grupos. A risada deve ser partilhada, uma vez que é contagiosa. Assistir a uma comédia sozinho nem sempre é um bom programa. Tem de ser uma história muito bem escrita e interpretada. Para o espectador solitário, as palavras representam mais que o estímulo visual. Assim, pode acabar não produzindo o efeito desejado: o riso.

Ele assentiu, concordando com suas palavras e, então, fez outra pergunta:

— Como vai redigir a sua opinião na fita?

— Grupo/cerveja/tolerância.

— Como foi que começou a fazer esse trabalho?

— Alguns fregueses tentaram devolver fitas. Você sabe disso. Então, para nos proteger, temos de esclarecê-los.

— Quem mais faz esse trabalho?

— Só eu.

— Tomando tanto tempo, não pode ser muito excitante.

— Alguns filmes desconhecidos são jóias raras. Alguns dos mais famosos são péssimos. Encontramos de tudo. Se alguém se dispõe a gastar algo em torno de vinte dólares, essa pessoa deve saber o que está comprando.

— E você assiste a todos os filmes colocados à venda na Jamisons?

— Tentamos outras pessoas, mas nenhuma delas conseguiu manter uma postura neutra. Classificavam os filmes como bons, maus ou regulares. Precisamos de alguém que consiga se distanciar a fim de emitir uma opinião honesta e imparcial.

— Como consegue assistir a tantos filmes?

— Eu costuro enquanto assisto.

— Costura o quê?

— Faço minhas próprias roupas.

Mitch sorriu e estreitou os olhos.

— E me enganou, dizendo que precisava comer no meu apartamento, para poder comprar aquele conjunto!

— Estava em oferta. Eu o desmontei e fiz diversas alterações, de modo que ficasse exatamente como que eu queria.

— Pensei que mandasse fazer suas roupas num ateliê. Estou impressionado. Já pensou em abrir sua própria loja?

— Não tenho dinheiro.

— Quem sabe, nós possamos...

— Não quero uma loja. Não me importo em trabalhar como vendedora, mas ficaria entediada se tivesse de fazer a mesma coisa uma porção de vezes, e sempre para outras pessoas. Gosto de costurar para mim mesma.

— Tem muito talento.

— Obrigada.

Ergueu os olhos para ele e sorriu, fazendo-o sentir-se abençoado por conhecê-la. No mesmo instante, Mitch sentiu uma pontada de medo.

Às quatro horas, ele disse:

— Preciso passar na casa do meu irmão para saber como eles estão passando. Então, irei até meu apartamento paia tomar um banho, me barbear e me vestir. Depois disso, voltarei aqui apanhá-la. Está bem? Onde vamos? Alguma sugestão?

— Fiz uma reserva no *Kaboom*, na St. Joe...

— *Kaboom?* Pelo nome, deve ser um bocado barulhento.

— É muito divertido. Pode-se vestir o que bem entender e a comida é gostosa.

— Está bem. Venho apanhá-la... Que tal seis e meia?

— O que devo vestir?

— Uma saia. Adoro saias.

— Bem, o que você vai vestir? Jeans? Terno?

— Terno.

— Está bem.

Mitch subiu para o quarto, vestiu-se e voltou com um largo sorriso. Puxou Sally para si com ternura e deu-lhe um casto beijo na testa.

— Estarei aqui às seis e meia.

— Tenho de levar você para casa.

— Já havia me esquecido.

Ao chegarem ao seu apartamento, ele voltou a dar-lhe um beijo casto, dessa vez, no rosto. Então, ficou em pé na calçada, observando o carro desaparecer. Como organizaria a sua vida, de maneira que pudesse estar perto de Sally o tempo todo e para sempre?

Depois de tirar o carro da garagem, Mitch foi para a casa do irmão. Rod e Pat estavam no jardim, observando as crianças brincarem com mangueira. Mitch

sentou-se sem cumprimentar o casal. Nem sequer notou que os dois o cumprimentaram e que Pat gritou protestos aflitos ao vê-lo erguer os dois meninos do chão e abraçá-los. Também não se deu conta de que Tod e Zeke estavam encharcados.

Virou-se para Rod e perguntou:

— Não quer vender sua casa para mim? Está muito bem instalado aqui e a casa fica lá, fechada e se estragando. E, para nós, não haveria qualquer tipo de lembranças amargas.

— Nós?

— Para mim.

— Pat e eu conversamos sobre deixar a casa para os garotos. Assim que completarem cinco anos, poderão mudar-se para lá.

Mitch aceitou a idéia sem fazer comentário.

— Como descobriu que Pat era a mulher da sua vida?

— Foi inconsciente. Não tive escolha. Acho que estava tudo predestinado. Eu tinha de me casar com Cheryl e Pat tinha de casar-se com Felix, para que pudéssemos acabar nos casando. Foi o destino.

— E você simplesmente sabia que era ela?

— Tentei ignorar o fato, mas como vê, não consegui.

— Passou por algum período de relutância?

— Claro. Até que outros camaradas começaram a rondá-la e eu me dei conta de que estava na hora de garantir o meu lugar.

Mitch assentiu, reclinou-se na cadeira e suspirou satisfeito.

— Estou apaixonado por Sally — declarou.

— É mesmo? Nós jamais poderíamos imaginar!

— Eu queria ter certeza antes de contar a vocês.

Rod soltou uma gargalhada e lançou um olhar divertido a Pat, que cumprimentou:

— Parabéns.

Mitch agradeceu com um sorriso e um aceno de cabeça e confidenciou:

— Ainda não contei a ela.

— Ela vai ficar muito surpresa — Rod comentou com tremenda ironia e voltou a rir.

— Quanto à casa...

— Acho que Rod deveria vendê-la a você — Pat opinou. — Assim, ficaria comprometido de vez.

Rod lançou um olhar carinhoso ao ventre protuberante de Pat e murmurou:

— Já estou mais que comprometido.

Alheio ao clima romântico entre o irmão e a cunhada, Mitch comentou:

— Seria ótimo morar aqui. Adoro este jardim.

— Este jardim é meu — Pat advertiu-o. — Se quiser ter um igual, terá de cuidar daquele matagal do outro lado da rua.

— Mas os meninos não poderão estragar o meu jardim.

— Não sou eu quem vai impedi-los.

— Nossa, como você é implicante, Pat!

— Gosto mais de crianças do que de jardins.

— Eles poderiam brincar na garagem, ou na calçada.

— Eles podem brincar no jardim.

Mitch olhou em volta, julgando o que via, antes de concluir:

— Bem, moramos em uma rua secundária. A Associação de Moradores do Bairro nem vai perceber que jardins horrorosos nós temos.

— Você só poderá chamar aquele jardim de seu, depois que cortar aquele mato — Pat continuou.

— Acha que precisaremos de mais crianças?

— E de mais flores.

— Tenho a impressão de vou gostar mais de fazer bebês do que plantar roseiras.

Rod não perdeu a oportunidade de manifestar seu senso de humor:

— Os bebes crescerão e o ajudarão a plantar roseiras.

— Já percebi — Mitch falou, lançando um olhar aos meninos, depois aos

canteiros semidestruídos. — Tenho de apanhar Sally.

E foi tudo o que disse antes de levantar-se e ir embora.

Rod esperou que Mitch dobrasse a esquina para dar vazão à gargalhadas. Então virou-se para Pat e falou entre risos:

— De uma coisa tenho certeza: quando me apaixonei por você, não fiquei completamente atordoado como ele.

— Claro que não.

A caminho de seu apartamento, Mitch jogou fora a velha caixinha de preservativos e comprou uma nova. Ao chegar em casa, retirou alguns preservativos da caixa e guardou-a na gaveta da mesinha de cabeceira.

Tomou banho, barbeou-se e vestiu-se. Então, retirou a caixinha da gaveta da mesinha de cabeceira e guardou-a debaixo das tolhas limpas, no armário do banheiro, depois de colocar quatro preservativos no bolso.

Deu uma boa olhada no apartamento e saiu para apanhar Sally. Ah, como era bom saber que a veria dentro de apenas alguns minutos. Dançariam juntos e ele passaria a maior parte da noite com ela em seus braços. E depois? Ela iria com ele para o seu apartamento e passaria a noite lá? Mitch tinha serias dúvidas de que Sally o deixaria passar a noite na casa dela.

Enquanto vestia-se sem pressa naquela noite, Sally pensava em Mitch. Perguntou-se o que aconteceria se viesse a se envolver com ele de verdade. O que faria com sua vida? Se pretendia levar adiante os planos que traçara com tanto cuidado para si, então estava na hora de pôr um fim àquela... loucura. Sim, era loucura. Como podia deixar que um homem a afetasse de tal maneira? Ele tinha o dom de paralisar-lhe a mente, arruinar-lhe os sentidos e destruir toda a sua organização.

Bem... Não poderia negar que se sentia fisicamente atraída por ele.

E quanto a seus planos? E se decidisse aceitar uma das tantas propostas de trabalho que recebera nos últimos dias? Algumas delas eram bastante tentadoras, oferecendo-lhe a oportunidade de expandir seus horizontes profissionais. Mas, nesse caso, teria de mudar-se de Fort Wayne e... afastar-se de Mitch.

Que tipo de homem ele seria? Do tipo que aceita acompanhar sua mulher, a fim de que ela possa desenvolver sua carreira na medida de sua capacidade? Ou ele diria: “Escolha”?

E, se ele dissesse isso, o que ela faria? Não estava certa do quanto era importante para ela ampliar os seus limites. Sabia-se perfeitamente capaz de deixar a cidade e a família, mas não sabia se poderia deixar Mitch.

Ele não havia lhe oferecido coisa alguma, além do desejo de estar junto dela, conversando sobre tudo e sobre nada. Isto e... sexo, puro e simples. Ou melhor, provavelmente não seria sexo puro, uma vez que Mitch vinha se mostrando tão terno, doce e meigo... e divertido.

Sally deu-se conta de que estava sentada na beirada da cama, com apenas uma das meias calçada, sorrindo para a parede.

Aquele era um sinal da crescente tendência à distração que vinha tomando conta de seu comportamento ultimamente. Jamais em sua vida enfrentara esse tipo de problema. Ao contrário, sempre fora tida como exemplo de concentração, dedicação e determinação. Como podia haver se tomado tão... dispersiva?

Talvez, isso se devesse simplesmente ao fato dele tentá-la... sexualmente. Sim, podia ser apenas sexo. Mitch era atraente e lhe despertava todos os sentidos. Certamente, seu problema se resumia a essa atração.

Ergueu o queixo decidida. Afinal, havia uma solução fácil para o seu problema. Teria um caso com ele, até sentir-se saciada e indiferente. Então, voltaria a ser a mulher que sempre fora, até conhecê-lo.

Era aquilo mesmo que devia fazer.

Terminou de vestir-se com energia, sorrindo e cantarolando. Teria um caso com Mitchell Goalong. Que nome mais esquisito! Imaginou-se casada, Sra. Salamandra Goalong. Seria demais!

Quando Mitch chegou, ela estava vestida, maquiada e perfumada, porém sem exageros. Abriu a porta e sorriu para sua vítima.

Estava linda. Mitch ficou fascinado.

Ficaram ali parados por alguns instantes, olhando um para o outro, sem

dizer nada. Então, ele a cumprimentou:

— Olá.

O sorriso de Sally tornou-se mais largo e Mitch elogiou-a:

— Está muito bonita.

— Com este vestido velho? — ela zombou.

Só então ele reparou no vestido.

— Fica realmente muito bonito em você.

— Você também está bonito.

A conversa parecia mais do que normal para os dois.

Foram para o *Kaboom* e descobriram que era cedo demais para chegar a um lugar como aquele. Estava quase deserto. Escolheram uma mesa próxima à pista de dança, sentaram-se, pediram uma garrafa de vinho branco e sorriram um para o outro. O disc-jóquei já dera início ao seu trabalho.

E eles dançaram, examinaram o cardápio e pediram um sanduíche que cortaram em pedaços, partilhando-o com alegria.

Beberam um pouco mais de vinho e Mitch sentiu-se relaxar. Tinha a noite inteira com Sally. Não havia mais ninguém para interferir. Aquele era o momento perfeito para iniciar sua campanha. Tanto fazia na cama de quem dormiriam, ele est...

— Ora, veja quem está aqui! Que bom encontrá-la! Há quanto tempo!

Sally levantou-se e abraçou a mulher que a cumprimentara. O homem que estava com ela, vestindo calça jeans, camisa xadrez e botas, lançou um olhar superior a Mitch, que se levantou com gestos pacientes e um tanto possessivos. O outro sorriu.

Sally e a outra mulher riam e cochichavam e se abraçavam. O grandalhão dirigiu-se a Mitch em tom casual:

— Eu sou Ralph.

Mitch balançou a cabeça algumas vezes e declarou:

— Eu sou Mitch.

O sujeito chamado Ralph parecia divertir-se com a situação e Mitch

perguntou-se o que havia de divertido ali.

Ralph não fez o menor esforço para iniciar uma conversa. Mitch não sentia a menor vontade de conversar. Assim, ficaram ali parados, frente a frente.

Sally virou-se e apresentou-o:

— Betty, este é Mitch Goalong. Mitch, minha irmã, Betty Travis. — Enquanto os dois sorriam e trocavam os cumprimentos adequados, Sally continuou: — E este é Ralph, marido de Betty.

Mitch apertou a mão de Ralph, pensando que o sujeito fora um grande imbecil por não haver mencionado o parentesco. Ralph continuava aparentando estar se divertindo com alguma coisa.

— Vamos sentar em uma mesa maior — Betty sugeriu. — Adivinhe quem está vindo para cá? May e Fred! Sim, eu sabia que ficaria surpresa. E, talvez, Joyce e Tom também venham. Que coisa incrível nos encontrarmos aqui.

A afirmação provocou acessos de riso. Mitch jamais vira Sally tão animada.

Ralph indicou outra mesa, como se fosse propriedade dele. E os quatro mudaram-se para lá. Mitch sentiu-se desapontado. Não havia planejado dividir Sally com mais ninguém naquela noite.

Ralph virou-se para ele com um sorriso bem mais simpático que de início e comentou:

— Está bem vestido demais para um lugar como este.

— Estou em companhia de uma mulher de classe.

— Nunca pensei que conheceria pessoalmente um homem capaz de falar como Humphrey Bogart!

Mitch fitou-o com um sorriso desanimado e Ralph tentou tomar o clima mais amigável.

— Que tal uma cerveja?

— Já bebi um bocado de vinho. Se mudar para cerveja, vou acabar dando um show no meio da pista.

— Eles não permitem apresentações profissionais na pista.

— Tudo tem uma primeira vez.

E Ralph riu com vontade, embora seus olhos ainda exibissem aquele brilho divertido que Mitch não conseguia compreender.

As pessoas citadas por Betty chegaram e lotaram a mesa. As mulheres eram irmãs de Sally. Os homens, seus cunhados. Mitch conhecia a dinâmica de famílias grandes, dada a sua experiência de haver sido criado por Salty e Felícia. Assim, ele compreendia a amizade fácil e natural entre os parentes. E era tocante testemunhar a proximidade que as irmãs exibiam.

Então, Mitch simplesmente levantou-se e pegou a mão de Sally, forçando-a a interromper a conversa e acompanhá-lo até a pista, a fim de dançarem.

— Nem acredito que estão todos aqui! — Sally comentou com olhos brilhantes.

Ele sorriu, abraçou-a e guiou-a pela pista. Notou que eram o centro das atenções de todos sentados à sua mesa e que as três irmãs conversavam sem parar, enquanto observavam a mais nova dançar com aquele estranho alto.

— Já lhes contou que está segura comigo, apenas por mais um dia ou dois? — ele perguntou de súbito.

— Mitchell! — Sally exclamou horrorizada, então corou e caiu na gargalhada.

Ele lhe sorriu com ternura e, a partir de então, não deu mais a menor atenção às pessoas reunidas em torno de sua mesa. Ou melhor, da mesa de Ralph.

Sally encontrou outras pessoas conhecidas. Ela os apresentou a Mitch e, claro, todos comentaram sua maneira formal de vestir. Ele não se importou. Salty o ensinara que as pessoas precisavam ter do que falar, a fim de afastar as preocupações da mente.

Durante uma música lenta, quando a maioria dos casais aproveitava para apenas se abraçar e conversar, Mitch guiou Sally com passos complicados e piruetas. Ele era mesmo muito bom.

Sally ria e divertia-se como nunca havia se divertido em sua vida.

Muita gente, além dos familiares de Sally aplaudiram e gritaram exclamações de elogio. Nos dias de hoje, não era fácil encontrar homens que dominassem tão bem os passos das danças de salão. Quando voltaram à mesa, as irmãs de Sally manifestaram o desejo de dançar com Mitch. Ele hesitou por um instante mas, sendo Sally uma dançarina tão boa, imaginou que as irmãs também teriam facilidade em acompanhá-lo.

E elas sabiam dançar. Mitch comentou:

— É um prazer dançar com as mulheres da família Yoder. Não é fácil encontrar bons pares.

Betty adiantou-se para explicar:

— Como nossa família era grande, costumávamos dar muitas festas. E papai esvaziava a sala para que pudéssemos aprender a dançar. Acabamos ensinando quase todos os moradores da nossa região.

— Vocês não moram em Fort Wayne?

— Nesta cidade grande e agitada? De jeito nenhum. Somos gente do campo.

— Sally vive muito bem aqui.

— Sally adapta-se facilmente a qualquer situação. Ela é especial.

Mitch fitou a expressão casual da irmã de sua amada e notou as perguntas em seus olhos. Ela o estava avaliando. Em vez de comentar sobre o fato, Mitch girou-a num passo complicado, obrigando-a a esquecer seus questionamentos, para prestar atenção aos movimentos de seus pés.

Então, Mitch lançou um olhar na direção de Sally e viu que um casal de mais idade acabara de chegar e ela os abraçava. Ele seria capaz de apostar seu tapete novo como aqueles eram Os Pais. Ora, a cena começava a lhe parecer uma grande armação. Que falta de sutileza!

Voltou com Betty para a mesa e, claro, foi apresentado aos pais de Sally. Com um sorriso, falou:

— Então, vocês são os pais da Salamandra.

Eles ficaram surpresos, sem saber o que dizer e acabaram rindo. O

comentário de Mitch fora completamente inesperado. Então, olharam para Sally com um brilho diferente nos olhos. Havia ternura e compreensão. Acabavam de dar-se conta da extensão da intimidade da filha com aquele homem. Afinal, ela lhe contara o nome verdadeiro!

Em seguida, dirigiram o olhar para Mitch, sem conseguir esconder a apreensão. Quem era aquele homem? Quais seriam suas intenções? Seria capaz de fazer sua filhinha sofrer?

De volta à mesa, Mitch virou-se para Joyce e disse:

— Preciso dançar com Sally, cada vez que danço com uma de vocês.

— Tom vai dançar com ela, agora — Joyce explicou.

Mitch olhou para Tom e sorriu.

— Você será o próximo. Depois de mim. — Sem esperar pela resposta, puxou Sally pela mão e levou-a para a pista. Então falou:

— Eu havia pensado que teria a noite inteira para abraçá-la. Agora, terá de ir comigo para o meu apartamento para aplacar meu ego.

— Nunca vi um ego como o seu precisar ser aplacado. Você é um sem-vergonha, isso sim! E, apesar das queixas, só dançou comigo duas vezes, até agora!

— Suas irmãs são muito simpáticas. Seus pais adorariam Salty e Felícia. Nossas famílias se dariam perfeitamente bem. Acha que seriamos capazes de suportar um ao outro, para que toda essa gente possa desfrutar de um relacionamento tão bom?

— Está falando sério?

Ele gemeu em seu ouvido.

— Mais que sério.

— Já está pensando em sexo.

— Sexo está incluído nos planos.

— Nossas vidas mudariam completamente — ela o advertiu.

— Eu sei.

— E se eu for despedida e tiver de deixar a cidade?

Ele deu de ombros.

— Posso mudar com você.

— Geralmente, o emprego do homem é que conta. Como se sentiria se eu considerasse o meu emprego mais importante?

— Poderíamos nos ver nos fins-de-semana.

Sally rejeitou a idéia:

— De jeito nenhum. Eu iria querer dormir com você todas as noites.

— Acaba de admitir que eu seria mais importante que seu trabalho.

— É mesmo?

Ele a estreitou em seus braços.

— Com toda a certeza.

— Devo estar ficando louca.

— Você me ama?

Sally ergueu os olhos para ele, parecendo extremamente vulnerável.

— Algo está acontecendo. Não sei bem o que é. Você me... perturba. Eu...

— Você o quê?

Ela mudou de assunto.

— Se pretende se casar comigo, é melhor saber os nomes verdadeiros de toda a família. Pode ser que desista.

— E sua bisavó ainda está viva?

— Tem quase cem anos.

— Acho que vou propor, em nosso contrato de casamento, que Salty e Felícia escolham os nomes dos nossos filhos. Sua bisavó ficaria ofendida?

— Você teria de negociar o acordo.

— Quando podemos visitá-la?

— Não esta noite.

— Amanhã é domingo. Que tal?

Sally riu.

— Precisamos resolver uma porção de coisas antes. Assim, evitaríamos uma porção de discussões, portas batidas com força e lágrimas de crocodilo.

— Não uso lágrimas como arma. Meu orgulho não permite.

— Ótimo.

Quando os dois finalmente deixaram o *Kaboom*, depois de despedirem-se de todos os familiares e amigos de Sally, o silêncio no carro de Mitch sugeria... intimidade. Sally estava consciente da presença dele, de sua respiração, de ser ele alguém com que ela realmente se importava.

— Vamos para o seu apartamento — sugeriu.

As palavras provocaram uma reação tão forte em Mitch, que ele freou o carro na rua deserta e virou-se para ela, a fim de certificar-se de que fora Sally quem as havia pronunciado. Afinal, podia ser apenas mais uma invenção de sua imaginação libidinosa.

Ela arregalou os olhos.

— Está chocado?

— Está falando sério?

— Bem, você passou a tarde inteira na minha cama — ela explicou sem jeito, balançando a cabeça para um lado e para o outro. Passou a língua pelos lábios, num gesto nervoso e continuou: — Então, me pareceu justo que eu passasse a noite na sua.

— É.

A resposta curta e simples para indicar sua concordância foi emitida em voz baixa e rouca. Um pouco abalado, Mitch fitou-a por mais alguns segundos e, então, deu-se conta de que estavam parados no meio da rua. Tirou o pé do pedal de freio e pisou no acelerador. Dirigia em silêncio. Não queria dizer nada que pudesse fazê-la mudar de idéia.

Estacionou o carro na garagem e ajudou-a a sair como se ela fosse feita de cristal. Acompanhou-a ainda sem pronunciar palavra, embora prestasse atenção a cada um de seus movimentos e respirasse com um pouco de dificuldade.

Sally não estava calma, mas lutava para parecer tranquila.

Quando entraram no quarto de Mitch, ele perguntou:

— Tem certeza?

Ela assentiu, trêmula, enquanto lançava-lhe olhares curtos e aflitos. Na verdade, não estava enxergando quase nada. Não sabia o que fazer a seguir.

— Deixe-me tirar a sua roupa — ele se ofereceu.

— Posso fazer isso sozinha.

— Gostaria de ter o privilégio.

— Acho que... vou ficar envergonhada.

— Por favor!

— Quem sabe uma outra vez.

— Quer ir para o banheiro? Ou prefere que eu vá para a sala, enquanto você se deita?

— Sim.

Esperou para saber o que ela queria. Como Sally não se movesse, ele foi para o banheiro. Quando voltou a abrir a porta, o quarto estava às escuras e ela havia se deitado em sua cama. Mitch sentiu um calafrio, ao mesmo tempo em que o suor banhava seu corpo. Suas mãos tremiam. Ainda bem que havia se preparado antes para recebê-la!

Com cuidado, deitou-se na cama e aproximou-se de Sally. Sua respiração tornara-se totalmente irregular e ele se sentia um verdadeiro animal. Conseguiria cuidar da situação com um mínimo de *finesse*?

— Minha menstruação terminou há três dias — Sally confessou. — Eu precisava de mais tempo.

— Eu compreendo. E agora? Está certa do que quer fazer?

— Estou.

— Ah, Salamandra! —ele exclamou num misto de alívio e tensão e, com mãos trêmulas, puxou-a para si. Então, avisou: — Vou beijá-la.

— Estou preparada.

Não estava. Foi como todas as outras vezes: caos.

E também fizeram amor numa esfera cósmica. Seus corpos se contorciam e moviam-se juntamente com os planetas do sistema solar. Foi maravilhoso e surpreendente para ambos. E, finalmente, deitaram-se satisfeitos e exaustos, nos

braços um do outro.

Permaneceram muito tempo imóveis e em silêncio, seus corpos e mentes lutando para recuperar um funcionamento ao menos parecido com o normal.

Na escuridão do quarto, a voz de Mitch soou serena e repleta de emoção:

— Seu corpo é lindo.

— O seu também.

— Você é maravilhosa.

— Você também.

E adormeceram sem se mover ou se afastar.

CAPÍTULO X

Era ainda muito, muito cedo, quando Mitchell Goalong e Sally Yoder despertaram e descobriram que estavam um nos braços do outro. Sorriram, sorriram novamente e caíram na risada. Levantaram-se, foram juntos até o banheiro e beberam um pouco de água. Então, ficaram ali, olhando um para o outro, à luz fraca do amanhecer.

Seus olhares eram ternos e seus sorrisos, carinhosos. Começaram a tocar-se de leve, ainda separados. Mas não aguentaram por muito tempo. Voltaram para a cama e deram início a mais uma jornada pelas emoções arrasadoras que seus encontros despertavam.

Dessa vez, demoraram um pouco mais. O bastante para que suas mãos se dedicassem à exploração dos corpos. Não muito, apenas um começo. E suas carícias eram gentis e lentas a princípio. Tentaram manter um ritmo calmo, mostrar um mínimo de controle. Grande tolice. O episódio acabou se dissolvendo em nova explosão cósmica.

E adormeceram novamente.

Exaustos e satisfeitos, chegaram ao lago horas mais tarde. Procuraram Pike e sua turma e não se preocuparam em dar explicações sobre sua chegada tardia.

Sentaram-se sorridentes e distraídos, participando da festa na medida em que prestavam atenção às pessoas mais ativas e nadavam e comiam de tudo o que era servido, inclusive as fatias de abacaxi. Os dois trocavam olhares e

sorrisos o tempo todo. Pareciam haver chegado diretamente do Monte Olimpo, com a finalidade de observar o comportamento humano com toda a indulgência características dos deuses.

Ao final da tarde, despediram-se e partiram, para voltar ao apartamento de Mitch. No entanto, no meio do caminho, Sally declarou:

— É a vez da minha casa. Precisamos ir até lá.

Assim, tiveram de parar e comprar outra caixa de preservativos.

Uma coisa era fazer amor na escuridão. Fazer o mesmo em plena luz do sol de verão era outra muito diferente. E o rubor de Sally tornou-se tão intenso, que ela parecia prestes a incendiar-se.

Mitchell estava maravilhado. Mesmo que tentasse, não seria capaz de parar de sorrir. Fez com que Sally se deitasse na cama e observou os passeios da própria mão sobre a pele lisa e macia.

Ela o fitava.

Ele percebeu que estava sendo observado, ergueu os olhos para ela e sorriu ainda mais. Então, beijou-a aqui e ali, o corpo inteiro, mergulhando todos os sentidos no prazer de tocá-la.

Sally suspirou e começou a mover-se devagar, virando-se um pouco, para que ele a tocasse onde seu desejo pedia. Fizeram uma dança lenta, bonita e sublime. A dança do amor. Seus movimentos eram delicados e lânguidos... a princípio.

Mas logo suas respirações se aceleraram, seus olhos se fecharam devagar e seus lábios se abriram. E eles voltaram a beijar-se, mergulhando no caos mais uma vez.

Suas mãos tornaram-se tensas, ansiosas e seus corpos exigiram a satisfação do desejo que os incendiava. E eles se amaram, exploraram cada centímetro de seus corpos, moldando suas curvas com perfeição, despertando novos desejos à medida que buscavam satisfação.

E sobreviveram.

Quando conseguiu respirar novamente em meio aos lençóis revoltos e

amarrotados, Mitch comentou:

— O ser humano dever ter uma constituição muito, muito forte. Pois, se todos os encontros sexuais são como os nossos...

— Tenho pensado nisso desde ontem à noite — Sally falou, enquanto enroscava os dedos nos cabelos molhados de suor de Mitch.

— Nunca ouvi ninguém mencionar surpresa diante do que aconteceu enquanto fazia amor. Acha que é assim com todo mundo? E as pessoas simplesmente aceitam isso como sendo natural?

Ele sacudiu a cabeça de leve.

— Não faço a menor idéia.

— É incrível.

— É.

— Estou surpresa por ainda estarmos vivos — ela comentou com uma risada.

— É.

— Só aquela falta de oxigênio repentina deveria ter sido suficiente para que sufocássemos.

Mitch refletiu que os dois realmente viajavam a outro planeta, cada vez que faziam amor. Fitaram-se por um momento.

— Isso é muito sério.

— É.

E ficaram em silêncio, enquanto se estudavam, tentando compreender todas as implicações daquela união. Era mesmo muito sério.

A semana passou depressa para os dois. No domingo seguinte, Mitchell e Sally foram ao asilo, visitar a bisavó dela. Com certo desconforto, Sally avisou-o:

— Lembre-se de que ela é muito velha. Mamãe diz que vovó sempre foi uma dama suave e delicada, mas agora ela fala aos berros e não deixa de dizer o que pensa por nada neste mundo. Não quero que fique embaraçado.

— Não se preocupe. Como ela se chama?

— Susan Yoder.

— Por que ela tem um nome tão simples e comum, quando foi a responsável por uma porção de nomes estranhos e complicados na família?

— Não faço a menor idéia.

Tiveram de esperar que as atendentes tirassem a Sra. Yoder da cama, ajeitassem-na em sua cadeira de rodas e a levassem para a sala de visitas, dizendo em voz muito alta:

— Tem companhia hoje! Isso não é bom?

Sally sussurrou para Mitch:

— Com toda a família morando relativamente perto, ela tem visitas quase todos os dias.

A velha senhora parecia minúscula em sua cadeira de rodas. Um cinto largo de couro a prendia às costas da cadeira, mantendo-a ereta. Sua palidez emprestava-lhe um aspecto quase transparente.

Em voz alta, ela reconheceu:

— Você é o namorado de Salamandra.

— Sim, senhora — Mitch confirmou com um sorriso.

Ela também sorriu.

— Aposto que foi uma grande dama em seus dias de juventude — Mitch comentou.

Susan ergueu o queixo exatamente como Sally costumava fazer.

— Já não me lembro de ter sido uma dama. Aliás, nem sei se ainda sou mulher. O último homem a quem propus casamento ficou chocado. Disse que era jovem o bastante para ser meu neto. Acho que ele estava exagerando.

Ergueu uma das mãos magras para ajeitar uma mecha dos cabelos, que haviam sido tingidos de vermelho.

— Uma vez — ela continuou —, meu marido ameaçou me bater com o chicote. Fui até o estábulo, apanhei o chicote, levei-o para casa, e dei-lhe uma surra bem dada.

Sally mostrou-se chocada.

— Não! Vovó, você não fez isso!

— Nenhum homem me ameaçou e saiu impune. Lembre-se disso, minha neta. Esse aí parece o tipo que vai querer mandar em tudo, inclusive em você. E vai fazer isso com tanto jeitinho, que você nem vai perceber. Tenha cuidado e preste atenção.

— Sim, senhora.

Mitch interferiu na conversa:

— Chega, Susan Yoder. Pare de dar a esta doce garota os seus conselhos terríveis.

— Viu só? Eu sabia. Basta olhar para ele! — E a vovó Yoder caiu na gargalhada e mastigou a dentadura.

Mitch fitou-a com olhar malicioso.

— Aposto que experimentou de tudo em sua vida. E tem sorte por sua geração não estar aqui para repreendê-la. Já mascou tabaco alguma vez?

— Eu tentei. Benjamim teve um ataque.

— Benjamim foi o marido dela — Sally explicou.

— A senhora deve tê-lo acalmado.

O rosto de Susan adquiriu expressão séria.

— Ele me disse que esperaria por mim do outro lado do rio... Conto com isso. Não sei por que estou demorando tanto deste lado da vida.

— Talvez seja para que possa escolher os nomes dos nossos filhos — Mitch sugeriu com voz terna.

Sally dirigiu-lhe um olhar incrédulo, mas ele mantinha a atenção concentrada em Susan.

— Então, são esses os seus planos? O que Salamandra tem a dizer sobre isso?

— Acho que ela gosta de mim... o suficiente.

Susan Yoder fitou-o com seus olhos embaçados e sorriu.

— Aposto que sim.

— Estou do seu lado.

— Ela vai acabar sendo mandada embora do emprego, de tanto se esforçar para manter você na linha.

— Prometo ajudá-la — Mitch garantiu.

— Eu sei. E assim que vai ser, Salamandra. Ele será tão sutil e convincente, que você pensará que está no controle. Mas estará redondamente enganada.

Depois de se despedirem e deixarem o asilo, Sally virou-se para Mitch, chocada.

— Você a convidou para escolher os nomes dos nossos filhos! Como pôde fazer uma coisa dessas?

— Eles terão nomes memoráveis. Ela não gosta de ser chamada de Susan. Deve ter tido uma inimiga chamada Susan.

— Perguntarei à minha mãe.

— Aposto que ela foi osso duro de roer — Mitch falou com uma risada.

Sally sorriu.

— Nem precisa apostar. Foi mesmo. Mamãe vivia sumindo de casa quando vovó morava conosco.

— E seu pai, o que fazia?

— Conversava com o pai dele, filho de Susan.

— E o que seu avô dizia?

— Ele dizia: "Boa sorte”.

Mitch soltou uma gargalhada.

— Como pôde dar-lhe permissão para escolher os nomes de nossos filhos? — Sally voltou a insistir no assunto. Não conseguia se conformar com a atitude de Mitch.

— Está admitindo, finalmente, que terá filhos comigo?

— Provavelmente.

— Precisa se casar comigo antes.

— Eu sei.

— Você não parece derretida, apaixonada e louca por mim.

— Não posso acreditar que você seja mesmo capaz de fazer isso com nossos filhos! Os pobrezinhos não têm como protestar!

— Vão considerar seus nomes diferentes e acabarão fazendo brincadeiras a respeito.

Ela olhou para seu amado e, para piorar sua irritação, concluiu que ele podia estar certo. Ninguém jamais tivera a idéia de perguntar a Susan se ela havia mascado tabaco. Mitchell Goalong não era um conformista, nem um homem comum. Não se importava se seu nome soava estranho aos ouvidos dos outros. E, provavelmente, seus filhos seriam tão peculiares quanto ele. O melhor seria esperar para ver.

Na semana seguinte, trabalharam com afinco e tiveram excelente desempenho. Não procuraram a companhia um do outro, durante o expediente, a fim de esconder o fato de que haviam se tornado amantes. Mas ninguém se deixou enganar.

Cada vez que trocavam um olhar à distância, fosse na loja ou nos escritórios, quem quer que tivesse a infelicidade de estar no meio do caminho, sentia-se atravessado pelas ondas elétricas que ambos emanavam.

E, no fim-de-semana seguinte, Mitch levou Sally para conhecer seus pais adotivos e sua velha tia-avó.

Tia Maddie não era tão velha quanto a bisavó de Sally, Susan Yoder, mas estava chegando perto. Ainda morava sozinha, recebendo ajuda de um grupo de vizinhos maravilhosos que cuidavam de suas compras, de sua comida e da limpeza de sua casa. Enfim, nada lhe faltava e ela vivia com todo o conforto que a idade lhe permitia.

Tia Maddie foi muito amável com a futura sobrinha-neta. E Sally foi esperta o bastante para apanhar um gravador, quando a velha senhora pôs-se a contar histórias sobre a família de Mitch. Infelizmente, todas as mulheres dos Goalong haviam sido passadas para trás e os homens haviam sido todos uns grandes salafrários.

Sentado a um canto da sala, fora da visão de tia Maddie, Mitch sacudia a

cabeça em negativa, embora seus olhos brilhassem de divertimento.

Em Temple, Ohio, a residência dos Brown pareceu-lhe muito semelhante à dos Yoder, em Indiana. A única diferença era que, no caso dos Yoder, todos os moradores eram realmente parentes consangüíneos.

Sally gostou muito de Felícia e falou-lhe com sinceridade:

— Fico contente que Mitch tenha podido contar com vocês, quando criança.

— Era um garoto muito interessante. Sempre foi competitivo e organizador. Podia discutir sobre qualquer coisa. Sentimos muita falta dele. — Os olhos grandes e dramáticos de Felícia estudavam Sally com simpatia, e sua voz soava doce e meiga quando ela se dirigia àquela mulher que, era óbvio, amava Mitchel Goalong. — Ficamos felizes que Mitch a tenha encontrado.

Com a sensação de haver esclarecido tudo o que havia para esclarecer, os dois pombinhos retornaram a Fort Wayne. E, como amantes, eram muito discretos. Ou, ao menos, assim pensavam. E a vida era maravilhosa.

No entanto, pouco mais de duas semanas depois, no começo de setembro, Mitch tomou conhecimento de que Sally tinha um novo projeto em mente. E, dessa vez, não se tratava de críticas de filmes em vídeo, ou propagandas ou como atrair a freguesia. Tratava-se de Abigail, a única mulher na família Jamison. Era uma Jamison e era do sexo feminino.

Mitch perguntou à sua Abelhinha Atarefada, Sally Yoder, seu amor, sua vida e tudo mais, falando com a lógica paciente dos machos e uma boa dose de suspeitas:

— Por que está encorajando Abigail Jamison a usar conjuntos de saia e paletó cinza, durante o dia, para se parecer com todos os homens da família?

E Sally Yoder respondeu com a mesma lógica:

— Ela carrega o sobrenome Jamison.

— E daí?

— Apesar de ser mulher, está qualificada a assumir seu lugar na hierarquia familiar — ela explicou, como quem fala o óbvio.

— Deve haver alguma falha em seus genes, que você esqueceu de me contar. O que está escondendo?

Sally terminou de dobrar uma blusa com precisão e ergueu as sobrancelhas, surpresa por Mitch não haver compreendido suas intenções.

— Ela tem um diploma de mestrado em administração de empresas, da Universidade de Yale.

— Foi você a mulher a quem os Jamison ofereceram charutos. Eles não se dão conta de que mulheres podem administrar empresas, e bem.

— Está na hora de aprenderem.

Assim, Mitch passou horas e horas olhando para o *Moinho* de Rembrandt na parede de seu escritório. As nuvens baixas e escuras que cobriam o céu eram muito apropriadas. Uma tempestade estava se formando na Jamisons. A sua Abelhinha Atarefada estava, mais uma vez, metendo o nariz em assuntos que não eram da sua conta.

Nos dias que se seguiram, Mitch leu com maior atenção os empregos oferecidos no *Wall Street Journal*.

Quando estavam sozinhos e seus desejos ameaçavam sufocá-los, ele fazia amor "cósmico" com Sally, arriscando a integridade de todas as suas células cerebrais no tumulto caótico que suas paixões produziam. E, assim que conseguia respirar e falar, ele a assegurava:

— Sempre vou cuidar de você.

A mente atordoada de Sally registrava a frase mas, mesmo assim, ela perguntava:

— O que disse?

— Não precisa se preocupar com nada. Aconteça o que acontecer, vou cuidar de você sempre.

Apesar da dificuldade em voltar a agir como ser humano normal, Sally conseguiu questionar:

— Do que está falando, afinal?

— Estou dizendo que eu te amo, que quero me casar com você e que

sempre vou cuidar de você, independente do que venha a acontecer.

Ela o fitou por alguns momentos, recuperando de vez a sobriedade.

— Estão querendo me demitir de novo?

— Não.

— Então, o que fez você ficar tão obcecado com essa história de cuidar de mim?

— Quero que se sinta segura.

— Mas eu me sinto segura.

— Quero que saiba que vou cuidar de você.

Ele havia falado de novo! Sally replicou:

— É muita gentileza de sua parte. Também vou cuidar de você. Mas, sem exageros. Nem de mais, nem de menos.

— Obrigado.

— O que provocou esta conversa?

— Eu te amo.

Ela sorriu.

— Está com complexo de machão, ou de homem das cavernas?

— Neste exato momento, nenhum dos dois.

— Como pode voltar de uma viagem maluca como a que acabamos de fazer e raciocinar com senso prático e lógico? Sinto-me como se parte de mim ainda estivesse naquele outro planeta, para onde você insiste em me levar!

— Se quiser, podemos desistir das viagens para sempre.

— Não seja ridículo!

— Vai se casar comigo?

— Provavelmente.

— Preciso ter a segurança de saber que meu nome será...

— O que disse? — ela perguntou, colocando a mão em concha no ouvido.

— Eu... Dê-me um minuto. Vou pensar numa maneira diferente de dizer-lhe a mesma coisa.

— Será que minha bisavó tinha razão ao afirmar que você é do tipo macho

dominador?

— Não.

Sally virou a cabeça no travesseiro e olhou para o outro lado, enquanto torcia os cantos da boca, numa expressão de desgosto.

— Essa é a resposta típica de nove, em cada dez machos dominadores! Meu Deus, Mitch! Não podia ter me feito sentir mais tranquila e me convencido que ia me deixar dominar?

— Agora, não tenho condições de fazer absolutamente nada. Espere um pouco. Assim que me recuperar, cuidarei disso.

— Está vendo? Lá vem você de novo! Deveria ajoelhar-se aos meus pés e pedir perdão.

— Por quê?

— Por tentar me enrolar o tempo todo.

Mitch balançou a cabeça com ar compenetrado, apesar do brilho divertido que tinha nos olhos. Passou a língua pelos lábios, como se considerasse a acusação que acabara de receber. Então, deitou-se de costas, colocou um braço sobre o rosto, cobrindo os olhos, e falou:

— Estou com dor de cabeça.

— É mesmo?

Sally ergueu-se sobre um cotovelo e, preocupada, pousou a mão na testa de Mitch.

Mas ele riu.

Ela se afastou depressa e a preocupação se transformou em indignação.

— Ora, você está me manipulando!

— Na verdade, não. No momento, nem para isso tenho forças.

— Seu patife! Vou lhe mostrar uma coisa...

E ela o atacou, tentando derrubá-lo da cama. Os dois lutaram por alguns minutos. Sally gritou, Mitch riu...

E ele havia mentido quanto a não ter forças para mais nada.

Provavelmente, a situação culminou com o banquete anual, no qual os

funcionários eram aposentados, reconhecidos e homenageados. A festa se deu no *Grand Wayne Center* e foi muito elegante. Os fornecedores da Jamisons foram convidados a participar e todos os presentes estavam vestidos a caráter, transformando o jantar num grande evento.

A imprensa fora informada do acontecimento e as mesas haviam sido arranjadas com perfeição. Edgar Jamison e seus dois sobrinhos ocupariam a mesa principal.

Mitch verificou o arranjo e notou que Abigail deveria sentar-se em uma das mesas redondas, bem ao lado da principal.

Foi ao *Grand Wayne Center*, a fim de se certificar de que todos os detalhes encontravam-se em ordem e viu Sally. Sabia que ela não tinha qualquer razão oficial para estar lá e pôs-se a observá-la. Ela estava sentada a uma mesa redonda, diante da mesa principal. Mitch demorou um pouco para se dar conta de que ela fazia parte dos testes de iluminação.

Pensou em quanto tempo e energia ela dedicava à Jamisons. Sally era uma funcionária que qualquer patrão adoraria ter. Sentiu o coração amolecer e seus lábios curvaram-se num sorriso, enquanto seus olhos brilhavam, sempre fixos no grande amor de sua vida.

Foram juntos para o apartamento de Mitch, onde se vestiram e arrumaram-se para a ocasião. Ele se sentiu o homem mais feliz do mundo ao colocar em seu pescoço a corrente de ouro, com pingente de diamante, que havia lhe dado de presente. Depois de beijar-lhe o ombro, afirmou:

— Você será a mulher mais linda do banquete.

— Bobagem.

— Prestei muita atenção a isso em todos os eventos a que comparecemos juntos, desde a primeira vez que a vi. E, a esta altura, sinto-me seguro para afirmar, sem hesitação, que você é a mulher mais bonita do país.

— Você nunca esteve nos estados do noroeste dos Estados Unidos. É possível que exista uma mulher por lá, que seja mais bonita que eu.

— A revista *People* já teria publicado a foto dela na capa. Não o fizeram,

pois ainda estão procurando por você. Nenhuma outra mulher teria recebido a quantidade enorme de correspondência que você recebeu, depois de aparecer na *World News Network* por apenas alguns segundos.

Sally levou as costas da mão à testa, num gesto dramático. Depois de olhar-se no espelho a fim de se certificar de que alcançara o efeito desejado, declarou:

— A fama é um grande fardo!

— Você tem sorte por estarmos ambos vestidos e termos apenas quinze minutos... Ei, quinze minutos é mais que suficiente. Não se mova! Nem tente resistir. Prometo não borrar a sua maquiagem. Nem mesmo precisará deitar-se. Nos apoiaremos na parede. Sally, você é a mulher mais egoísta e mais linda que já tive o prazer de conhecer!

— Disse as mesmas coisas a todas as mulheres que conheceu?

— Não.

Assim que chegaram ao *Grand Wayne Center*, Mitch notou que Abigail já estava lá e vestia uma versão feminina do smoking usado pelos demais membros da família Jamison. No mesmo instante, lembrou-se de que, durante os testes de iluminação, Sally cuidara para que um dos holofotes ficasse dirigido para a mesa onde Abigail se sentaria.

Mitch sentiu um arrepio gelado percorrer-lhe a espinha. Sabia que Sally fora a responsável pelo traje de Abigail e que ela estava manipulando a jovem herdeira, a fim de impor sua presença ao trio masculino que dominava os negócios e a família. Sally os estava pressionando. De novo.

Abigail mostrava-se serena. Sorria e tratava a todos com discreta cortesia. Mas, ao passar por Sally, Mitch testemunhou a piscadela cúmplice das duas. Estavam unidas numa conspiração! O que Sally pretendia? Como ele salvaria o seu pescoço desta vez?

Mitch considerou as implicações de defender a sua Abelhinha Atarefada. Então, observou-a com atenção. Iriam juntos para a Califórnia quando o Estado finalmente se separasse do continente. Ela merecia um país novo, independente

dos Estados Unidos da América. E ele trabalharia com afinco na estabilização da economia da nova Ilha da Califórnia e estabeleceria laços comerciais lucrativos com as maiores nações mundiais.

Tendo decidido o que fazer depois do desastre que certamente se seguiria ao banquete, Mitchell Goalong tomou a mão de sua amada e acomodou-a na cadeira a seu lado. Como não tivessem qualquer participação nos eventos da noite, poderiam aproveitar a festa como simples convidados.

À medida que os discursos seguiam-se um ao outro, numa ladainha interminável, Mitch observou os três Jamison tomarem consciência, gradualmente, da posição ocupada pela parenta mais próxima, bem como de seus trajes e, mais importante, do foco de luz dirigido a ela. Os três apoiaram um dos cotovelos na mesa e coçaram o queixo pensativos. Um deles usou o cotovelo errado.

Mitch olhou para Abigail. Ela se mostrava atenta ao discurso, um cotovelo apoiado na mesa — e era o cotovelo certo! — e a mão coçando o queixo. Parecia pensativa.

Ora, as pessoas ali presentes não eram bobas! Os funcionários da Jamisons haviam testemunhado os esforços de Sally para treinar e vestir Abigail, para que ela se parecesse ao máximo com os homens da família. Haviam se divertido um bocado, considerando a brincadeira muito excitante.

E o mestre de cerimônia, dando prosseguimento à sua leitura, apresentou Abigail Jamison como nova funcionária da empresa!

Edgar ergueu as sobrancelhas, sem conseguir esconder sua surpresa. Abigail, porém, permaneceu tranquila. Levantou-se com um sorriso simpático e curvou-se para o público com delicadeza, também imitando as mesuras masculinas. Todos a aplaudiram com entusiasmo.

Então, Sally levantou-se para aplaudi-la de pé.

Como não pudesse permitir que ela fosse a única a permanecer de pé, Mitch também se levantou e aplaudiu.

E, logo, todos os convidados estavam de pé. E, finalmente, Edgar e os

sobrinhos, viram-se obrigados a fazer o mesmo. Fora Sally quem provocara tudo aquilo. Sabia que bastaria uma pessoa levantar-se, para que todos os demais a imitassem. Havia calculado cada passo de seu plano!

Não aconteceu mais nada de extraordinário. As pessoas se misturaram e Mitch estreitou os olhos quando viu as duas trocarem um cumprimento formal, apertando as mãos como aliadas. E eram.

Mitch levou sua Abelhinha Atarefada de volta ao seu apartamento. Esperou até que estivessem lá dentro, com a porta fechada, para perguntar:

— Está testando os limites de alguém?

Sally fitou-o com a expressão de uma mulher inocente e ignorante. Piscou repetidas vezes, como se tentasse compreender a pergunta.

— Testando?

— Talvez eu devesse dizer “forçando”. Onde pensa que pode chegar, fazendo o que fez esta noite?

Ela deu de ombros com indiferença e respondeu:

— Vamos descobrir.

Mitch foi até o guarda-roupa e procurou alguma coisa. Então, abriu as gavetas, uma a uma, sem dizer nada. No guarda-roupa do quarto de hóspedes encontrou o que procurava: uma camisa vermelha. Entregou-a a Sally.

— Isto é para você vestir daqui para a frente. Infelizmente, não tenho um manto vermelho.

Ela ficou intimidada? Não. Limitou-se a sorrir e aceitar a camisa.

— Obrigada.

Mesmo depois de Sally haver caído num sono profundo, totalmente relaxada e despreocupada, Mitch continuou acordado, planejando a saída para aquele grande apuro. Ensaiou as frases que diria aos Jamison: “Nós realmente precisamos ampliar nossos horizontes”, “Se ela sair, também sairei”, “Estão cometendo o maior erro de suas vidas”... “Quem precisa desse tipo de anarquia?”.

E seus sonhos foram turbulentos.

Tiveram um fim-de-semana atribulado. Visitaram os parentes de Sally duas vezes, uma delas para jantar. Mitch os ouvia e observava. Eram mesmo excelentes pessoas. Seus filhos teriam tios e tias adoráveis, para ampará-los em caso de necessidade. Era uma pena que ele e Sally não pudessem continuar morando por perto.

Observou a sua Abelhinha Atarefada interferir nos assuntos alheios, ser desafiada por contradições e adaptar-se a isso com extrema facilidade. Concluiu que ela era tão especial, que ele jamais seria capaz de encontrar alguém que chegasse perto de sua perfeição. Ela era mais que perfeita.

Saíram com amigos dela e com novas amizades que ele vinha fazendo, desde que se mudara para cidade. Mitch adorava a todos.

E, também, visitaram Rod e Pat. Em particular, Mitch contou ao irmão:

— Há uma grande confusão prestes a explodir na Jamisons. E Sally está bem no meio dela, como sempre. Portanto, é bem possível que não cheguemos a vir morar na sua casa, do outro lado da rua.

Despreocupado, Rod respondeu:

— Tudo vai se resolver. Não ponha o carro na frente dos bois.

Mitch riu.

No domingo à noite, Sally voltou para a sua casa, alegando:

— Preciso cuidar da roupa suja e passar algumas blusas para usar durante a semana.

— Você devia se mudar para o meu apartamento.

— Farei isso, mas não antes de nos casarmos.

— Eu te amo, Salamandra.

— Eu sei. — Ela sorriu e então falou: — Está consciente de que posso ser demitida amanhã?

— Acho que os Jamison são mais espertos do que parecem. No final, vão reconhecer que a sua demissão seria um erro.

— Mas, concorda que existe uma possibilidade deles não reconhecerem coisa alguma?

— Não.

Ela riu.

— Você é um homem maravilhoso, Mitch. E tão imprevisível. Já pensei em todas as reações que os Jamison poderiam ter com relação à entrada de Abigail nos negócios da família. Provavelmente, ela e eu estaremos na rua, amanhã. Apresentá-la de surpresa, sob a luz de um holofote foi mesmo demais.

— Não concordo — Mitch falou com seriedade. — Era a coisa certa para eles fazerem.

— Mas não para nós.

— Vocês forçaram a barra. E os Jamison não são adeptos desse tipo de estratégia, principalmente quando se vêem no papel de vítimas.

— Não acha que vai ser interessante ver como eles vão lidar com o problema?

— Você sabe que estarei do seu lado, não sabe?

— Desta vez, não. Fiz tudo sozinha e não quero envolvê-lo.

— Já estou envolvido.

— Seu envolvimento é pessoal. Estamos falando de trabalho. Não misture as coisas.

Mitch lhe dirigiu um sorriso cheio de orgulho.

— Você é uma mulher de fibra.

— Sou. Assim como Abigail.

— Estarei por perto, amanhã.

— Eu te amo, Mitch.

— Sou louco por você, Sally.

— Não me beije.

Ele franziu o cenho e confessou:

— Eu pensava que nós acabaríamos nos acostumando aos nossos beijos. Por que as coisas continuam acontecendo como na primeira vez?

— Estamos sendo preparados para uma missão secreta.

— Está bem.

— Mas, não agora.

Como ela se mostrasse firme na decisão, Mitch não insistiu. Limitou-se a acompanhá-la ate o carro e observá-la desaparecer na esquina. Desta vez, ela não estava atordoada. Mitch não a beijara ao se despedir. Beijara apenas sua mão.

Ficou parado na calçada, perguntando-se se algum dia conseguiriam beijar-se... simplesmente. Outras pessoas o faziam. Por que eles não conseguiam? E quando se casassem, ele poderia beijá-la no altar? Um beijo discreto? Casto?

Suspirou, meteu as mãos nos bolsos da calça e voltou para o apartamento. Sentou-se à escrivaninha e abriu sua agenda de endereços. Discou um número e conversou com a pessoa do outro lado. Mencionou que a grande maioria dos fregueses da Jamisons constituía-se de mulheres.

Assim, na manhã de segunda-feira, quando Sally chegou no trabalho, havia um aviso em sua mesa, convocando-a para uma reunião às dez horas.

Abigail passou pela sua sala e disse:

— Coragem.

Sally respondeu:

— Eles que vão para o inferno!

— Está falando de meu doce bisavô e de meus devotados tios? — Abigail fingiu-se horrorizada.

— Sim — Sally confirmou.

Abigail ergueu um copo imaginário.

— Ao progresso!

— As mulheres — Sally acrescentou.

E Mitch entrou devagar, as mãos nos bolsos e expressão indecifrável.

— O que é isto? Uma reunião feminista?

— Damos as boas vindas aos homens que desejam ver a luz.

— Talvez possamos vê-la — ele advertiu.

— Por favor, Mitch. Já lhe pedi para não se envolver. Você é necessário nesta companhia. Muita gente enfrentaria problemas por serem os Jamison tão

ignorantes do progresso do mundo... Desculpe. Abigail.

— Mas o que disse é a pura verdade.

— Sim. Mas Mitch é mais importante aqui, do que nós duas.

— Bem — Abigail falou com um sorriso. — Quando eu chegar à presidência, vou querer tê-lo como meu braço direito.

— Vou pensar no assunto — Sally replicou com humor malicioso.

— Eu me referia a ele, não a você.

— Eu sei. Mas vou ajudá-lo a negociar.

— Sou capaz de cuidar dos meus próprios empregos — Mitch protestou.

— Viu? — Abigail zombou. — Ele é obstinado.

— Tenho certeza de que pode ser influenciado — Sally garantiu.

— Bem, está na hora — Mitch anunciou. — Vamos ver o que acontece.

Os Jamison deram a Abigail o cargo de vice-presidente júnior.

Houve um momento de silêncio, então Sally e Abigail começaram a rir. Edgar passou a caixa de charutos, mas disse que as senhoritas não precisavam aceitá-los.

Sally virou-se e seus olhos encontraram os de Mitch. Ela o fitou por um longo momento, avaliando-o, então balançou a cabeça de leve, como se concordasse consigo mesma.

E Mitch sabia que ela suspeitava de que ele havia interferido no arranjo. Mas jamais confirmaria sua participação.

Quando se viram sozinhos na hora do almoço, ela perguntou a queima-roupa:

— Como conseguiu aquilo?

— O quê?

— Você sabe.

— Não — Mitch falou com o ar mais inocente do mundo.

— Por que os Jamison decidiram fazer de Abigail a vice-presidente júnior?

— Bem, acho que se a nomeassem vice-presidente senior, tão pouco tempo depois dela haver terminado a faculdade, algum membro da família poderia ter

um ataque.

— Seria capaz de negar, descaradamente, que não teve nada a ver com isso?

— Eles não se atreveriam a despedir você, sendo Abigail a vice-presidente.

— Está se esquivando à pergunta.

— Acha mesmo que sou um homem capaz de influenciar os outros?

— Acho. Você é uma criatura perigosa e ardilosa, como todos os outros homens.

— Ora, Salamandra Yoder, não pode assumir uma postura tão discriminatória quanto ao sexo oposto. Precisamos melhorar sua atitude.

— E como pretende fazer isso?

Casaram-se no dia 10 de outubro. E como não poderia deixar de ser, foi uma grande cerimônia. Todos os parentes de ambos os lados, que não eram poucos, estavam presentes. A bisavó Yoder, Susan, compareceu em companhia das assistentes do asilo e riu alto ao ver Mitch depositar um casto beijo na testa de Sally, ao final da cerimônia.

E, depois disso, durante todo o resto de suas vidas, Sally e Mitch nunca mais se beijaram em público. As explosões cósmicas provocadas por seus beijos jamais diminuíram de intensidade. E, como Rod e Pat, também viveram felizes para sempre.

Bem... A maior parte do tempo.

LASS SMALL considera viver neste planeta, nestes tempos, uma experiência fascinante. As pessoas são incríveis. Acha que ser uma contadora de histórias sobre pessoas, lugares e coisas é absolutamente maravilhoso.

NÃO PERCA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

16 - NOSSOS SELVAGENS CORAÇÕES

Barbara McCauley

Jonas Whitehorn é um homem incrivelmente atraente, embora intolerável... mas isso é problema dele. Águia Azul, o avô de Jonas, no entanto, é problema de Alina Devlin, e ela não vai sair do Arizona até que o velho índio ceramista concorde em vender suas obras de arte. Mas quando Águia Azul lhe diz que é a mulher ideal para Jonas, Alina descobre que mesmo os sábios se enganam!

Um dia, Jonas foi feliz com sua esposa, e agora, tudo o que lhe resta é o avô, e não pretende deixar que uma linda mulher o leve embora. Assim, ao sentir-se loucamente atraído pela sensual Alina, tem certeza de que isso é mais uma ilusão criada pelo intenso calor do deserto...

17 - ALTA INTIMIDADE

Carla Cassidy

Quando a polícia pediu a Edith Turner que deixasse seu apartamento ser usado como ponto de vigilância de uma operação antidroga, ela sentiu-se feliz em colaborar na luta contra o crime. Mas isso foi antes de conhecer o mal-humorado Cliff Marchelli!

Edith achou que iria conseguir manter-se fria e distante do amargo investigador. Porem, embora Cliff parecesse agressivo, era um atraente representante da lei. Ficar fechada no pequeno apartamento com o rude e sexy policial, noite após noite, naquele lindo fim de verão, estava despertando em todo seu corpo impulsos quase “criminosos”...